



Universidade de Évora  
Mestrado Integrado em Arquitectura 2012

Dissertação  
**RECONVERSÃO EM HABITAÇÃO**



Escrita por Mariana Fartaria Ferreira . n19472  
Orientada pelo professor doutor Nuno Crespo  
Co-orientada pelo professor arq. João Nasi Pereira

*Esta tese inclui as alterações sugeridas pelo júri.  
This thesis includes the suggested changes by the jury.*



RECONVERSÃO EM HABITAÇÃO .  
HOUSING CONVERSION .





*à família*  
*aos amigos*  
*aos orientadores .*

## RESUMO .

*“Reconversão. Gerar um lugar no que parecia ser um mero desperdício. É preciso sonhar mais os espaços. Como vamos sonhando estas páginas. São o lugar que criámos. Com os nossos instrumentos e referências e vontades. Um lugar que evoluirá no tempo e nas palavras.”*

*Pedro Jordão, Revista Nu nº02 “Lugares”, p.02.*

Num mundo repleto de ideias e pensamentos, abandonos e perdas, sonhos e conquistas, encontra-se um Homem criador de um mundo próprio no qual a casa é o seu abrigo. Um abrigo, como sinónimo de protecção, pode ser qualquer tipo de espaço, com capacidade de responder a várias exigências e que, a partir de um pensamento lógico, pode ser transformado, renovado, tornando-se em espaço de habitar aberto para um mundo exterior. Um mundo no qual a cidade, feita de descontinuidade, sofreu um processo de crescimento e urbanização, expandindo os seus limites; enquanto que as aldeias permaneceram estagnadas no tempo, não houve evolução apenas o abandono das marcas e actividades próprias de um povo. Esta consequente evolução, principalmente industrial e tecnológica, levou ao abandono de antigos edifícios, os quais desempenhavam uma função utilitária e se mostravam imprescindíveis na vida do homem, tornando-se consequentemente em elementos marcantes na paisagem e na memória de uma época. São exemplos as pequenas fábricas, armazéns, celeiros ou palheiros, moinhos e adegas, esquecidos no tempo, degradados com o abandono. O que deles permanece e sobrevive ao vigor do tempo provoca no homem um estado de sensibilidade, desafiando-o a proteger e a manter de alguma forma a sua história, memória ou simplesmente a sua qualidade material, espacial e formal. Para além de reabilitar ou recuperar o que existe, as preexistências (*De pre-existência, qualidade do que é preexistente, prioridade de existência, existência anterior.*), interessa também reutilizar e reconverter, transformando e dando uma nova função ao espaço. Numa época em que a habitação e o modo de habitar se tornam importantes na vivência do homem, porque não utilizar estas preexistências e transformá-las no seu abrigo, atribuindo-lhes uma nova função mas mantendo a sua própria essência? *“A reconversão é um tipo de intervenção que possibilita uma relativa liberdade no desenho de projecto e tem por base critérios que permitem um maior grau de transformação, face a outro tipo de acções, como o restauro ou a reabilitação.”*<sup>1</sup> Esta intervenção parte da percepção do espaço, da relação que este tem com o lugar e da relação que poderá vir a ter com quem o habitar. Torna-se, desta forma, pertinente questionar de que modo um edifício que foi criado para uma função pode ser transformado em habitação, reconhecendo quais os factores condicionantes ou estimulantes que poderão permitir essa transformação. Há um programa habitacional que de certa forma se ajustará à preexistência como matéria de projecto e que só fará sentido se revelar funcionalidade e conforto, sendo importante a sensibilidade e conhecimento do arquitecto e a relação deste com quem vai habitar – o utente. *“(...) a nova função traz sempre consigo a necessidade de reorganizar a funcionalidade dos espaços para acomodar o novo uso. Este processo que obriga à adaptação dos espaços à nova função é sempre delicado e poucas vezes bem sucedido.”*<sup>2</sup>

A preexistência, muito mais que um limite no processo de projectar, pode tornar-se no elemento provocatório para o questionar de uma nova forma de habitar. Interessa perceber, então, o que é o habitar, o abrigo, a casa; de que forma estes conceitos se relacionam, não só entre eles mas também com a paisagem, o lugar e o homem. Numa intervenção deste carácter, de que modo é alterada a ligação com a paisagem e o território, o lugar, abordando questões como a memória e a essência do

<sup>1</sup> Ana Serrano, “Reconversão de espaços industriais - três projectos de intervenção em Portugal”, p.67.

<sup>2</sup> Maria Pinto Coelho, “Intervir no património”. Citado por Ana Serrano em “Reconversão de espaços industriais – três projectos de intervenção em Portugal”, Outubro de 2010, p.21.

lugar – o *genius loci*. “Podemos dizer que, por numerosos que sejam os tempos e os espaços em que se fala do lugar, é pela impossibilidade de ser outra coisa, que é deste lugar que se refere, e a sua essência nos permite identificá-lo, nomeá-lo e distingui-lo de imediato de todo e qualquer outro lugar.”<sup>3</sup>

Após abordagem e análise destes vários temas, e para complementar este processo, são contextualizadas e analisadas cinco obras de cinco arquitectos diferentes, as quais, para além de se diferenciarem em vários aspectos, têm um ponto comum em relação ao conceito inicial. Ambos projectos partem de preexistências, sendo estas reconvertidas em habitações unifamiliares privilegiando a qualidade arquitectónica. Esta análise descritiva e crítica procura explorar o processo arquitectónico de uma intervenção com esta especificidade, perceber as suas consequências e delimitar as principais condicionantes, compreendendo de que forma estas influenciaram a condição final – a CASA. Uma abordagem baseada numa investigação documental, na procura de perceber o processo projectual perante os diversos contextos em comum entre os cinco casos. Estes são exemplos representativos das questões deste tema e são apresentados segundo uma lógica cronológica na qual não se pretende distinguir por qualquer tipo de relevância. É de notar, nos casos referidos, uma consciente importância em estabelecer diálogos entre a tradição e a contemporaneidade, e um verdadeiro interesse no estudo das várias especificidades inerentes à reconversão de usos. São espaços e formas que sugerem emoções, recriam imagens e indicam referências, num pleno respeito pela tradição, pelas memórias, pela autenticidade do habitar. Cinco arquitectos, de diferentes linguagens, que se recusam a propor modelos ou a seguir regras e padrões, e se mostram conscientes da importância de projectar sobre o construído, com uma forte sensibilidade aliada a um vasto conhecimento. Estes projectos apresentam-se como casos específicos no percurso e nos eixos de referência dos seus autores, sempre ligados às suas próprias vivências passadas e que, de certa forma, influenciaram cada resultado. Procuram uma ética de intervenção equilibrada e perceptível, onde é de notar a preocupação na ideia de continuidade, embora a preexistência seja vista como um elemento provocatório e definidor do projecto, no qual o saber contemporâneo se torna no prolongamento do tempo antigo. São cinco casos nos quais as preexistências apresentam escala e capacidade de integrar um novo programa - habitação unifamiliar. Entre transformações em habitações permanentes ou habitações sazonais e temporárias, quatro dos casos em estudo situam-se em diferentes pontos de Portugal e um só caso num outro país europeu, Bélgica, permitindo assim uma análise mais abrangente e comparativa. São cinco projectos, de cinco diferentes arquitectos, que partem todos de preexistências, cada uma com as suas próprias condicionantes, e que se transformam em cinco diferentes soluções seguindo uma linha de pensamento, de procura e de diálogo semelhante.

Os edifícios rurais, construídos como resposta a uma necessidade existente, eram definidos consoante o tipo de produto que iriam armazenar e consequentemente a altura do ano (estação do ano). Uma arquitectura rural e vernacular definida e caracterizada a partir da relação existente entre a terra e o homem; e por isso seleccionaram-se cinco casos, todos eles diferentes no tipo de função que desempenhavam: a quinta (na qual se armazenavam utensílios e alguns produtos para utilização na

<sup>3</sup> Luís Reis-Alves, “O conceito de lugar”, p.07.

terra), o palheiro (local de armazenamento de palha), a adega (armazenamento e tratamento da uva para transformação em vinho), o sequeiro (armazenamento de fruta e secagem de cereais) e o celeiro (armazenamento de cereais). Partindo destes casos alcançaram-se variadas soluções na procura da continuidade em construir sobre o construído, partindo de memórias e linguagens já definidas, as quais poderiam ser transformadas e definidas como uma nova arquitectura, neste caso contemporânea. No primeiro caso adicionam-se novos volumes aos já existentes, no segundo mantêm-se os materiais e técnicas tradicionais, no terceiro parte-se do preexistente como um limite entre dois tempos, no quarto caso reconstrói-se a preexistência e redefine-se as suas proporções e dimensões e, no último caso é o próprio arquitecto que acaba por ser o habitante, permitindo assim uma relação mais acertada entre a transformação do espaço construído e quem o irá habitar.

1 . *“Senti necessidade de não alterar a relação deste núcleo construído com a paisagem, como se fosse só um volume, só uma casa. E no entanto articulá-lo. Há mais núcleos deste tipo, nem sempre bem articulados. É fundamental manter a concentração das construções e não disseminar.”*

Arquitecto **Álvaro Siza Vieira** - antiga quinta . **Casa na Bélgica** . 1997\_2003.

2 . *“É a tentativa de fundir os tempos num tempo que é híbrido em que aparece, de alguma forma, à vista a cara do edifício em diferentes tempos.”*

Arquitecto **João Mendes Ribeiro** - antigo palheiro . **Casa em Cortegaça** . 2000\_2004.

3 . *“O que é rico no processo, é desenhar o espaço que existe entre as duas coisas, é desenhar o ar entre o limite exterior e os novos compartimentos que precisam de existir. E não só o programa como o desenho é organizado em ordem a esse espaço que fica.”*

Arquitectos **Manuel e Francisco Aires Mateus** - antiga adega . **Casa em Brejos de Azeitão** . 2001\_2003.

4 . *“Entre a absoluta fidelidade ao preexistente, necessariamente obrigando a um qualquer acréscimo, e a sua reinterpretação num novo modelo que preservasse a sua essência, escolhemos o segundo caminho. Assim renasceu o sequeiro (...).”*

Arquitecto **José Gigante** - antigo sequeiro . **Casa em Guimarães** . 2002\_2005.

5 . *“Ardeu um celeiro em Montemor. Alguém aproveitou a oportunidade, compartimentou o espaço e fez uma casa banal. Amanhou o quintal, cuidou da nogueira e rasgou janelas para a rua principal. Depois de habitada, a casa foi novamente abandonada.”*

Arquitecto **Miguel Figueira** – antigo celeiro . **Casa de Montemor** . 2006

#### ABSTRACT .

*“Conversion. Generate a place in what appeared to be a mere waste. We need to dream more spaces. How we are dreaming these pages. They are the place that we created. With our tools, references and wills. A place that will evolve over time and words.”*

*Pedro Jordão, Revista Nu nº02 “Lugares”, p.02.*

In a world full of ideas and thoughts, abandonment and losses, dreams and achievements, there is a man creator of his own world in which the home is his refuge. A shelter as synonymous of protection may be any type of space, capable of responding to various requirements and which, from a logical thought, can be transformed, refurbished, becoming a living space open to an outside world. A world in which the city, made of discontinuity, underwent a process of growth and urbanization, expanding its limits, while the villages remained stagnant over time, there was no evolution only the abandonment of their own brands and activities of the people. This subsequent developments, especially industrial and technology, led to the abandonment of old buildings, which played a utilitarian function and showed themselves indispensable in the life of man, thus becoming its main features in the landscape and memory of a time. The examples are small factories, warehouses, barns, mills and wineries, forgotten over time, degraded with abandonment. What remains of them and survive the force of time, cause in man a state of sensitivity, daring him to protect and maintain somehow their story, memory or simply its quality material, spatial and formal. Besides to rehabilitate or restore what exists, preexistence (De + pre-existence, quality that is preexisting priority of existence, former existence.), also interested to reuse and convert, turning and giving a new function space. At a time when housing and way of living become important in the experience of man, why not use these preexistences and turn them to their shelter, giving them a new function but keeping its essence? *"The conversion is a type of intervention which allows a relative freedom in the design of the project and is based on criteria that allow a greater degree of transformation, compared to other types of actions, such as the restoration or rehabilitation."* This intervention starts of the perception of space, the relationship that it has with the place and the relationship that is likely to have with whoever who will inhabit it. It is thus pertinent to question how a building that was created for a function can be turned into housing, recognizing what factors or conditions that may enable this exciting transformation. There is a housing program that somehow adjusts the preexistence as required design and that will only make sense if they prove functionality and comfort, it is important the sensitivity and knowledge of the architect and the relationship with those who will inhabit - the user. *"(...) the new function always brings the need to reorganize the functionality of spaces to accommodate the new use. This process that requires adaptation to the new function spaces is always delicate and rarely successful."*

The preexistence, much more than a threshold in the process of designing, can become the provocative element to question for a new way of living. Interest realize then what is inhabit, shelter, house, how these concepts relate, not only among themselves but also with the landscape, place and man. In an intervention of this nature, how the connection is changed with the landscape or territory, the place, approaching issues such as memory and essence of the place - the genius Loci. *"We can say that, for numerous times and spaces in which we speak of the place, is the inability to be anything else, that this place is referred, and its essence allows us to identify it, name it and immediately distinguish it from any other place."*

After the approach and analysis of various topics and to complement this process, are contextualized and analyzed five works from five different architects, which, in addition to differentiate into various aspects, have a common point in relation to the initial concept. Both projects start with preexistences,

which are converted into private homes, privileging architectural quality. This descriptive analysis and critique seeks to explore the process of architectural intervention with this specificity, realize the consequences and outline the major constraints, including how these have influenced the final condition – THE HOUSE. An approach based on documental research, in seeking to understand the design process before the various contexts in common among the five cases. These are representative examples of this theme and are chronologically presented according to a logic in which it is not intended to distinguish any kind of relevance. It is noted, in the cases mentioned, a conscious importance of establishing dialogue between tradition and contemporaneity and an interest in the study of various specificities of the conversion of uses. They are spaces and shapes that suggest emotions, recreate images and indicate references, in a full respect of tradition, memories and authenticity of inhabitat. Five architects, different languages, who refuse to propose models or follow rules and standards, and show they aware of the importance of planning on the built, with a strong sensitivity combined with a vast knowledge.

These projects are presented as special cases in the course and reference axes of the authors, always connected to their own past experiences and that somehow influenced each result. They seek a balanced and noticeable intervention ethic where it is noted the concern on the idea of continuity, although the preexistence is seen as provocative and defining element of the project, on which contemporary knowledge becomes the extension of the old time. There are five cases, which one with scale and capacity to integrate a new program - single-family housing. Between changes in seasonal and permanent housing or temporary housing, four of the case studies are located in different points in Portugal and one case in another European country, Belgium, permitting a more comprehensive and comparative analysis. There are five projects of five different architects, starting all of the preexistence. Each one with its own constraints become a different solution with a similar line of thought and dialogue. The rural buildings, when constructed as a response of existing needs, were defined according to the type of the product that would store and consequently to the time of year (season). A rural and vernacular architecture defined and characterized by the existent relationship between man and earth, and so became a selection of five cases, all of different type of role they played, the farm in which utensils were stored and some products for use on land), the haystack (local storage of straw), the cellar (storage and transformation of grapes for processing into wine), the sequeiro (fruit and cereals storage and drying place) and the barn (grain storage). All the cases reach several solutions, on which architect sought to build on the built, with memories and languages already defined that could transform and define such a new architecture, in this case, contemporary. In the first case new volumes are added to those already existing, on the second the architect keeps the traditional materials and techniques, on the third the architects start of the preexisting as a boundary between two times, in the fourth case the architect rebuilds the preexistence and redefines its proportions and dimensions, on the last case, is the architect himself who ends up being the inhabitant of the new space, thus allowing a more accurate relationship between the transformation of the built and who will inhabit.



1 . *"I felt the need to not change the core of this relationship built with the landscape, as if only one volume, only a house. And yet articulate it. There are more such centers, not always well articulated. It is essential to maintain the concentration of buildings and not spread."*

Architect **Álvaro Siza Vieira** - old farmhouse. **House in Belgium**. 1997\_2003.

2 . *"It is the attempt to merge times in a time which is hybrid in which it appears in some way to view the face of the building at different times."*

Architect **João Mendes Ribeiro** - old haystacks. **House in Cortegaça**. 2000\_2004.

3 . *"What is rich in the process is to design the space that exists between the two things, is to draw air from the outside limit and new compartments that need to exist. And not only is the program as the design arranged in the order of that left space."*

Architects **Manuel and Francisco Aires Mateus** - old wine cellar. **House in Brejos Azeitão**. 2001\_2003.

4 . *"Among the absolute fidelity to preexisting necessarily forcing any one add, and its reinterpretation in a new model that preserves its essence, we chose the second path. The 'sequeiro' has reborn (...)."*

Architect **José Gigante** - old upland. **House in Guimarães**. 2002\_2005.

5 . *"It burned a barn in Montemor. Someone took the opportunity, partitioned the space and made a vulgar house. Arranged the yard, took care of the walnut tree and ripped windows to the main street. Once populated, the house was again abandoned."*

Architect **Miguel Figueira** - old barn. **House Montemor**. 2006



o celeiro o palheiro *i.01*  
o sequeiro a quinta a adega

*“A casa do homem do campo, comparada com o decorrer da história, é eterna, como ele próprio. Não conhece limitações de lugar e tempo, conserva-se quase imutável (...)”*

*“Arquitectura Popular em Portugal”, p.198.*

## ÍNDICE .

Resumo . Abstract . **04**

Paisagem e território . **15**

. definição e relação mútua

. importância na arquitectura

. importância neste tipo de intervenções

Lugar e memória . **20**

. definição e relação

. Genius Loci

. o lugar existencial

. transformação, carácter e essência do lugar

Habitar . a casa . **25**

. definição . o habitar pelo olhar de Heidegger

. habitar/construir . habitar/morada . definição e relação

. a casa e o arquitecto

O processo de reconversão . **30**

. a importância da reconversão

. a rua . **34**

. a ruralidade . **39**

. a reutilização . forma . função . **43**

. a escala . **47**

O arquitecto como organizador do espaço . **51**

Os cinco casos de estudo . exemplos . análise . **55**

Uma antiga **quinta**, a casa e a arte . Casa na Bélgica 1997\_2003. Álvaro Siza Vieira . **57**

O **palheiro**, o cenário da casa . Casa em Cortegaça 2000\_2004. João Mendes Ribeiro . **75**

A **adega** como limite da casa. Casa Brejos de Azeitão 2001\_2003. Francisco e Manuel Aires Mateus . **93**

Um antigo **sequeiro**, uma nova casa . Casa em Guimarães . 2002\_2005. José Gigante . **105**

O velho **celeiro** transformou-se na casa . Casa em Montemor 2006. Miguel Figueira . **117**

Análise conclusiva . **127**

Notas . **133**

Notas bibliográficas . **134**

Índice de imagens . **141**



## PAISAGEM E TERRITÓRIO .

Paisagem, termo que ao longo do tempo foi adquirindo vários significados; muito mais que designar um facto geográfico, inicialmente era utilizado para definir a arte de representar, através da pintura, um acontecimento numa realidade geográfica. *“A paisagem evoluiu da representação de um espaço geográfico, primeiro naturalista e depois abstracta, para a metáfora da representação dos mundos da mente, da imaginação, dos ideais.”*<sup>4</sup> É uma palavra que adquiriu vários conceitos, e a qual é questionada e interpretada por várias áreas de estudo, desde a geografia, a literatura, à arquitectura, mas nunca deixando de fazer sentido. O conceito mais comum define paisagem como espaço territorial focado pelo olhar, sendo definida pela visão e interpretada pela mente, tornando-se real quando tomamos plena consciência dela. *“(…) a paisagem é uma maneira de ver o mundo.”*<sup>5</sup> Não só ver, mas também cheirar, ouvir e sentir, complementando este conceito com factores que permitem diferenciar cada paisagem, atribuindo-lhes marcas próprias. Esta envolveria do homem assume-se como um factor determinante para a existência da paisagem, não apenas habitando nela mas sendo essencialmente uma parte funcional e definidora. *“A paisagem quer dizer país, região + -agem, agir, ou seja, agir sobre a região. Quem age sobre a região, é o homem. A paisagem é uma construção humana, feita, fundamentalmente, com materiais vivos.”*<sup>6</sup> Pode ser considerada como uma matéria viva que evolui gradualmente como um todo, numa relação paralela às vivências e ideais do homem, procurando atingir ordem, beleza e equilíbrio. Assume-se, assim, como algo humanizado, tendo sofrido transformações com a intervenção do homem, ficando apenas alguns vestígios daquela paisagem, noutro tempo, virgem. *“A paisagem é tudo. (...) A paisagem não é natural. É construída com elementos naturais. É do homem, como uma casa. O homem faz a paisagem com materiais vivos e com solo duro. É uma construção artificial, baseada nas leis da Natureza. Os seus elementos estão sujeitos à Lei da Vida. Portanto, há uma dinâmica e lógica da paisagem, da parte essencial da paisagem. Não podemos separar a paisagem e tratá-la como uma “coisa” para o turismo ou como um valor apenas de cenário.”*<sup>7</sup> Separa-se e une-se em conceitos, procurando sempre a sua identidade, como algo valioso que nos sujeita a sentimentos de pertença e referência no espaço onde nos movimentamos. Articula-se entre o espaço rural e o urbano, numa íntima e inseparável relação, na qual o construído se torna o contínuo na paisagem, o cultivo e áreas livres marcas pontuais numa ligação descontínua.

A paisagem traduz a forma como nos relacionamos com o espaço que habitamos mas também nos questiona e limita quando se pretende intervir nela, num processo aberto a várias questões, procurando sempre a harmoniosa relação entre a natureza, o homem e o tempo. *“A paisagem não se esgota, contudo, nesta dimensão de suporte das relações que se estabelecem entre Natureza, Cultura e Tempo. A paisagem é um processo aberto, e ainda que possa ser representada literária e pictoricamente, é uma realidade socialmente cognitiva, é um processo eidético, ou seja, é mais que um objecto quantificável, é uma ideia, é uma forma cultural de olhar, ou melhor, de nos relacionarmos com o espaço que nos*

<sup>4</sup> Teresa Alves, “Paisagem – Em busca do lugar perdido”, revista Finisterra, p. 68 .

<sup>5</sup> Teresa Barata Salgueiro, “Paisagem e geografia”, revista Finisterra, p. 38 .

<sup>6</sup> Gonçalo Ribeiro Telles, “O que é a paisagem?”, Jornal Pessoas e Lugares.

<sup>7</sup> Ibidem.

envolve.”<sup>8</sup> A paisagem muito mais que um simples cenário assume-se como um instrumento definidor de uma arquitectura, sendo ponto de partida e parte integrante do projecto. É preciso interpretá-la e compreendê-la, seguindo uma linha de pensamento até à verdadeira arquitectura. “(...) é a partir do espaço da paisagem e da forma como se organiza e se nos apresenta que nós podemos compreender como o homem habitou, o transformou ao longo do tempo e dele gerou. Gerou aquele que nos chega. E portanto é desta leitura, da impressão que a paisagem dá, que eu parto para poder operar sobre ela.”<sup>9</sup> A paisagem é “um território visto e sentido, cada vez mais subjectivo e elaborado pela mente. O enfoque centra-se no indivíduo, nas suas práticas e nas representações que elabora do mundo exterior, no modo como é visto, percebido e sentido.”<sup>10</sup>

Território não é apenas uma grande extensão de terra, faz parte da identidade do homem e do mundo, onde uma estreita relação permite o seu ordenamento e consequentemente o seu profundo conhecimento. Sendo assim, o território está sempre em constante transformação numa procura de equilíbrio e mútuas relações com a arquitectura e quem a habita, sendo um elemento portador de cultura e identidade. É esta identidade que permite ao homem (re)conhecer o território como elemento único, assim como também permite reconhecer a paisagem e a que território esta pertence. É a natureza que define o território, sendo este o suporte material de qualquer paisagem, a qual se tornou num elemento de identificação cultural. “A paisagem é principalmente uma construção mental a partir da percepção e vivência no território.”<sup>11</sup> É esta composição e relação entre os vários elementos constituintes da paisagem que acaba por definir a sua beleza e a do território a que pertence, pois a beleza está no que é essencial e no que nos permite descobrir o seu sentido por nós próprios. É este equilíbrio e beleza que se encontra quando a arquitectura se integra *naturalmente* no território, não procurando provocar emoções mas sim permiti-las. “E penso sempre que a arquitectura só faz sentido se conseguir criar uma espécie de climax em relação à compreensão e à expressão de questões que são fundamentalmente questões do território (paisagem).”<sup>12</sup>

O espaço, a matéria, o tempo estão presentes na paisagem, no território, e definem-se como elementos de uma arquitectura que não é abstracta, mas sim real e concreta. Uma arquitectura que parte de uma percepção e análise sensível de um território, de uma paisagem, criando uma relação íntima entre o que já existia e o que passou a existir. É aqui que a arquitectura começa a fazer sentido, integrando-se, de *forma natural*, no mundo em que se insere, ganhando a sua própria essência, parecendo que sempre ali existiu e apenas ali faz sentido. É este equilíbrio e esta beleza entre arquitectura e paisagem que permite ao homem sentir, emocionar-se e vivenciar a sua essência. É por isso que estes conceitos são tão importantes quando se fala e se cria arquitectura, são parte integrante no desenvolvimento de uma ideia, de um projecto e sem este processo de conhecimento e pensamento sensível, não seria possível criar a verdadeira arquitectura. “Uma arquitectura que se forma a partir da

<sup>8</sup> Aurora Carapinha, “Escrita na Paisagem”, p. 09 e 10.

<sup>9</sup> João Gomes da Silva, “Escrita na Paisagem”, p. 10.

<sup>10</sup> Teresa Barata Salgueiro, “Paisagem e geografia”, revista Finisterra, p.45.

<sup>11</sup> Ibidem, p.44.

<sup>12</sup> Luís Carrilho da Graça, “Escrita na Paisagem”, p. 09.

*paisagem e uma paisagem que é reinventada, construída e transformada em arquitectura.*”<sup>13</sup> Interessa perceber de que forma, este tipo de intervenções de reconversão, se relacionam com a paisagem e o território, sendo que haverá uma alteração tanto da função como da linguagem e das vivências que, noutro tempo, aquele edifício conteve. Questiona-se que tipo de leitura se deve ter em relação a uma paisagem, a um território, a um edifício já conformados e em estreita relação, em equilíbrio ou não. É o tipo de abordagem que poderá marcar o território e transformar a paisagem, sendo importante a percepção e sensibilidade perante essa mesma leitura do que existe e se transformou ao longo do tempo. *“A natureza é vista como uma colecção de coisas materiais cujas razões e relações a arquitectura tem a missão de revelar. Por consequência, devemos modificar, repetir, medir, localizar e utilizar a paisagem de forma a conhecer e ir ao encontro do meio como uma totalidade geográfica de coisas concretas que são inseparáveis da sua organização histórica.*”<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Marta Pedro, “Land arch construir paisagem”, NU 02, p.04.

<sup>14</sup> Vittorio Gregotti, “Território e arquitectura”, 1985, em “Teoria e crítica da arquitectura do séc.XX”, p.853 .



*i.02*



*“O futuro da paisagem está intimamente relacionado com o nosso futuro. A paisagem não é um ordenamento, não é um bilhete postal ilustrado, não é uma fonte de receita por si própria, representa a identidade cultural do País e a natureza equilibrada de instalação da população. O futuro da paisagem está comprometido pela agricultura, a floresta, o urbanismo, por toda uma política que cria soluções temporárias de riqueza.”*

*Gonçalo Ribeiro Telles, “O que é a paisagem?”, Jornal Pessoas e Lugares.*

LUGAR: (do lat. Locále, «do lugar») espaço ocupado por um corpo; sítio; local; posição; ordem.<sup>15</sup> O conceito de lugar é muito mais do que um simples significado, é um conceito abstracto, identitário e relacional, que se revela quando um espaço adquire definição e significado. É importante a existência do homem, pois sem ele esse espaço não seria lugar, mas apenas um sítio onde todos os atributos espaciais e ambientais actuam. *“O lugar pode ser tudo aquilo que vejo. O lugar pode ser tudo aquilo que não quero ver. Pode ser um factor determinante ou um mero fait-divers. E talvez não seja nada disso. Fonte interminável de equívocos, havendo quem ainda não perceba que não há fórmulas e que o lugar é menos o que se encontra e mais o que se deixa. O lugar não se dá. Conquista-se.”*<sup>16</sup> É esta conquista de valores e significados que o homem, entre vivências e em função do tempo, obtém por aquele espaço indeferenciado, que o transforma em lugar. É um espaço com carácter, expressão e energia, onde a atmosfera adquire um papel provocador e marcante, definindo o que é a essência do lugar. *“Por numerosos que sejam os tempos e os espaços em que se fala do lugar, é pela impossibilidade de ser outra coisa, que é deste lugar que se refere, que a sua essência nos permite identificá-lo, nomeá-lo e distingui-lo de imediato de todo e qualquer outro lugar.”*<sup>17</sup> Esta essência é como uma identidade do lugar, o seu *stabilitas loci*, definido pelos gregos como uma condição necessária à vida humana. Na antiguidade acreditava-se que a essência de cada ser independente era determinado pelo *genius*, um espírito guardião. Todo o ser vivo, assim como cada lugar, tinha o seu *genius*, *genius* de um lugar - *genius loci*; julgavam que era este espírito que dava a vida e determinava a sua essência, tornando-se importante a relação que tinham com o lugar pois a sua sobrevivência dependia dela. Em arquitectura, atingir o *genius loci* resulta da concretização de uma construção, de um objecto concreto, o qual se apresenta em perfeito equilíbrio com as propriedades do lugar, tornando a relação do lugar com o homem mais próxima e íntima. Qualquer que seja a intervenção sobre um lugar existente, desde transformar um edifício, ligá-lo a outros ou construir um novo, pressupõe alterar o *genius loci*, logo aquele lugar deixa de ser o que é e passa a ser aquilo que quer ser. Para além desta crença, filósofos e arquitectos, ao longo dos anos, questionaram, pesquisaram e trabalharam sobre este tema, acreditando em relações entre o ser e a natureza, o *eu* e o *lugar*. Norberg-Schulz<sup>18</sup>, arquitecto, historiador e teórico, defendia que *“o lugar é a concreta manifestação do habitar humano”*<sup>19</sup>; em que o homem simplesmente habita o espaço, modificando-o e qualificando-o, para este se transformar em lugar. Schulz entendia que o lugar era constituído por elementos concretos, naturais, com forma, cor e textura, e que revelavam, através de uma relação mútua, a essência do lugar. Por revelar a experiência do viver e do carácter do homem, Norberg-Schulz, afirmava que a arquitectura era a arte do lugar, destinada a criar equilíbrio na relação com o homem. Procurou desenvolver e interpretar as ideias do filósofo Martin Heidegger<sup>20</sup>, tendo como base essencialmente o seu ensaio “Construir, habitar, pensar”, no qual desenvolveu a ideia de lugar existencial. Quando o homem habita um lugar específico e o

<sup>15</sup> [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

<sup>16</sup> Pedro Jordão, “Lugares”, NU 02, p. 02 .

<sup>17</sup> Luís Augusto dos Reis-Alves, “O conceito de lugar (1)”, p.07 .

<sup>18</sup> Ver em notas.

<sup>19</sup> Luís Augusto dos Reis-Alves, “O conceito de lugar (1)”, p.05 .

<sup>20</sup> Ver em notas.

quadripartido (terra, céu, seres mortais e seres divinos) se reúne, o lugar existencial atinge a sua plenitude. Este é um lugar que necessita do habitar para obter significado e sentido. *“Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que, propriamente, acontece o habitar.”*<sup>21</sup> O lugar existencial de Heidegger era definido pelo seu carácter, que dependia da constituição do lugar e se modificava em função do tempo, e pela sua estrutura, definida pelo meio envolvente incluindo as características do espaço e carácter. Afirmava a paisagem e o meio humanizado como elementos estruturadores do lugar, o espaço e o carácter como seus definidores, os quais juntos revelam o espaço vivido. Estes são elementos que, ao longo do tempo, vão sofrendo transformações, podendo afirmar-se que *“a estrutura do lugar não é uma condição fixa, eterna.”*<sup>22</sup>

*“Se um lugar permanecesse estático, sem nenhuma forma de exposição ao movimento incessante do porvir, não seria na verdade um lugar.”*<sup>23</sup> Com tudo isto, o propósito existencial da arquitectura é tornar um sítio num lugar, revelando os significados existentes no meio envolvente. O seu momento fundamental é precisamente compreender o espírito do lugar, protegendo assim a terra, tornando-se parte de um todo. No passado, acreditava-se que a sobrevivência do homem dependia de uma boa relação com lugar, hoje acredita-se que o grande papel do arquitecto é o de criar lugares significativos para uma plena existência do homem. *“Os arquitectos são construtores de lugares.”*<sup>24</sup> Constroem lugares através de um processo de modificação que nos revela, não só a sua existência como parte de um todo preexistente mas também a capacidade de alterar parte de um sistema transformando o todo. *“É a modificação que transforma o lugar em arquitectura. E estabelece o acto simbólico original de contacto com o tema, o ambiente físico, com a ideia de natureza como um todo.”*<sup>25</sup> É através do projecto que este processo de modificação se desenvolve, transformando o espaço, composto de diferenças e descontinuidades, num sistema de relações e distâncias, relacionadas com a ideia de lugar. Cada solução está estreitamente dependente de cada contexto ou envolvente, sendo essa posição que torna cada lugar incomparável, possuidor de um carácter único. *“Um lugar criado pelo homem pode ser entendido como um edifício que assenta no chão e se eleva para o céu. O carácter desse lugar é determinado pela forma como o assentar e o elevar-se é concretizado.”*<sup>26</sup> Um lugar é reconhecido porque é construído, é identificado por uma construção, podendo esta ser uma marca, um símbolo ou uma simples vontade em revelar um fragmento do território, materializando-se a partir da arquitectura. É a forma como os espaços são articulados e as várias relações criadas entre eles, que vão definir o seu carácter e revelar a plena essência daquele lugar. Essência como um conjunto de elementos constitutivos, sem os quais não teria realidade alguma, é o que uma coisa é ou o que compreendemos que ela é, logo a essência do lugar e da arquitectura é a sua existência. *“A plenitude da essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços.”*<sup>27</sup> A essência do lugar encontra-se no interior de quem o vivência, encontra-se no homem que nele habita, logo a identidade do homem pressupõe a identidade do lugar,

<sup>21</sup> Martin Heidegger, *“Construir, habitar, pensar.”*, 1951.

<sup>22</sup> Christian Norberg-Schulz, *“Genius Loci – Paesaggio ambiente architettura”*, 1979, p.18.

<sup>23</sup> Nuno Higinio, *“Álvaro Siza - Desenhar a hospitalidade”*, p.31.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.2.

<sup>25</sup> Vittorio Gregotti, *“Território e arquitectura”*, 1985, em *“Teoria e crítica da arquitectura do séc.XX”*, p.853.

<sup>26</sup> Amílcar Pires, *“Carácter da arquitectura e do lugar”*, *Artitextos06*, p.119.

<sup>27</sup> Martin Heidegger, *“Construir, habitar, pensar.”*, 1951.

sendo esta identificação a base do sentimento de pertença de um lugar ao homem. É o sentimento de pertencer ao lugar que constrói o espaço íntimo e marca as vivências de uma vida. Lugar, é uma consequência das relações humanas com a natureza, construindo ligações numa rede de significados e sentidos.

O lugar faz parte da existência, não permanecendo estático, de facto, muda em função do tempo, *“tem sido ao longo da história a referência estabilizadora da memória, o lastro de permanências que estabelecem a continuidade cultural que cada geração vai acrescentando e revendo.”*<sup>28</sup> O lugar é tão incorpóreo quanto o próprio tempo, variando com as pessoas, com as épocas, com os seus ideais, mas nunca deixando perder a sua identidade. Em cada novo projecto, novo lugar, é possível transportar geografias físicas ou humanas provenientes de espaços distantes, *“como reflexos de memórias fortíssimas que se assimilam e se querem transmitir”*.<sup>29</sup> Sendo que construir um lugar significa substituí-lo por outro, interessa manter esta ligação com o tempo e memória, permitindo criar uma nova possibilidade de relação entre o lugar e o homem. São as características e as possibilidades anteriores, as quais identificam um determinado lugar, que através de um dado processo, como o desenho, permitem projectar um novo lugar. Desenhar é um modo de exercitar a memória, criando assim desenhos repletos de história, de inconsciente memória e incalculável sabedoria. *“O desenho escreve, descreve, espacia lugares, projecta, inventa lugares, constrói lugares.”*<sup>30</sup> Se é o arquitecto que constrói lugares, pode afirmar-se que o lugar não é o princípio de um projecto mas sim o fim.

<sup>28</sup> *Arquitectura e Vida* nº47, “Os lugares das memórias e das partidas”, p.41 .

<sup>29</sup> Ana Vaz Milheiro, “A invenção do Lugar”, NU 02, p.08 .

<sup>30</sup> Nuno Hígino, “Álvaro Siza - Desenhar a hospitalidade”, p.27 .

*“Um lugar tem de se tornar uma paisagem interior para que a imaginação comece a habitar esse lugar e fazer dele seu teatro.”*

*Italo Calvino, “Um eremita em Paris”, p.103.*



*i.03*

## HABITAR . A CASA .

*“A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o Buan, o habitar. Ser humano significa estar na terra como um mortal, significa habitar.”<sup>31</sup> É o ser daquela maneira e estar no mundo que o homem habita, é a sua essência. A existência do homem permite este habitar sobre a terra, o qual só se torna autêntico com a plena construção de um lugar, numa relação harmoniosa entre a natureza, o homem e o divino. Habitar é a plena apropriação de um lugar no mundo, através da qual o homem se assume como ser. “Habitar é construir um lugar, prolongar-se a si mesmo sobre o lugar para que ele responda como um eco às nossas acções e pensamentos.”<sup>32</sup>*

O termo habitar, sendo uma acção ligada ao presente, é também definido por um conceito mais concreto, plural e colectivo, o qual parte de um conjunto de acções quotidianas. Habitar pode significar transformar a natureza de forma a responder às necessidades do homem, como simplesmente significar abrigar-se em algo. Mas mais concreto ainda, é definir o habitar com os termos ocupar, povoar, viver em, estar em. Sob este sentido, partindo de termos concretos, pode-se voltar à sua definição abstracta, concluindo que o habitar é a existência do homem num lugar, o qual constrói à medida que habita. *“O construir autêntico acontece onde existem poetas, tais poetas são a medida para arquitectura, a estrutura do habitar.”<sup>33</sup>* Para Norbert-Schulz o habitar, muito mais que um simples abrigo, significava encontrar harmonia num lugar protegido, sendo o acto de diferenciar ou marcar o espaço, convertido no acto de construir e na autêntica origem da arquitectura. Alcançamos o habitar apenas pelo construir, sendo que o construir não pode separar-se do habitar. *“Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem o habitar como meta.”<sup>34</sup>* Para Heidegger interessava perceber o porquê do construir e qual o seu significado, expressando um pensamento de retorno às origens, alcançando a plena consciência, e defendendo que só assim poderemos transformar um mero alojar-se num autêntico habitar. Para além de estabelecer uma relação com a natureza, o construir, deve também estabelecer uma estrita relação com as memórias passadas. *“Ao habitar pertence um construir e que dele recebe a sua essência.”<sup>35</sup>* Construir é edificar lugares, criar, produzir e articular espaços, permitindo revelar a própria essência deles.

A verdadeira origem do termo habitar está na presença humana sobre a terra, logo pode significar simplesmente a forma como o homem vive, existindo. Em qualquer dos casos, habitar significa viver num lugar protegido, fazendo parte dele, ocupando o espaço. *“Habitar não é de maneira nenhuma um estado estático do homem, uma territorialização, uma espécie de sedentarização, um fechamento, é, sim, abrigo, mas o abrigo só existe quando há abertura.”<sup>36</sup>* É a constante procura de um refúgio, numa complexa relação com o espaço, exposto a um certo carácter ambiental. Este é o objectivo da arquitectura e a razão pela qual existe, dar sentido ao habitar do homem sobre a terra, construindo. Esta tomada de consciência da necessidade de um espaço protegido levou à plena transformação da paisagem e do território. Quando a arquitectura modifica o espaço, através da construção, estabelece

<sup>31</sup> Martin Heidegger, *“Construir, habitar, pensar.”*, 1951.

<sup>32</sup> Magda Mária, Pere Fuertes, *“As formas de habitar”*, *Arquitectura Ibérica* nº32, p.06 .

<sup>33</sup> Martin Heidegger, *“Construir, habitar, pensar.”*, 1951.

<sup>34</sup> *Ibidem.*

<sup>35</sup> *Ibidem.*

<sup>36</sup> José Gil, *“Falemos de casas em...Portugal”*, p. 91 .

um diferente significado ao termo habitar. Este é associado usualmente à morada, um local por nós apropriado e reconhecido como o nosso espaço individual. A arquitectura transforma um lugar em morada, onde se apresentam traços definidores de uma identidade, demarcando um limite entre um mundo exterior e um mundo interior. “A morada humana é (...) o local onde o “em casa” do homem se realiza.”<sup>37</sup> A morada é o lugar do habitar real, onde fronteiras universais e térreas se transformam em energias emotivas e afectivas, marcando a plena vivência do homem. Assim, toma-se como evidente que o habitar também parte através de acções quotidianas e relações sociais, essenciais na vida do homem, e que à partida se diferenciam entre o seu próprio espaço individual e o espaço social. É através deste viver que o homem, de uma forma inconsciente, conhece o lugar onde está, identificando-o e conhecendo-o como aquele distinto lugar. Isto é o habitar, “um universo de aproximações, de aconchegos, de tactear e de sons que acabam por informar e enformar o quotidiano.”<sup>38</sup> É o habitar que permite esta relação do homem com os lugares e para com o espaço, no qual o corpo, o território, a casa e o *cosmos* subsistem numa íntima e equilibrada relação que se afirma no quotidiano. “Habitar a cidade significa, por exemplo participar de um quotidiano em que à partida a rua é uma passagem e a casa é o ponto de partida, assim como o ponto de chegada.”<sup>39</sup>

A casa, como elemento principal nesta intensa relação com o mundo quotidiano, onde o habitar pleno se realiza em todas as suas dimensões, tornou-se num “registo da escrita e da leitura dos modos de fazer e habitar”<sup>40</sup>. A casa é inseparável da cidade, embora não corresponda ao elemento principal, é evidente que, ao longo do tempo, construiu (e ainda constrói) a cidade e as aldeias. Transformando-se num elemento central, tornou as ruas e as praças em lugares mais anónimos, sendo a casa o veículo de ligações e relações entre o colectivo e o privado, a sociedade e o indivíduo, o valor da forma e o valor do lugar. É um conjunto de movimentos, é a relação entre o interior e o exterior, tornando-se num elemento de passagem, parecendo “falar com a rua”. A casa é algo que cria um vínculo com o lugar, numa ligação forte e sensual, constituindo ela própria o seu lugar de memória. Deixou de ser um simples espaço de actividades, para se tornar num palco de representações, lugar de memórias e sentimentos, onde o homem se encontra com a sua intimidade. “Existe uma visão dulcificada e pacífica da casa, a ideia de que ela é uma espécie de prolongamento da pele, uma forma de protecção da intimidade; que nela se joga uma relação séria e profunda entre o íntimo e o exterior.”<sup>41</sup> A memória, como dimensão básica, é indispensável da construção, podendo afirmar-se que “a casa de hoje surge na continuidade da casa de ontem”<sup>42</sup>. Não se constrói um futuro sem a memória, esta é a consciência de transformações, percursos, progressos, decisões, sendo estes entendimentos essenciais na vivência da casa, na vivência do homem. São as transformações na forma de viver a casa que levam a um questionar do habitar, sendo que os núcleos centrais da vida na casa modificam-se como consequência da construção de identidades pessoais mais individualistas. Perceber de que forma se vive o interior da casa passa pelos objectos que nela existem e pela relação que estes têm com quem os utiliza. São eles

<sup>37</sup> Gorjão Jorge, “Lugares em teoria”, p. 93.

<sup>38</sup> Carlos Nogueira, “Falemos de casas em...Portugal”, p. 108.

<sup>39</sup> Luís Loureiro, “Homeless people – Habitar o inabitável”, NU 27, p.05.

<sup>40</sup> Álvaro Domingues, “De que é que se fala quando se fala de casas?”, *Jornal Arquitectos* 224, p.49.

<sup>41</sup> José Bragança de Miranda, “Falemos de casas em...Portugal”, p. 94.

<sup>42</sup> Gorjão Jorge, “Lugares em teoria”, p. 97.



que influenciam na identidade das pessoas, sendo que a nossa identidade é formada a partir da relação que temos com esses objectos, passando a fazerem parte da nossa memória. *“Fazer uma casa permite ao arquitecto não só pensar na questão do habitar, mas principalmente abrir-se à experimentação linguística e espacial.”*<sup>43</sup> O arquitecto cria casas para utentes com práticas e desejos diferentes e individualizados, este é um tema que representa a relação entre a vida e o edifício, entre o saber do arquitecto que projecta e o saber das pessoas que nela irão viver. *“O projecto de uma casa (...) exige um esforço notável, visto que devem ser analisados em profundidade os hábitos, as necessidades e as aspirações da família que ali irá habitar. É necessária uma análise particularmente cuidada para que a resposta projectual seja muito detalhada, no respeito do programa, das funções e do aspecto estético.”*<sup>44</sup>

Quando se pensa a casa é incontroverso pensar a sua relação com a questão do habitar. Nesta relação, procura-se uma transformação dos factores condicionantes do espaço em sensações, emotivas e afectivas, em pensamentos e visões que, directa ou indirectamente vão influenciar a vivência de cada um. O espaço é pensado pelo arquitecto de forma a responder a uma necessidade, sendo relevante a percepção de como esse espaço pode marcar o homem e transformá-lo. O habitar adapta-se, assim como o homem se apropria da casa, das memórias e da sua própria existência. O habitar não existe sem o homem, a casa não subsiste sem as vivências quotidianas, o questionar não se amplia sem o arquitecto. *“Da acção do arquitecto espera-se, pois, o desenho de um marco habitável – não existe arquitectura sem projecto, não existe projecto sem memória, não existe memória sem ideias, não existe arquitectura sem habitante.”*<sup>45</sup>

<sup>43</sup> Alexandre Alves Costa, *“Falemos de casas em...Portugal”*, p. 131.

<sup>44</sup> Álvaro Siza Vieira, *“Imaginar a evidência”*, p.39 .

<sup>45</sup> Manuel Mendes, *“Terra quanto a vejas, casa quanto baste”*, em *“Só nós e santa tecla”*, p.124 .

Oh as casas as casas as casas  
as casas nascem vivem e morrem  
Enquanto vivas distinguem-se umas das outras  
distinguem-se designadamente pelo cheiro  
variam até de sala pra sala

As casas que eu fazia em pequeno  
onde estarei eu hoje em pequeno?  
Onde estarei aliás eu dos versos daqui a pouco?  
Terei eu casa onde reter tudo isto  
ou serei sempre somente esta instabilidade?

As casas essas parecem estáveis  
mas são tão frágeis as pobres casas

Oh as casas as casas as casas  
mudas testemunhas da vida  
elas morrem não só ao ser demolidas  
Elas morrem com a morte das pessoas

As casas de fora olham-nos pelas janelas  
Não sabem nada de casas os construtores  
os senhorios os procuradores  
Os ricos vivem nos seus palácios  
mas a casa dos pobres é todo o mundo

os pobres sim têm o conhecimento das casas  
os pobres esses conhecem tudo  
Eu amei as casas os recantos das casas  
Visitei casas apalpei casas  
Só as casas explicam que exista  
uma palavra como intimidade

Sem casas não haveria ruas  
as ruas onde passamos pelos outros  
mas passamos principalmente por nós  
Na casa nasci e hei-de morrer  
na casa sofri convivi amei  
na casa atravessei as estações  
Respirei – ó vida simples problema de respiração

Oh as casas as casas as casas



*i.04*

## O PROCESSO DE RECONVERSÃO .

Num mundo no qual “(...) *nada se perde, (...) tudo se transforma.*”<sup>46</sup>, surge cada vez mais o interesse em reaproveitar e transformar o que deixa de responder à sua função. Muito mais que uma simples transformação torna-se num processo em que o questionar e a procura por novas soluções ou funções se torna preponderante. Para transformar estes edifícios, esquecidos com o tempo, é indispensável pensar à escala da cidade e do território, percebendo a ligação que tem não só com a sua envolvente e os seus elementos mas também a relação existente com quem a vive e é marcado por ela. *“Cidades, estes corpos que habitamos. Tecidos vivos que se constroem na complexidade das experiências humanas. A cidade não é estática, é o mais dinâmico produto humano, mutante incansável, transforma-se em cada instante. Interessam menos as formas e mais os fluxos. Por isso o fenómeno urbano não se apreende com facilidade – e porque é sempre mais difícil dissecar os corpos, que precisamos admitir que a complexidade da cidade escapa sempre, a partir de um certo ponto, ao arquitecto e ao urbanista.”*<sup>47</sup> É a vivência do homem que traduz a sua relação com a cidade e permite desenvolver um sentido crítico de apropriação, identificação e valorização daquilo que a caracteriza e define. A cidade em constante transformação, detentora de história e memórias, feita de descontinuidades e limitações, é marcada por vazios urbanos e edifícios desactivados, degradados e esquecidos, desafiando a sua revitalização e reutilização. Interessa revitalizar *“áreas antigas das nossas cidades, vilas ou aldeias”*<sup>48</sup>, através da introdução de novos espaços de habitar em preexistências, permitindo o desenvolvimento e recuperação destes lugares. Para além de adaptar a uma nova função, é necessário reabilitar as preexistências, preservando o que faz sentido manter, *“respondendo ao desafio de assimilar e articular o tempo no espaço”*<sup>49</sup>, a memória no presente.

Preexistência como uma espécie de contentor, arquivador de memórias, permanecendo na paisagem como um elemento de ligação entre o seu novo interior e o mundo. Interessa preservar, não apenas pelo valor de ser antigo mas sim, pela sua particularidade na qualidade espacial, na especificidade dos materiais e sistemas construtivos, do seu valor como memória e marca social e pelas características que o definem como elemento constituinte de uma malha urbana e de uma época. *“Não tem sentido livrarmo-nos do passado para pensar apenas no futuro. Até o facto de nisto se acreditar é já uma ilusão perigosa. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada, somos nós que, para o construir, lhe temos que dar tudo, dar-lhe até a nossa vida. Mas para dar, é necessário possuir, e nós não possuímos outra vida, outro sangue além dos tesouros herdados do passado e dirigidos, assimilados, recriados por nós. Entre todas as exigências da alma humana, nenhuma é mais vital que a do passado.”*<sup>50</sup>

O passado como sinónimo de tempo, o tempo como sinónimo de uso, o qual permite dar escala à arquitectura, experimentando-a e vivenciando-a, ligando-a à natureza e ao homem. É esta relação que nos permite definir o que é o património e perceber qual a sua importância na cidade consolidada.

<sup>46</sup> Antoine Lavoisier 1785, [http://www.infopedia.pt/\\$lei-de-lavoisier](http://www.infopedia.pt/$lei-de-lavoisier).

<sup>47</sup> Revista NU 03, Pedro Jordão - *“Cidades estes corpos que habitamos.”*, p.02

<sup>48</sup> Nuno Portas 1981 – *“Os tempos das formas, volume1: A cidade feita e refeita.”* p.155.

<sup>49</sup> Maria João Pinto Coelho, *“Intervir no património”*, citado em *“Reconversão de espaços industriais – Três projectos de intervenção em Portugal”*, de Ana Serrano, p.59.

<sup>50</sup> Simone Weil, *“A primeira Raiz – 1949”*, citado em *“Depois da arquitectura moderna”* de Paolo Portoghesi, p.36.

Qualquer que seja o seu componente, desde edifícios, pequenos largos e praças ou elementos urbanos, pode ser considerado como património, o que é essencial é que cada elemento que se construa seja em plena consciência de que fará parte de um património, devendo apresentar qualidades arquitectónicas e exigências a que uma cidade obriga. *“Tende-se um pouco a localizar a ideia de património sob os conjuntos monumentais ou edifícios com séculos, e por vezes esse tempo até quase que qualifica exemplos de arquitectura bastante mediocres, de outras épocas. Quase que valida só por uma questão de idade, que confere um certo status.”*<sup>51</sup> É esta a relação que o homem tem com o actual património, considera apenas os edifícios históricos e com séculos em elementos obrigatórios à conservação e reabilitação, actuando sobre eles de uma forma exagerada, parecendo que congelaram no tempo. *“(…) conservação não significa “congelamento” mas sim a defesa de estruturas, áreas ou até “cidades monumento” que o mereçam.”*<sup>52</sup> Muito mais que isolá-los do seu contexto vivo, é importante manter a sua essência e a sua memória, revelando a sua vida ao longo do tempo mas que não termina aqui, deverá continuar nesta época, completamente diferente, onde os interesses de quem habita apenas são outros. Devemos, como escreve Nuno Portas, *“conservar renovando”* ou *“renovar conservando”* defendendo *“uma política de recuperação física e de reutilização social (...)”*<sup>53</sup>, pois interessa manter as suas estruturas para que posteriormente se possa atribuir um novo uso.

Todo o processo de recuperação e renovação, incluindo a atribuição de um novo uso, é variável de caso para caso, procurando-se um método mais acertado para alcançar uma solução que responda com sentido e qualidade ao problema existente, mantendo o equilíbrio entre o *antigo* e o *novo*. *“(…) a reabilitação de cidades consiste na renovação contínua das estruturas existentes, na construção “passo a passo” e no desenvolvimento das suas próprias potencialidades encontrando para cada caso a solução mais adequada e não a solução genérica preconcebida.”*<sup>54</sup> Estes edifícios esquecidos podem passar de problema na cidade a uma solução social, urbana e arquitectónica permitindo reintegrá-los e requalificar o meio urbano em que se inserem, trazendo uma nova vida a quem o habita, reinterpretando as suas vivências. *“As novas palavras de ordem são agora “recuperar”, “reabilitar”, “revitalizar”, reutilizar as partes antigas ou existentes da cidade, sempre sujeitas a uma deteriorização e à mudança dos usos e das pessoas”*<sup>55</sup>, para que se possa continuar a viver num mundo em que o que realmente importa é a felicidade do homem. É este um dos papéis do arquitecto, pensar, criar, definir, *construir pequenos mundos*, pensando sempre no homem como actor principal, não esquecendo o que nos envolve e se define como matéria de projecto. Numa intervenção deste tipo é importante a sensibilidade e conhecimento do arquitecto porque para além de manter, interessa transformar sem se perder a identidade do que já existia. Muito mais que um limite, todos estes factores tornam-se em elementos estimulantes no desenvolvimento do projecto, conduzindo a um pensamento lógico e opulento. *“Como nada se cria do nada, e seria falta de senso pensar que o arquitecto tem tudo a inventar, tudo a criar e nada a recriar, esta escolha pode recair sobre um modelo já existente e de*

<sup>51</sup> Arquitecto José Mateus em entrevista – “Encontros com o património”, TSF.

<sup>52</sup> Nuno Portas 1981 – “Os tempos das formas, volume1: A cidade feita e refeita.” p.158.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.156.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p.158.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p.156.

*validade ou aceitabilidade reconhecidas no presente e projectável no futuro. E não há que recear a escolha de um modelo, ela não limita a nossa liberdade, antes pelo contrário, pois o alvo do fazer é, foi e será sempre o de superar um limite e andar além.”*<sup>56</sup>

<sup>56</sup> Manuel Tainha – “Textos de arquitectura”, p.98.



i .05

*“Uma cidade, não é feita de continuidade, é feita de descontinuidades. Agora, a capacidade de navegar no meio dessas descontinuidades, e dessas mudanças de projecto, nesse balanço entre conservadorismo e utopia, ou novas ideias, novas necessidades, novas exigências, manter esse equilíbrio sem que isso signifique conservadorismo ou paragem no tempo, é o grande desafio da arquitectura.”*  
Álvaro Siza Vieira, entrevista citada em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade.

Para além de falar em cidade interessa também perceber o que é a rua, a sua importância que tem num conjunto urbano, rural, e a sua relação com o edifício, neste caso, a ser renovado e reconvertido. A rua como elemento estrutural e de circulação de uma cidade, é definida e delimitada pelos edifícios, tornando-se no elemento determinante do carácter dos próprios edifícios. *“A rua é determinada pelos edifícios, mas o carácter dos edifícios é também determinado pela rua.”*<sup>57</sup> Há um relacionamento mútuo que *“permite à cidade simplesmente existir como cidade”*.<sup>58</sup> As suas diferenças de escalas levam a que uma oculte a outra, sendo que à escala da rua não temos a noção da total dimensão da cidade. No entanto a cidade é formada não só pelo traçado e clareza, mas também pela experiência vivida no percorrer e vivenciar das suas ruas. São estas vivências e suas memórias que definem cada rua e a caracterizam, parecendo um cenário que persiste ao longo do tempo, *“resistindo a qualquer mudança”*.<sup>59</sup> A rua como um palco, sendo um espaço de encontros e ligações, o homem como principal actor, e os edifícios como cenário marcado pelo tempo, onde portas, janelas, texturas e cores marcam o espaço, assim como as *“marcas da sua antiga existência que ainda lá permanecem, resisitindo a qualquer mudança”*.<sup>60</sup> Cada rua está dependente das pessoas que a habitam e das actividades exercidas nela, da sua origem e do seu destino, ligando espaços da cidade, permitindo estabelecer uma relação entre dois lados, a casa como espaço pessoal e íntimo, e o meio urbano como espaço público e colectivo. *“A rua passou a incorporar as novas densidades, reforçando a casa como núcleo de intimidade, protecção e de afectividade.”*<sup>61</sup> Esta é uma das razões porque a rua é importante na relação do homem com a cidade, é o limiar entre o ser individual e o ser colectivo, é a ligação que a rua tem com a casa, sensação de pertença e individualidade numa vasta malha urbana. *“(…) estas casas são assim, exactamente assim, porque coexistem com a rua, estão presas a ela, estão ancoradas nela, inclusivamente, partilhando com ela o seu destino.”*<sup>62</sup>

Mas como será a relação existente quando um dos edificios que definem a rua, não é uma casa mas sim um armazém ou uma pequena fábrica? Provavelmente é uma relação mais directa e marcante, sendo o próprio edifício que caracteriza a rua, principalmente devido à actividade praticada nele e que de certa forma se prolonga até ao exterior. É a experiência de a habitar-mos que dá vida à rua, inscrita *“com toda a naturalidade”, “descobrimo uma possibilidade de existência do mundo”*.<sup>63</sup> Os edifícios com estas funções, utilitárias ou industriais, tornam-se em elementos marcantes de uma rua, não só pelas dimensões ou proporções, como também pela atmosfera que marca aquele espaço. Atmosfera como *“um ambiente, uma disposição do espaço construído que comunica com os observadores, habitantes, visitantes e, também, com a vizinhança, que os contagia.”*<sup>64</sup> Não é só o que se vê que nos marca mas também o que se sente naquele preciso momento em que se percorre a rua; é a luz, as cores, os sons, os cheiros, as pessoas, elementos que combinados com o tempo nos seduzem ou emocionam,

<sup>57</sup> Gorjão Jorge, “Lugares em teoria”, p.82 .

<sup>58</sup> Ibidem, p.82 .

<sup>59</sup> Ibidem, p.83 .

<sup>60</sup> Ibidem, p.83 .

<sup>61</sup> Ricardo Carvalho, “Morada: rua, casa.”, Jornal Arquitectos 224, p.36.

<sup>62</sup> Ibidem, p.83 .

<sup>63</sup> Ibidem, p.84 .

<sup>64</sup> Peter Zumthor, “Atmosferas”, p.07 .



permanecendo a partir daquele momento na nossa memória. E é com o tempo que estes edifícios se vão perdendo, deixando de funcionar e ficando esquecidos, à espera que se relembrem da *“antiga existência que ainda lá permanece”*<sup>65</sup>. Grande parte deles caem abandonados, outros acabam por ser destruídos para no seu lugar se construir algo novo, na maior parte dos casos, sem qualquer sensibilidade e qualidade arquitectónica, sem aquela ligação única que nos provoca emoção e nos faz sentir pertença daquela cidade. A rua já não é a mesma, e o que parecia fazer sentido e a marcava desaparece passando a ser um espaço sem identidade com o qual já não nos identificamos. Ficam as memórias, que ao longo da nossa existência nos influenciam naquilo que somos, mas a rua já não será a mesma e a cidade continuará à procura do seu equilíbrio entre o antigo e o novo. *“E de cada vez que um destes edifícios é destruído e, em seu lugar é construído outro fica um vazio, a rua passa a ser diferente. Mas nós que conhecíamos essa rua, recusamos reconhecê-la na sua nova condição pois, de certo modo, com essa mudança criou-se um desafio (...) à nossa própria identidade.”*<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Gorjão Jorge, *“Lugares em teoria”*, p.83

<sup>66</sup> *Ibidem*, p.83

entre a porta e a mão que bate à porta  
vai a distância da carne à madeira  
a distância do corpo que toca esse pedaço de árvore  
à existência da própria árvore

toca a mão na madeira (darei porta?)  
como se tocasse toda a substância da casa  
o seu vento as suas vozes os seus cheiros  
os seus objectos a totalidade do espaço que se adivinha  
para além das janelas e das paredes

bate na tarde à porta a mão  
na tarde ou talvez pela manhã  
acompanhando a solidão que transforma o tempo  
à porta a mão identifica todo o corpo que no exterior  
toca bate acorda  
tarde à porta bate a voz da montanha  
não apenas pássaro ou árvore pedra ou riacho  
mas toda a terra repetida no interior da sombra e do som  
dos passos na escada  
toda a terra concentrada na mão que bate à porta  
acariciando o retrato da inquietação e do inverno

entre a porta e o interior da casa

vai a distância de um corpo ao outro  
vai a distância entre a boca e o vento  
a distância que no interior da casa  
dos livros  
reúne cor e ramagem frio e alimento  
viagens como naufrágios ou inscrições  
registadas na habitação  
da tristeza.



*i.06*



*i.07*

*“Ruralidade – qualidade do que é rural, campestre, agrícola. Conjunto de características e valores do mundo rural.”*<sup>67</sup> A ruralidade pode ser entendida como uma interacção entre o homem e a natureza, numa relação diária muito directa entre a terra e as pessoas. É o abandono do supérfluo, o conhecimento e a possibilidade de trabalhar a terra com o mínimo necessário, utilizando sempre as realidades existentes do lugar, que caracteriza este mundo rural. Pode considerar-se que a ruralidade é algo próximo do *eu*, do *ser*, e que foi o *“esquecimento do ser”*<sup>68</sup> que levou o homem a afastar-se deste mundo rural e do seu verdadeiro habitar, procurando a modernidade e o progresso. *“Rural é um adjetivo que qualifica culturas, visões do mundo, imaginários (...) e por arrastamento, as gentes e a geografia, o território e as paisagens desses imaginários.”*<sup>69</sup> É a paisagem transformada pelo homem, que resulta apenas da transformação do essencial, na qual a topografia só é alterada quando necessário. Hoje, fala-se em paisagem rural, mas com a contínua mudança e desenvolvimento, falar de paisagem rural é como falar de paisagem cultural. São as marcas de um antigo mundo rural que caracterizam um povo, mas que actualmente se encontram em transformação, como se tratasse de uma desruralização, uma *“perda da importância da actividade agrícola e de culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas.”*<sup>70</sup> A paisagem rural é associada à tradição, ao isolamento e a uma arquitectura vernacular, empírica, intuitiva, tradicional, que se adequa ao lugar e ao contexto, numa perfeita relação com os *“usos domésticos vulgares”*<sup>71</sup>. A importância destes edifícios vernaculares não surge apenas das suas qualidades intrínsecas mas também das qualidades que partilha da relação com os edifícios envolventes. Esta é uma arquitectura *“sem tempo, sem antes, sem história, que tanto pode aparecer numa folha arqueológica remota, como numa construção de umas dezenas de anos apenas”*.<sup>72</sup>

Hoje vive-se na procura da integração, do progresso e da modernidade, um mundo urbano desligado da natureza, numa nova realidade na qual se ocupa o território por razões diferentes, através de uma estrutura definida pelas actividades próprias de uma cidade. Assiste-se a um focado interesse no futuro das cidades mas a uma lamentável indiferença sobre a realidade do campo e do rural, não existindo assim uma ligação entre ambos, nem um possível equilíbrio. O mundo rural transformou-se numa ideia idealizada mas que de certa forma não deixará de influenciar este novo mundo no qual existe, cada vez mais, a vontade de aprender com o vernacular e o tradicional, dando valor ao passado e às origens. *“(…) cidade é o centro, o poder; campo é a vastidão dos territórios onde habitam (...) os rústicos (...) e se produzem (...) coisas mais próximas das necessidades do corpo do que do espírito.”*<sup>73</sup>

É importante compreender os vários aglomerados rurais, preservando-os e renovando a sua razão de existir, mantendo a sua própria identidade. Estes são fundamentais no ordenamento do território, na gestão do espaço natural e construído, procurando assim um equilíbrio entre os vários conjuntos humanos. As pequenas aldeias, com um tipo de vivências muito genuínas e próximas da natureza,

<sup>67</sup> <http://www.dicio.com/ruralidade>

<sup>68</sup> Martin Heidegger, *“Construir, habitar, pensar”*.

<sup>69</sup> Álvaro Domingues, *“Vida no campo”*, p.121.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p.71.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p.197.

<sup>72</sup> *“Arquitectura popular em Portugal”*, p.204.

<sup>73</sup> Álvaro Domingues, *“Vida no campo”*, p.71.

definem-se a uma escala diferente da cidade; menores em dimensão e concentração não deixam de marcar pontualmente o território como parte de uma cultura e origem de um povo. É o arquitecto que tem a capacidade de perceber as transformações e potenciais da realidade rural, utilizando as realidades naturais como referência para uma nova linguagem, lutando contra a natureza mas valorizando o que de melhor ela tem. Interessa usar o conhecimento rural dando importância ao contacto com a matéria e a técnicas tradicionais, numa relação com a inovação e os ideais de um novo tempo. *“O prazer que nos dá a visão de certos materiais e as formas de construir vem acompanhado de uma carga cultural gigantesca que herdámos.”*<sup>74</sup> Já Fernando Távora compreendia que *“uma tradição, por maior que fosse, morreria se não tivesse nenhuma relação com a inovação real e legítima”*.<sup>75</sup> Procura-se uma “paisagem rural contemporânea” na qual o principal objectivo é recuperar o rigor e a essência da vida, não se seguindo factores estéticos e ideais estéreis mas sim factores genuínos e próprios das nossas memórias de um passado rural, onde a humilde relação do homem com a natureza se mostrava. *“Perdido o nexo entre a agricultura e a ruralidade, o mundo rural transformou-se num estado de alma (...) entre utopia e realidade, o rural é a perfeita representação de uma relação de amor-ódio.”*<sup>76</sup>

Quando se trata de intervir em edifícios marcados por características e vivências rurais, transformando-os em casas contemporâneas, é necessário uma forte sensibilidade e percepção da importância e da relação que o mundo rural teve para com a natureza e o homem. De que forma aqueles edifícios marcaram e transformaram aquele lugar, aquela paisagem, aquele território, que por mais que resistam ao tempo, estarão sempre em constante transformação. É através da leitura do conjunto que é possível salvaguardar a consciência de um todo, permitindo o seu novo uso e mantendo a sua identidade. Entra-se numa luta para que o pensamento novo, de renovação de outros tempos e outros ideais, de edifícios e modos de habitar, se torne reflexivo e não apenas de progressos e originalidades. *“Isso significa voltar atrás, pegar na narrativa e continuá-la. (...)Estou sempre a pensar no que está atrás para fazer propostas para a frente.”*<sup>77</sup>

<sup>74</sup> Carlos Quintáns, “Resitências rurais”, Arq.a 101, p.38.

<sup>75</sup> Álvaro Siza, “Uma questão de medida”, p.274.

<sup>76</sup> Álvaro Domingues, “Vida no campo”, p.121.

<sup>77</sup> Nuno Portas, Revista Ler, Julho/Agosto 2012.

*“Tornaram-se raros os homens com as mãos calejadas, as costas encurvadas, e o rosto aberto e belamente expressivo, e estes estão, ainda, situados detrás de nós do ponto de vista do prestígio social...”*

*Heinrich Tessenow, “A boa vida”, p.53.*



i.08

*"...nos edificios antigos observamos uma exactíssima união entre pedras e mais materiais, de que os seus muros se compunham e todos tão consolidados entre si, como se fossem caminhando para de muitas pedras formarem uma só..."*

Mathias Ayres Ramos, "Probelma da arquitectura civil", p.4 e 5, citado por Vítor Mestre em "Projecto e obra de restauro da Real fábrica do gelo de Montejunto.



A reconversão é um processo de reutilização do espaço, alterando-o e adaptando-o às novas funções que este vai desempenhar. Este processo de reutilização pode ser definido como a revitalização e atribuição de novos usos a espaços abandonados pelo tempo, mantendo sempre os valores e as características que o definem, a sua relação com o lugar e a sua verdadeira essência. Reutilizar um edifício acaba por ser uma intervenção complexa, sendo que o programa e a sua organização são condicionados pelas memórias daquele lugar e pelas formas que outrora limitavam um espaço de diferente carácter. Este tipo de reutilização permite vivenciar o espaço de dentro para fora, pois a memória é sentida por quem o habita, restituindo ao edifício uma nova vida.

É importante perceber de que modo a função se pode adaptar ao espaço e como esse espaço poderá ser habitado. Porquê destruir estes velhos edifícios quando se podem transformar em autênticos espaços de habitar, continuando a sua história mas evoluindo no tempo? *“Eu sou contra a ideia de demolição de estruturas existentes, muito frequentemente reutilizáveis, porque apaga a história e uma quantidade de coisas que a acompanham.”*<sup>78</sup> Reutilizar impõe maior sensibilidade e flexibilidade projectual por parte do arquitecto sendo um ponto relevante a compreensão dos objectivos e da funcionalidade que cada edifício teve e que vai passar a ter. O arquitecto procura a poética articulação entre a forma já existente e a nova função a integrar, trabalhando com dois elementos distintos mas que no final se revelam como um todo. A função como elemento determinante e estruturador da forma, a forma como estruturadora do espaço. Existe assim uma estrita relação entre estes três factores sendo que a função pressupõe um programa, a forma e o espaço o corpo. *“O corpo é o princípio da arquitectura também porque o corpo é a origem de todos os seus programas, ainda por esgotar. A arquitectura não existe em função de programas mas dos corpos.”*<sup>79</sup> A arquitectura parte do corpo, das dimensões e proporções do corpo e dos próprios movimentos, podendo afirmar-se que a arquitectura surge a partir do homem e em função das suas vivências. A forma, a função, o espaço e o programa são então necessários para que a plena vivência do homem se encontre em pleno equilíbrio com a própria arquitectura. Sem esta relação, o corpo não teria significado tornando-se impossível a ligação com o mundo e a sua constante descoberta. *“O edifício pressupõe-se ao corpo, estrutura-lhe os gestos, confere-lhe significado, relaciona-o com o que o rodeia, separa-o e une-o, pode até proibi-lo. Mas o espaço está no modo como o corpo luta ou se rende, como se liga ao edifício ou lhe foge. Nós tocamos, ouvimos. E medimos o mundo com o nosso corpo e o mundo experimental passa a organizar-se e articular-se à volta do centro do corpo. “Eu sou o meu corpo” reclamava Merleau-Ponty. Mas “eu sou o espaço onde estou” acrescenta o poeta Noel Arnaud.”*<sup>80</sup> Tanto a experiência de um edifício utilitário como a experiência da casa é estruturada por movimentos e actividades, é esta relação de dimensões e de usos que acabam por definir os espaços e conferir-lhes o seu carácter distinto. *“Adaptamo-nos instintivamente aos espaços nos quais estamos, projectamo-nos neles, enchemo-los idealmente com os nossos movimentos.”*<sup>81</sup> É esta ligação com o homem e os seus próprios movimentos que acabam por

<sup>78</sup> Álvaro Siza, “Uma questão de medida.” p.171 .

<sup>79</sup> Pedro Jordão, “O corpo errado”, *Jornal Arquitectos* 222, p.41 .

<sup>80</sup> *Ibidem*, p.41 .

<sup>81</sup> Bruno Zevi, “Saber ver a arquitectura”, p.131.

definir e exprimir o que o edifício realmente é. Uma mútua e intensa relação que exprime o propósito da sua existência. *“Um edifício deve exprimir o que é, o seu propósito. Nem mais nem menos, como um homem deve exprimir o que é, o propósito da sua vida.”*<sup>82</sup>

É o programa que distingue a função a desempenhar naquele edifício, sendo que, para cada função existe um princípio de regras estabelecidas respondendo às necessidades impostas, com a possibilidade de questionar e levar o programa até ao limite, explorando novas relações espaciais. Para reutilizar, o arquitecto começa por reprogramar aquele espaço, partindo de um corpo estabilizado para transformar o seu interior. Parte de uma interpretação, termina com uma proposta onde as vivências vão demarcar o pleno equilíbrio. *“(...) um programa é uma reacção possível, uma tentativa de estruturar vivências sobre um contexto.”*<sup>83</sup> Muito mais que criar um simples programa é preciso compreender a lógica interna deste tipo de intervenções, procurando uma explicação *“sem ser na estrita apreciação das formas”*.

A forma é o resultado de um processo, que se mantém sempre em aberto mas que a certo ponto supera as várias condicionantes. É algo dissimulado no espaço e que entre procuras, descobertas e tentativas o arquitecto consegue alcançar. *“A forma é sempre qualquer coisa em aberto, que pode transformar-se, mudar e que, ao fim de um certo tempo, alcança os seus limites.”*<sup>84</sup> Desta perspectiva a relação entre forma e função não terá que ser tão íntima e autêntica, mas da perspectiva dos modernistas a procura dessa relação era o processo mais importante no desenvolvimento de um projecto. Louis Sullivan defendia *“a forma segue a função”*, influenciando a arquitectura moderna que se definia principalmente por uma visão funcionalista na qual a forma deveria responder acertadamente à função específica, numa concepção funcionalista do desenho e da existência. Numa aproximação pragmática, Peter Blake contestou *“o facto da forma da arquitectura moderna seguir verdadeiramente a função”*<sup>85</sup>, tentando sublinhar a importância da libertação do imaginário permitindo alcançar o afastamento entre função e forma, defendendo *“a forma segue o fiasco”*. Afirmava que os resultados obtidos através da reutilização de antigos edifícios, se comparados aos edifícios funcionalistas, tinham a vantagem da imprevisibilidade das formas existentes, criando espaços de maior qualidade. Enquanto isso, Frank Lloyd Wright via esta relação entre forma e função como uma ligação espiritual na qual um não existiria sem o outro. *“A forma segue a função: isso tem sido mal interpretado. Forma e função deveriam ser um só, juntos numa união espiritual.”*<sup>86</sup> Hoje, esta relação entre forma e função passa a ser entendida de outro modo, talvez devido à diferente maneira de o homem vivenciar o espaço e a cidade. É importante interpretar de que modo estão estruturadas as formas de utilização dos espaços, ou seja os usos, pois muito mais que ser funcional, o homem procura o que melhor responde à sua necessidade. *“A forma não segue a função mas a necessidade.”*<sup>87</sup> A forma surge a partir da matéria, o espaço surge por si mesmo, agindo sobre o homem, dominando o seu espírito. A arquitectura parte dessa necessidade de limitar o espaço, fechando-o e protegendo-o, sendo a forma um factor importante nesta

<sup>82</sup> *Ibidem*, p.123.

<sup>83</sup> Paulo Martins Barata, *“O programa como forma, a forma para lá do programa.”*, *Jornal Arquitectos* 222, p.32.

<sup>84</sup> Álvaro Siza, *“Uma questão de medida.”* p.210.

<sup>85</sup> Paolo Portoghesi, *“Depois da arquitectura moderna”*, p.36.

<sup>86</sup> Frank Lloyd Wright, *Infopédia*.

<sup>87</sup> Luís Santiago Baptista e Pedro Pacheco, *“Falemos de casas...em Portugal”*, p.121.

definição e caracterização espacial. O espaço “é um “nada”, uma pura negação do que é sólido”<sup>88</sup>, mas sugere ao homem um movimento, existindo como elemento de articulação entre forma e função. “Mesmo do ponto de vista utilitário, é o espaço que é logicamente o nosso fim(...)”.<sup>89</sup> A arquitectura não se esgota na sua forma e função, os espaços projectados são muito mais que simples linhas desenhadas ou duras paredes que os limitam, fazendo sentido apenas enquanto esta é vivida e experienciada.

Em intervenções de reconversão, nas quais se procura o reaproveitamento e reorganização de “edifícios que perderam o seu sentido de uso”<sup>90</sup>, torna-se pertinente a controlada optimização desses espaços vazios marcados por memórias, limitados por formas, numa procura de “abstracção do espaço, enquanto pensamento criativo(...)”, sem que se perca a sua verdadeira identidade. Esta transformação acaba por unir todas estas partes dispersas através do tempo, numa nova realidade, onde o sentido, a harmonia, a regra e a proporção emergem novamente num todo.

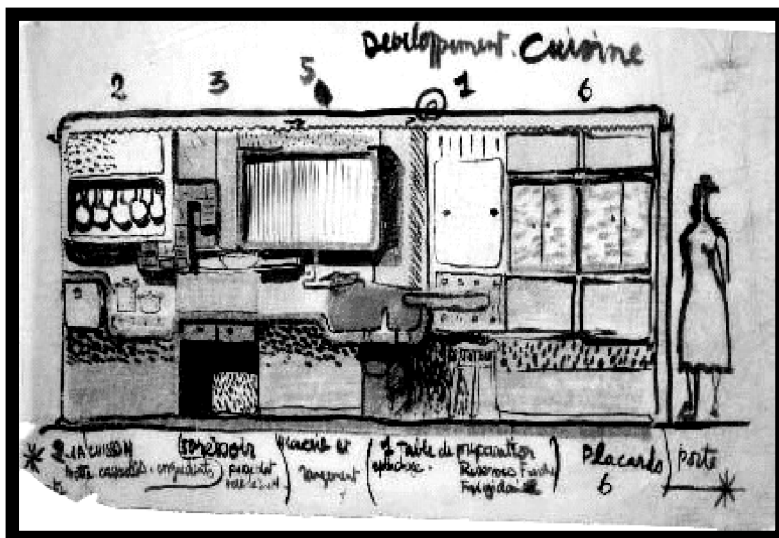
*“De início, e aí com o seu verdadeiro sentido, as formas arquitectónicas resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e ainda de um espírito próprio daquele que age sobre o mesmo material. Daí que em toda a boa arquitectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.”*<sup>91</sup>

<sup>88</sup> Bruno Zevi, “Saber ver a arquitectura”, p.130.

<sup>89</sup> Ibidem, p.130.

<sup>90</sup> Victor Mestre, “Entre Giacometti e Sakamoto – Da recolha da memória à sua (re)invenção”, em “José Gigante – Habitar”, p.10.

<sup>91</sup> Fernando Távora, “O problema da Casa Portuguesa”, p.08.



i.09

Em arquitectura, a escala inclui principalmente um sentido de relação; uma relação íntima entre medidas de um edifício ou espaço construído com referências dimensionais aos objectos, ao homem e às suas possibilidades de acção. *“Escala significa «dimensão relativa ao homem», e não dimensão do homem.”*<sup>92</sup> Surge a partir dele, numa ligação com a sua própria proporção. Esta traduz-se na relação entre as várias medidas de um edifício ou parte dele com as outras existentes. Escala e proporção, como características morfológicas do espaço, fazem sentido quando existem paralelamente uma à outra, permitindo ao arquitecto relacionar o seu pensamento abstracto com um espaço sensível e real, no qual o homem existe como ser transcendente. *“(…) se o homem é o padrão de todas as coisas, se estabelecer uma proporção sem estabelecer uma escala é absurdo, é também errado estabelecer uma escala sem proporções.”*<sup>93</sup> É esta a escala humana, na qual o homem é o padrão e a medida de todas as coisas, numa relação de dimensões entre os vários objectos ou o conjunto e o homem. Na Grécia Antiga, Protágoras defendia que *“o homem é a medida de todas as coisas: das que são, enquanto existem, e das que não são, enquanto não existem.”*<sup>94</sup> O homem surgia como uma medida, que dependia da sua forma humana conhecida e não da sua realidade física, conferindo sentido a todas as coisas como algo útil.

É a partir destes princípios formais clássicos que Le Corbusier toma a escala humana e dedica parte dos seus estudos ao desenvolvimento de uma medida universal. A partir destes princípios, Le Corbusier percebeu que tanto a música como a arquitectura se desenvolviam no espaço e no tempo e que dependiam principalmente da medida. Criou então um sistema de medida e proporção, fundamentado nas proporções do corpo humano e nas suas dimensões funcionais, o Modulor, acreditando que, juntamente com a matemática, era possível alcançar na arquitectura a mesma harmonia e beleza que existia na música. Este era um sistema de medidas visuais e geométricas com o intuito de facilitar a criação e a construção da arquitectura, complementando a composição arquitectónica. *“Para construir bem, para bem repartir os esforços, para a solidez e a utilidade da obra, as medidas condicionam o todo. O construtor tomou como medida o que lhe era mais fácil, o mais constante, o instrumento que podia perder menos: seu passo, seu pé, seu cotovelo, seu dedo (...) criou um módulo que regula toda a obra, e esta obra está em sua escala, em sua conveniência, em seu bem-estar. Em sua medida. Está na escala humana. Ele harmoniza-se com ela, isso é o principal.”*<sup>95</sup>

Trata-se de perceber a importância da escala, da medida e proporção em projectos de reconversão, não só como elementos de relação de medidas mas também como elementos definidores dos diferentes tipos de representação. Em intervenções deste carácter, é importante partir de uma análise a grande escala para entender todos os factores que ao longo do tempo definiram e caracterizaram aquele lugar, aquele território, aquele edifício. Interessa analisar a partir do alargado espaço urbano, rural, convergindo até ao pequeno espaço construído, percebendo as suas alterações ao longo do tempo e as várias condicionantes que irão acabar por definir o projecto. São as várias escalas do

<sup>92</sup> Bruno Zevi, *“Saber ver a arquitectura”*, p.122.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p.122.

<sup>94</sup> Protágoras, citado em *“A medida e desmedida da técnica actual - Fugas em torno de Protágoras e de Heidegger”*. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4640.pdf>

<sup>95</sup> Le Corbusier, *“Por uma arquitectura”*, p.44.

projecto que permitem, de certa forma, a concretização da reutilização e reconversão de usos deste tipo de edifícios utilitários permitindo perceber o verdadeiro carácter das preexistências e a sua verdadeira potencialidade. Em relação à escala dos edifícios industriais e utilitários, interessa para este estudo, edifícios de escala menor, existentes no tecido urbano ou até mesmo no espaço rural, os quais são reutilizados através da introdução de uma nova função, questionando a escala da casa. Há o interesse na escala doméstica com a qual se procura a definição de espaços de uso quotidiano e unifamiliar, numa perfeita relação com a paisagem envolvente. É através do uso e da relação com o que os envolve que estes espaços adquirem escala, numa perfeita relação entre os objectos e o homem que os habita. *“É verdade que uma obra ocupada – onde os móveis, no interior, e as árvores, no exterior, impedem a leitura total da forma e do espaço (não deixam ver todos os detalhes) – tem uma escala que é dada, não só pela natureza que se vai apropriando das obras, mas também pelo uso. E isso é surpreendente e maravilhoso. O uso dá à arquitectura uma dimensão que quando está acabada, mas vazia, ainda não tem. (...) O uso e o tempo dão escala às coisas, testam as obras, ligam-nas à natureza e ao homem.”*<sup>96</sup> O uso e o tempo como reguladores da escala, da proporção e da harmonia, como características definidoras de um espaço, como elementos indispensáveis na existência do homem. Para além destes factores, também a função é reguladora da escala, sendo que, para se conseguir responder a funções de carácter público interessa pensar a uma maior escala, diferente de quando se pensa em funções de carácter mais individual, como é o exemplo da casa.

Entre o homem e a natureza, a função, o uso e o tempo, também os materiais e as suas texturas se definem como elementos que de certa forma nos permitem perceber e sentir a importância da escala e proporção na nossa relação com o mundo. Assim que todos estes elementos se conjugam numa harmoniosa relação, é então que a arquitectura faz sentido. É quando a casa responde à sua própria função numa plena relação com o homem e o seu mundo, que redescobre a sua própria essência e se expressa como verdadeira arquitectura, na qual a escala e a proporção nos levam à perfeição do espaço, como as palavras do poeta nos conduzem ao sonho. *“Mas, quando já foi usada (a casa), há qualquer coisa que o uso acrescenta, eu não sei muito bem explicar o que é, que lhe dá uma escala que quando é acabada de fazer não tem - as paredes acabam por ter as marcas dos móveis e da altura do corpo e a luz altera as cores e os rebocos em função da exposição solar.”*<sup>97</sup>

<sup>96</sup> Carlos Machado, “Entrevista a Carlos Machado” em “A Eternização da Arquitectura: Arquitectura e Imagem Fotográfica” de Catarina Bianchi Prata, p.180, 181.

<sup>97</sup> Ibidem.



*“Em que medida terá arquitectura a ver com a atitude vital, com a forma de estar, sobretudo de ser, de quem a faz? Poderemos, ao contrário do caminho habitual da crítica especializada, desvendar o arquitecto/pessoa – que conhecemos e ao qual dedicamos sentimento – na obra feita? Está esta impregnada do seu criador? E poderemos nela desvendar algumas características vivenciais? Sendo a arquitectura sempre inteligente, ou não o é, poderá também ser alegre, positiva, além de simples?”*

*Luís Ferreira Alves, “José Gigante – habitar”, p.04 .*



## O ARQUITECTO COMO ORGANIZADOR DO ESPAÇO .

*“O arquitecto, pela sua profissão é, por excelência um criador de formas, um organizador do espaço; mas as formas que cria, os espaços que organiza, mantendo relações com a circunstância, criam circunstância e havendo na acção do arquitecto possibilidade de escolher, possibilidade de selecção, há fatalmente drama. Porque ele cria circunstância – positiva ou negativa – a sua acção pode ser benéfica ou maléfica e daí que as suas decisões não podem ser tomadas com leviandade ou em face de uma visão parcial dos problemas ou por atitude egoísta de pura e simples satisfação pessoal.”*<sup>98</sup> O arquitecto tem um papel fundamental no mundo; é ele que cria para o homem espaços de verdadeira beleza, num acertado equilíbrio entre forma, proporção, luz e materiais, procurando a “exigente perfeição”. Para isso é importante conseguir entender o homem, a sociedade, as suas vivências, as alterações a nível do território e da paisagem, toda esta evolução ao longo do tempo da qual fazemos parte. *“O papel do arquitecto na sociedade é agir como intérprete dos seus movimentos. Escutando as suas tendências, mutações históricas, culturais, sociais e ambientais. A sua missão é transcrevê-las para uma linguagem poética.”*<sup>99</sup> Interessa o poder de síntese, único do arquitecto, que de certa forma lhe dá o verdadeiro poder de transformar o mundo numa linguagem mais poética. Esta linguagem parte da procura de um equilíbrio da relação com o existente e do sentido com que cada elemento é criado, sendo que, o que quer que se crie é por alguma razão. *“(…) Arquitecto é aquele que tem como profissão criar a síntese entre o mundo do útil e o mundo do belo: qualquer acentuação parcial de um dos termos desvia-o do seu objectivo.”*<sup>100</sup>

O projecto como processo de pensamento é, principalmente, orientado por uma intenção e implica um vasto conhecimento, possibilitando a criatividade. É o corpo que se torna referência do conhecimento, como actor de acontecimentos marcados pela percepção, gerados pela memória, projectados pela imaginação. Pode afirmar-se que projectar em arquitectura é contar uma história através da composição de imagens, desde aquelas que marcaram o passado e se tornam como referências, até às criadas como possível imagem futura, como resposta a uma necessidade e a um desejo. A pesquisa é indispensável no processo de projectar, assim como na vida de um arquitecto. *“A nossa pesquisa nunca se interrompe. Ela não se resume a um edifício, desenha antes um percurso que constitui a produção arquitectónica.”*<sup>101</sup> Quando se trata de intervenções de reconversão, interessa reter toda a informação histórica, não só relativa ao edifício a reutilizar mas também à sua envolvente. Perceber a importância e a qualidade, quer formal, espacial e construtiva que teve enquanto foi vivido, e a que poderá vir a ter quando responder ao seu novo uso. É necessária a plena consciência da importância em projectar sobre o construído e do entendimento das várias especificidades deste tipo de intervenção. Embora se pense que a reutilização e a reintegração destes edifícios esquecidos se torna num obstáculo à dita modernização e progresso, acaba por ser um enorme desafio que permite ao arquitecto partir de um primarismo funcional, estrutural e construtivo e chegar a uma ideia de pureza,

<sup>98</sup> Fernando Távora, “Da organização do espaço”, p.79.

<sup>99</sup> Jean Nouvel, “Nouvel, o arquitecto da luz e das transparências, é o novo Pritzker”, Jornal Público, 31 de Março de 2008.

<sup>100</sup> Ernesto Rogers, “Experiencia de la arquitectura”, citado por Ana Rodrigues em “A habitabilidade do espaço doméstico - O cliente, o arquitecto, o habitante e a casa”, p.67.

<sup>101</sup> Álvaro Siza, “Uma questão de medida”, p.89.

equilíbrio e harmonia, transformando-o em algo inovador. *“Tradição é um desafio à inovação.”*<sup>102</sup> Para conseguir esta inovação é necessário transformar, não só o espaço ou as formas e as suas relações, como também transformar o território, a paisagem, a cidade, a aldeia. *“O que é fantástico (na arquitectura) é poder transformar. Transformar uma paisagem, um território. A arquitectura é sempre um processo de actuação sobre o território. Isso é de uma enorme responsabilidade mas fascinante.”*<sup>103</sup> Transformar de forma a integrar no que já existe, algo que ainda não existe mas que possa adaptar-se, fazendo todo o sentido quando visto como um todo. Pode afirmar-se que integração *“significa fazer o que ainda existe ou construir com a tradição”*<sup>104</sup>. É a procura de algo novo e único ou inovador, através desta transformação, que estimula o arquitecto a entender o preexistente de uma outra perspectiva, no qual o novo encontra o seu lugar. O tempo tem também influência nesta procura, tem que ver com a memória e a história, com o passado e todas as condicionantes que ao longo do tempo definiram e ainda definem aquelas preexistências. E é a procura da sua essência na interpretação das origens da preexistência que se respeita a sua *“alma”*. *“O nosso sentimento e compreensão estão, no entanto, enraizados no passado. É por isso que o significado que criamos com o edifício deve respeitar a memória.”*<sup>105</sup> É com este respeito à memória que se introduz um novo uso, uma nova estrutura programática capaz de sugerir com clareza o tema da casa. Isto permite ao arquitecto pensar na questão do habitar, abrindo-se à experimentação linguística espacial. *“Todos os outros aspectos ligados ao uso – as dimensões e configuração dos espaços, o desempenho dos materiais e da estrutura física do objecto contentor, o reconhecimento da forma e a adequação desta às funções às quais se associa – tornam-se simples aspectos de algo cuja análise em separado jamais permitia compreender o sentido da arquitectura.”*<sup>106</sup>

O projecto como processo contínuo permite a exploração das potencialidades da preexistência, levando à introdução de novos elementos que, em estreito diálogo com os existentes nos levam a uma nova leitura do conjunto. Existe uma contínua possibilidade de transformação, na qual poderá haver uma ruptura ou um reforço, permitindo a capacidade de recurso a novos materiais ou métodos construtivos assim como introdução a novos programas e formas de uso. *“O projecto é hoje e será ainda mais no futuro um processo contínuo. Não estamos a defender a ideia de obra inacabada mas a possibilidade de esta ser permanentemente alterada. Como a cidade.”*<sup>107</sup> O desenho nasce deste diálogo permanente entre a preexistência e o desejo de transformação, a partir do qual se exercita a memória como uma forma de compreender, comunicar e transformar o que já foi outra coisa. E é neste diálogo que a natureza assume protagonismo como elemento fundamental no enquadramento do projecto, uma arquitectura sensível, pensada e bela que procura uma poética própria e a sua essência de existir. O projecto como um percurso mental e material, numa procura de compreender, entre desenvolvimentos e retrocessos, o que de mais fundamental surge nesse processo de resposta. *“Trata-se afinal de uma arquitectura que quer ser sensível, discreta mas atenta, e que não quer reduzir-se ou*

<sup>102</sup> Álvaro Siza, “01 textos”, p.27.

<sup>103</sup> João Mendes Ribeiro, “Na arquitectura começo pelo meu corpo e na cenografia começo pelo corpo dos bailarinos”.

<sup>104</sup> João Mendes Ribeiro, “O perene e o efémero”.

<sup>105</sup> Peter Zumthor, “Pensar a arquitectura”, p.17.

<sup>106</sup> Gorjão Jorge, “Lugares em Teoria”, p.105.

<sup>107</sup> Paulo Pisco, “Independência e contexto”, *Jornal Arquitectos* 240, p.10.

*limitar-se exclusivamente à sua própria imagem, consciente que está dependente da força dos valores ambientais e paisagísticos que configuram o lugar. Uma arquitectura que pretende ultrapassar a temporalidade do objecto arquitectónico para se reposicionar, através do diálogo com a natureza e da sua apropriação, no contexto de uma nova existência.”*<sup>108</sup> Pode afirmar-se, embora de uma forma paradoxal, que o arquitecto tem como principal função “lutar” contra a natureza, sabendo valorizar o que ela tem de melhor, sendo a casa, o edifício, resposta dessa intensa luta e do seu valor. *“Arquitectos sensíveis à finitude dos recursos da terra e optimistas na obrigação de transformar e melhorar cada realidade encontrada, com a convicção de melhorar também, em cada projecto, o habitar do homem.”*<sup>109</sup>

O arquitecto, muito mais que sonhar espaços, deverá ter a capacidade para imaginar situações humanas, numa procura de resposta aos desejos de um determinado utente, tentando encontrar naquele lugar, naquela família, uma forma de os encantar, numa conjugação de vários elementos diferentes que formam um todo, a casa. Por isso é necessário haver uma *“cooperação contínua entre o sentimento e o intelecto”*<sup>110</sup>, ligado sempre a um raciocínio crítico e lógico, não permitindo que sejam as emoções, as preferências ou as angústias a tomarem forma.

O arquitecto como organizador do espaço, como criador de formas, como contador de histórias, como homem sonhador de um mundo mais poético onde todos têm um espaço para a felicidade.

<sup>108</sup> João Álvaro Rocha, *“Uma nova existência”, Arquitectura e vida* n25, p.49.

<sup>109</sup> João Belo Rodeia, *“Ritos antigos e caminhos novos - Obras recentes de uma Arquitectura portuguesa contemporânea (1)”*, 2007.

<sup>110</sup> Peter Zumthor, *“Pensar a arquitectura”*, p.19.

*“Do tempo temos o natural envelhecimento, o passar pelas mudanças físicas de diferentes usos ou apenas da própria evolução dos mesmos usos. Da memória temos as vivências de todos quanto usufruíram do lugar, impregnando-o de uma espiritualidade única, insubstituível nos bons e nos maus momentos. Um edifício não é apenas um edifício.”*

*Victor Mestre, “Intervenções contemporâneas em património paisagístico, urbano e arquitectónico.” p.51.*

## OS CINCO CASOS DE ESTUDO .



a quinta



o palheiro



a adega



o sequeiro



o celeiro



*i.10*

*"A água é o sangue da terra."*

*“É um viajante entre o céu e a terra, à procura dos anjos que são os homens, os bichos e que, às vezes, disfarçados ganham a aparência de escultura, casas ou monumentos!”*<sup>111</sup> O seu raciocínio, de Álvaro Siza, é construído a partir da emoção e experiência que um lugar lhe provoca e que ao longo de todo o processo se liberta. É um “viajante” que procura a essência e o sentido, numa reacção sincera perante o estado das coisas, num mundo tão seu quanto dos “anjos”. Nesta sensibilidade perante o que o rodeia, o desenho é o processo de linguagem que o leva a interiorizar o espírito do lugar, sendo aquele momento instigador de tamanha emoção. *“A criação arquitectónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar.”*<sup>112</sup> Há um desejo de vínculo com o lugar construído e a paisagem envolvente que o revela, numa profunda relação com a realidade, os detalhes e as emoções. O lugar visto essencialmente por fora mas vivido por dentro, recorrendo à memória e *“incalculável anónima sabedoria”*, mantendo um diálogo entre o existente e o novo construído, entre o local e o universal, entre a tradição e a modernidade. Pode afirmar-se que desenvolveu um discurso arquitectónico próprio, de uma nova linguagem a partir da qual interpreta e configura a realidade, transformando-a e integrando-a em algo sublime. Não parte de imagens fixas nem de linguagem ou modelos preestabelecidos, mas sim do lugar e das suas características, sustentando-se da interpretação poética da experiência e dos nobres recursos da tradição. *“Se teoria, falando de arquitectura, significa um conjunto de regras registáveis e reutilizáveis, então sinto-me bem ao não ter teoria (como por vezes é dito).”*<sup>113</sup> É através do desenho e do método de projectar que Siza procura respostas nas interpretações e reflexões sobre a realidade. *“(…) o desenho nasce do diálogo permanente entre o que preexiste e o desejo colectivo de transformação.”*<sup>114</sup> Projectar é *“processo e não meta”*, é tempo, é uma sucessão de desenhos e balanços, é um labirinto onde as pesquisas nunca se desenvolvem de uma forma linear. São as condicionantes que delimitam este processo e estimulam o projecto, como *“uma abertura, um desafio lançado à imaginação”*. O processo projectual é definido por três elementos intimamente relacionados, o lugar, a estrutura e o programa, que *“simultaneamente unidos no tratamento de síntese, impregnam-se mutuamente na forma que resulta”*<sup>115</sup>. A forma como resultado de ter superado as várias condicionantes do lugar, numa tentativa de se libertar da procura da forma ideal, absoluta e perfeita, *“é aí que reside a autonomia da arquitectura”*. Procura-se a conciliação entre o programa moderno e o carácter único do lugar, através de um espírito de síntese entre a modernidade e a tradição. *“Távora tinha compreendido que uma tradição, por maior que fosse, morreria se não tivesse nenhuma relação com a inovação real e legítima.”*<sup>116</sup>

Álvaro Siza vê o tempo como o grande arquitecto, pois *“não nos podemos substituir ao tempo”*, este é sinónimo de história, de continuidade, de carácter, ao longo do qual se conjugam as preexistências com o novo, como uma subtil passagem de testemunho. *“É o tempo que faz a densidade, o interesse e o*

<sup>111</sup> Álvaro Siza, “Esquissos de Viagem”, *Jornal de Notícias*, 1988-06-21; citado por António J. Rodrigues em “Teoria da arquitectura – o projecto como processo integral na arquitectura de Álvaro Siza”, p.74.

<sup>112</sup> Álvaro Siza; “01 textos, Álvaro Siza”, p.109.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p.383.

<sup>114</sup> Álvaro Siza, citado em “A ‘ideia de lugar’ Um olhar atento às obras de Siza” de Raquel Martins, p.141 .

<sup>115</sup> António Rodrigues, “Teoria da arquitectura – O projecto como processo integral na arquitectura de Álvaro Siza”, p.33.

<sup>116</sup> Álvaro Siza, “*Jornal Arquitectos* 224”, p.67 .



*i.11*

*Lat. 51°11'19.44"N . Lon. 2°59'22.32"E*

*Oudenburg, Bélgica*





i .12

*Casa Van Middeltem-Dupont.*  
*Arquitecto .Álvaro Siza Vieira*  
*Coordenador do projecto .Roberto Cremascoli*  
*Colaboradores .Daniela Antonucci, Maurice*  
*Custers, Andrea Smaniotto e Ueli Krauss.*  
*Escritório associado .Christian Kieckens*  
*data .1997 2001*

*carácter apaixonante de uma cidade*<sup>117</sup>, e de uma casa. É esta a arquitectura de Álvaro Siza, que de tão rigorosa e eclética que é, assume a simplicidade como a sua maior riqueza. (Re)Constrói o lugar, procurando criar uma ordem em equilíbrio com os vestígios do passado, entre o velho e novo, até ao ponto de parecer que sempre esteve ali. *“Pensa-se que a preservação e reintegração no tecido urbano destes edifícios esquecidos como um enorme obstáculo à modernização e ao progresso. Tradição é um desafio à inovação.”*<sup>118</sup> A tradição permite ir mais além, desafia a perceber a essência do que tem história e de como tudo aquilo pode fazer sentido. Estimula a criar, a renovar, onde os novos materiais se podem cruzar com os tradicionais, sempre por uma razão forte e estimulante, não devendo ser *“uma questão de simples decisão pessoal, mas de circunstância”*<sup>119</sup>.

Existe um núcleo construído com a paisagem, o qual ao longo do tempo subsistia deste vínculo com o território e com o que a terra lhe prometia. É naquela zona de Flandres, na Bélgica, na plana paisagem do *polder*<sup>120</sup>, onde as marcas do tempo se mostram pontualmente por entre campos cultivados. A história transformou-a numa zona preservada e protegida, onde a paisagem e a agricultura criaram esta arquitectura rural. Aqui não interessa só a preservação do construído mas também a continuidade da “vida” destes campos e da actividade que os mantêm vivos. *“Não é só preservação arquitectónica, paisagística, estética, é uma coisa muito mais profunda. É a própria actividade e a continuidade histórica.”*<sup>121</sup> Para isso há que ter em conta todas as condicionantes existentes e perceber todo o sistema que torna esta actividade tão profunda, numa atmosfera tão ligada com a terra. É importante dialogar com quem a habita, não só no sentido de compreender quais os objectivos mas também a filosofia em relação ao habitar. São estas as referências do lugar que permitem perceber a atmosfera específica, analisando todos os aspectos do contexto, *“com o objectivo de nos libertarmos do contexto. A arquitectura ganha corpo com resposta a todas estas coisas”*<sup>122</sup>. Para além de usar referências do lugar, reinterpretando o seu contexto, Siza Vieira tem também como referência, para este tipo de intervenções, as casas palladianas, como casas território que dominam a paisagem a partir da sua implantação e da intensa relação entre interior e exterior. *“(…) essas casas eram o centro da actividade agrícola e portanto faziam a ligação da casa com os anexos e com a paisagem. Esta relação é magistral porque está sustentada em razões muito fortes, o território e a agricultura que é a grande criadora da paisagem.”*<sup>123</sup> Neste complexo agrícola de uma quinta do século XVIII, existia um corpo que era a habitação, a partir deste organizavam-se um armazém e um coberto criando uma área exterior comum a todos, como um elemento de ligação entre as várias funções e aquela paisagem única. Procurava-se manter o carácter e a função do complexo, introduzindo a galeria de arte, a casa de hóspedes, o escritório; a casa continuaria a ter a mesma importância neste complexo de relações, numa nova realidade onde a modernização faz todo sentido junto da tradição.

<sup>117</sup> Álvaro Siza, “Jornal Arquitectos 224”, p.67.

<sup>118</sup> Álvaro Siza, “Uma questão de medida”, p.221

<sup>119</sup> Ibidem, p.221.

<sup>120</sup> “Do holandês *polder* - área de terra de nível inferior ao do mar, protegida por diques e drenada para a agricultura, pastagem ou habitação.” [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

<sup>121</sup> Álvaro Siza, “Entrevista ao arquitecto Álvaro Siza Vieira, Agosto 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.83.

<sup>122</sup> Álvaro Siza, El Croquis, p.15.

<sup>123</sup> Álvaro Siza, “Jornal Arquitectos 224”, p.66.



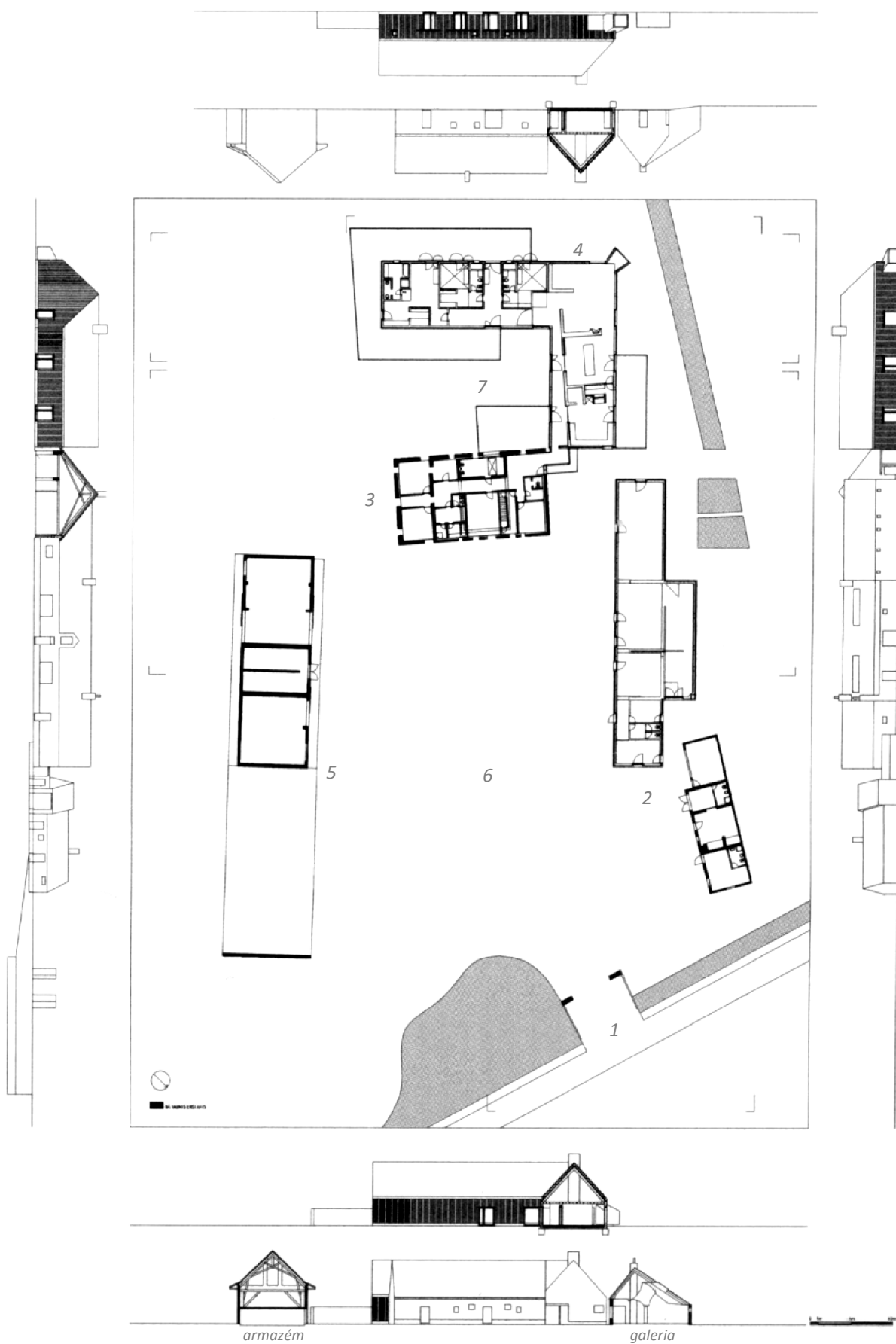
*“Construí um novo edifício em L destinado à habitação. Recuperei a antiga habitação para galeria de arte e o armazém para casa de hóspedes, escritório e apoio à actividade agrícola. O coberto manteve-se sem alteração, como se mantém a exploração agrícola da propriedade.”*<sup>124</sup> Quem ia habitar estes edifícios possuía uma sensível e apaixonante relação com objectos de design, alguns já com uma imensa história, os quais acabariam por dar o sentido de uso e escala a estes espaços, como também condicionar o seu modo de organização. São dois os edifícios transformados; um destinado à actividade agrícola, de construção muito forte e estritamente funcional, não aparentava qualquer elegância; o outro, uma antiga casa, pobre na sua construção, simplesmente caiada a branco. No primeiro, um antigo armazém, mantém-se o seu limite exterior, a sua estrutura e a cobertura em telha, os vãos existentes são respeitados, condicionando o projecto, mas mantendo a mesma relação que existia com o exterior. A sua função passaria a ser diferente, o que outrora guardava os produtos que a terra dava, tornava-se agora num pequeno abrigo para os hóspedes, com um escritório e uma área de apoio à actividade agrícola. Foi transformado mas a sua relação com a paisagem não deixou de ser a mesma, tornando-se em algo mais profundo que um simples existir. No segundo, a antiga casa, foi necessária uma maior transformação, criando uma nova estrutura em betão, devido à pobre qualidade da preexistente, mas mantendo o seu simples volume caiado a branco. O que foi uma casa, passa agora a ser uma galeria de arte, onde é ela a verdadeira habitante e o homem um apaixonado admirador.

É introduzido um novo volume no complexo agrícola, implantado de um modo sensível, procurando uma aproximação às preexistências, numa articulação entre o novo e o antigo, traduzindo uma continuidade material, de escala, proporção e qualidade espacial. Esta aproximação não é sobretudo resposta aos aspectos funcionais, mas sim a procura da relação entre a paisagem e a arquitectura, mantendo o seu próprio espírito. *“(…) há uma quase obrigação moral de não tentar imitar uma coisa de que à partida se sabe ser irrepetível, não é natural. Daí outros materiais, com outro rigor na execução, rigor que corresponde ao que a arquitectura hoje permite, mas de forma a estar ao lado daquela arquitectura tradicional. Não se imitam as marcas do tempo.”*<sup>125</sup> Este novo volume, a casa, responde à necessidade dos seus habitantes, num percurso em galeria de ligação entre as várias áreas, a sala comum, a sala de jantar, a cozinha e os três quartos de dormir com respectivos quartos de banho. É esta galeria que se prolonga e, através de uma antecâmara envidraçada se liga ao antigo armazém, agora casa de hóspedes, num percurso em forma de U que se abre para um novo pátio. O antigo armazém e o novo volume não se tocam fisicamente nem têm os mesmos materiais, no entanto constituem um só, parecendo que sempre ali pertenceram. *“(…) faz parte da mesma família, parece que já estava ali, mas não é uma repetição, os materiais são diferentes. (...) As paredes exteriores são revestidas a madeira, tem portadas de madeira. Os buracos dos vãos já não são buracos negros nas construções anteriores. Existe uma continuidade material, muro e portada. Não há uma repetição, há um esforço de aproximação.”*<sup>126</sup> Criou-se um novo pátio, como um espaço de transição, de relação entre os antigos edifícios e os novos, como mediação para a paisagem que se revela. *“(…) há sempre uma tensão própria*

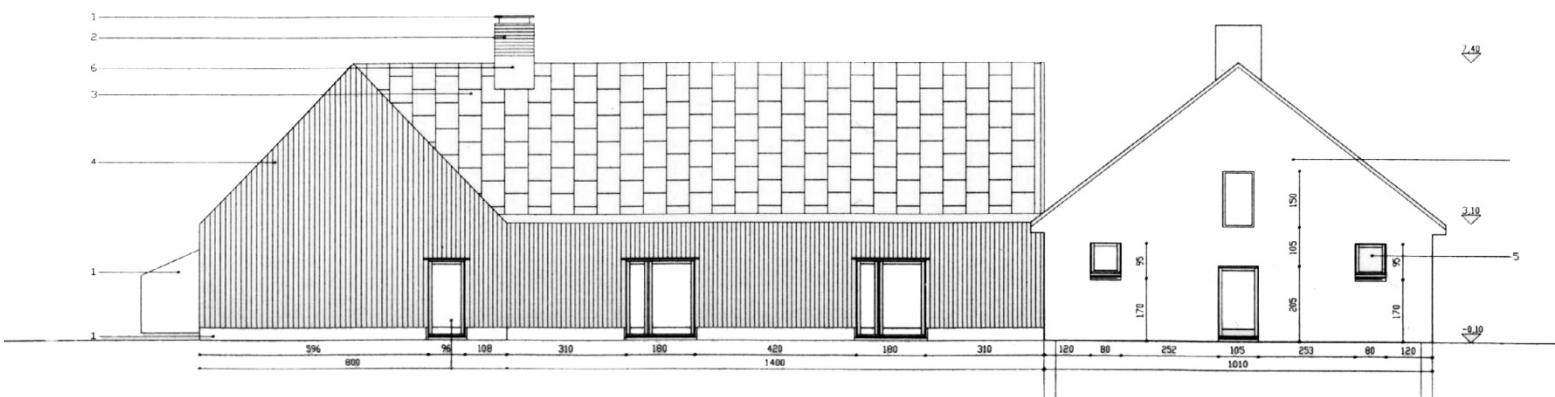
<sup>124</sup> Álvaro Siza, “Entrevista ao arquitecto Álvaro Siza Vieira, Agosto 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.81.

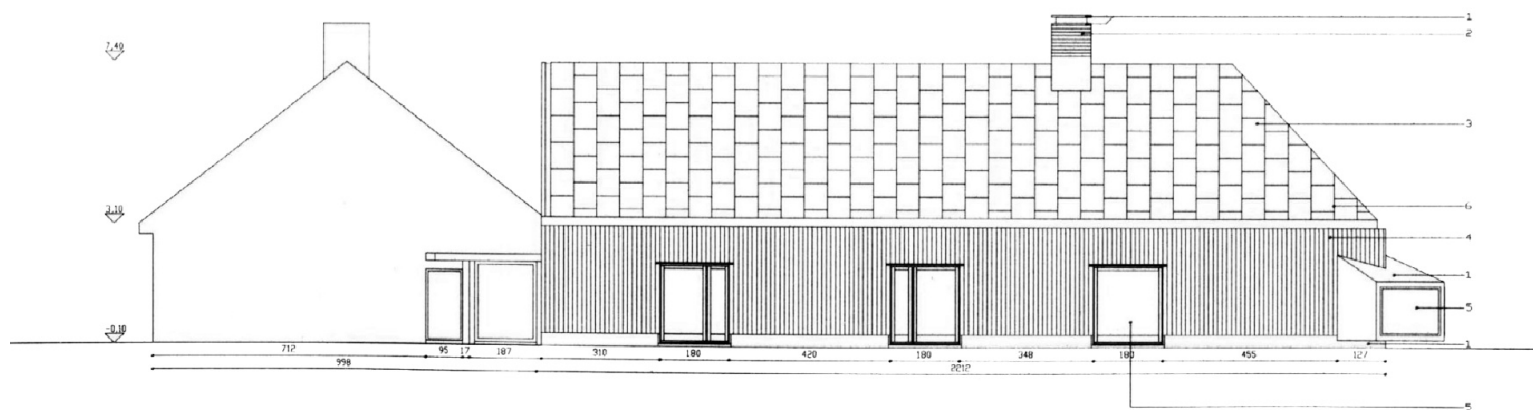
<sup>125</sup> Ibidem, p.81.

<sup>126</sup> Ibidem, p.82.



1.entrada / 2.galeria de arte / 3.antigo armazém / 4.novo edifício / 5.armazém / 6.pátio existente / 7.novo pátio





*do programa, entre o que é actividade agrícola e o que é a nova actividade enquanto habitação. Um e outro querem avançar. O pátio projectado é fulcral para um equilíbrio.*<sup>127</sup> Três diferentes actividades vão coexistir num único espaço, no qual estas se ligam ou separam através de dois pátios. Cada “arte” desempenha a sua função específica sem interferir, de certa forma, na liberdade das outras.

A ideia principal desta intervenção, para além da construção de novos edifícios utilizando novos materiais e originando novas utilizações, é que este complexo agrícola continue a ser lido como um só e continue a desenvolver a sua principal função, numa relação tão genuína com a terra. É esta relação que mantém vivo aquele complexo e aquela suave paisagem, dando a possibilidade ao homem de habitar nela. *“A razão orientadora do projecto está, no próprio projecto e no que ele significa funcionalmente, como proposta de vida, e como parte de um entorno.”*<sup>128</sup>

Na reconversão das preexistências é mantido apenas o limite exterior, paredes e coberturas tradicionais, repensando o seu espaço interior. Houve o cuidado em respeitar os vãos, os condicionamentos do programa, a manutenção da actividade agrícola, garantindo as condições necessárias a esta actividade e à sua relação com o núcleo construído. A casa é o lugar onde a necessidade e o mito se encontram em forma de abrigo, *“que é um prolongamento ou a envolvente do corpo de cada um e que nem sempre se consegue resolver. Julgo que se mantém a necessidade na habitação de um território próprio de cada um e isso contém a ideia de abrigo.”*<sup>129</sup>

A galeria de exposições é desenhada como galeria de exposições e a casa é desenhada como uma casa, onde tudo funciona como deveria funcionar e onde a qualidade espacial e a relação com o exterior são elementos indispensáveis neste projecto. Há uma postura atenta em relação à história e à tradição, não obstante à ligação com a modernidade, num diálogo crítico e constante em relação ao contexto e a todas as possibilidades do momento. Cria-se um espaço confortável, com valores, que funcione como estímulo e também como repouso, não se impondo como ambiente transformador da pessoa, mas aberto ao uso. É esta a casa envolvida numa atmosfera de um habitar rural, onde a tradição persiste e a modernização, que de tão simples e única, traduz-se numa suave brisa sobre a paisagem.

<sup>127</sup> Álvaro Siza, “Entrevista ao arquitecto Álvaro Siza Vieira, Agosto 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.84.

<sup>128</sup> Ibidem, p.83.

<sup>129</sup> Álvaro Siza, “Jornal Arquitectos 224”, p.62 .





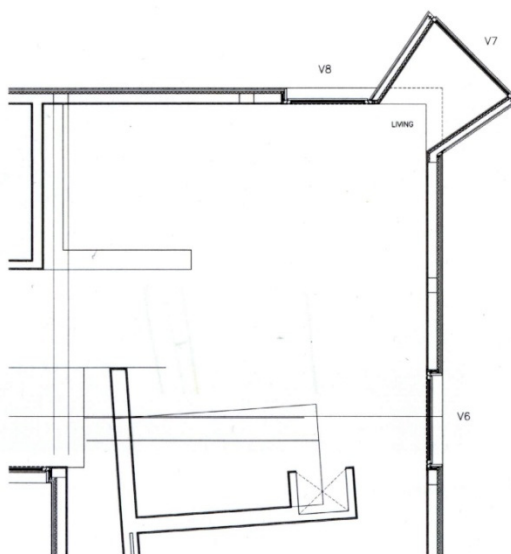
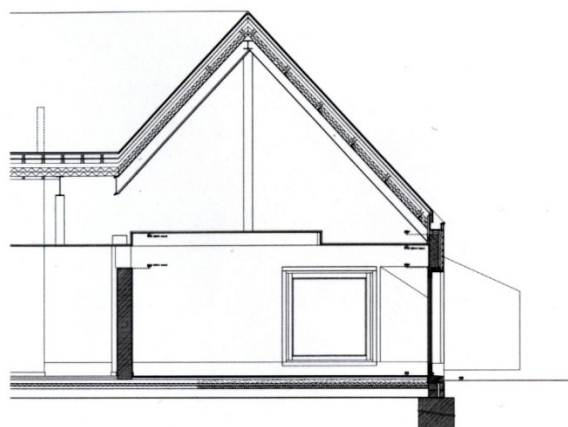
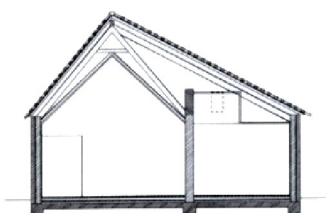
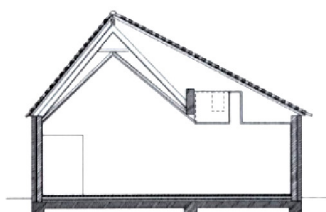
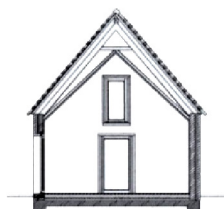
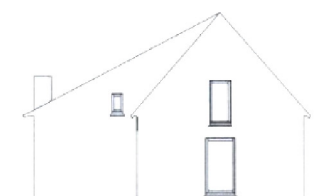
*i.17*



Secção transversal pelos quartos do novo  
edifício e do adjacente já existente.



*i.19*



i.20

*Alçados e secções da galeria de arte.  
Detalhe em planta e corte da janela de esquina do novo edifício.*



*i.21*





*i.22*



*i.23*



i.24

*"A água de Janeiro traz azeite ao olival, vinho ao lagar e palha ao palheiro."*



*“Quando faço arquitectura penso mais na relação do meu próprio corpo com o espaço, como um corpo abstracto.”*<sup>130</sup> Entre a arquitectura e a cenografia, João Mendes Ribeiro trabalha o espaço e a materialidade, como uma reacção entre a escala, as dimensões e proporções do corpo. Um edifício vive não só da relação com o corpo de quem o habita, como também do tempo que o seu próprio corpo e os seus materiais permanecem, respondendo ao uso a que foi destinado. O espaço é uma realidade flexível e reage conforme a intensidade do seu uso, assim como os corpos que reflectem a “mutação dos usos”. *“A questão é que não é possível pensar os espaços sem pensar na escala humana e na forma como estes se caracterizam e se habitam.”*<sup>131</sup>

Entre duas paixões, o acto de projectar tornou-se num vício entusiasmante, numa procura do essencial, do austero e do silêncio. Define territórios entre a arquitectura e as artes cénicas, que embora diferentes, seguem metodologias, soluções formais e estéticas comuns. O peso, a matéria, a forma, o volume e o espaço são temas fundamentais no seu acto de projectar, e que de certa forma estão presentes tanto na arquitectura como na cenografia. A cenografia como experimentação arquitectónica leva à criação de espaços e objectos como uma extensão do corpo, numa íntima relação com o homem, sendo ele a “medida de todas as coisas”, assim como na arquitectura. Em ambos procura a resolução dos problemas “com a clareza de um conceito”, atingindo o lado essencial que a sua arquitectura nos mostra. Esta é vista como uma realidade perene que com o tempo adquire uma “potencialidade de apropriação”, a cenografia como algo efémero, que por vezes pode adquirir significados ou usos além daqueles que foram procurados. *“(…)A elegância é uma componente natural do seu trabalho, é um refinamento, um modo delicado de sentir e estabelecer proporções. De marcar os cheios, os vazios, as passagens, as transparências, as alturas ou as profundidades, um certo desenho.”*<sup>132</sup> Entre a elegância e a abstracção procura criar, de um modo simples, espaços com a possibilidade de suportarem modificações apropriadas e únicas. É esta flexibilidade muito própria dos seus projectos, que permite a mutação dos espaços. Considera importante o cruzamento de diversos saberes disciplinares para alcançar a plena arquitectura, na qual a precisão e a natureza do detalhe se fundem com a expressão visual e espacial, transformando a paisagem de uma forma sublime. *“A possibilidade de transformação, e a flexibilidade na arquitectura é algo que gosto muito de explorar. Mas há sempre uma procura de coisas que, à partida, não são muito imediatas nem evidentes.”*<sup>133</sup> Para se transformar algo, é importante a noção da importância e das qualidades assim como dos elementos ou características que definem aquela paisagem, aquele edifício, aquele espaço, únicos e interessantes. A possibilidade de transformação permite dar uma continuidade ao existente, reintegrando-o numa nova forma de habitar, onde o mais importante é aquela relação entre o corpo, o espaço e a matéria. *“(…) recupera-se quer os materiais quer as valências da preexistência. Portanto o que configura ou o que determina o projecto não tem nada a ver com esse sentido cenográfico, tem a ver com a qualidade da*

<sup>130</sup> João Mendes Ribeiro, “O perene e o efémero.”

<sup>131</sup> João Mendes Ribeiro, “Arquitectura e cenografia.” revista NU 05, p.10 .

<sup>132</sup> Manuel Graça Dias, “Poética inquietação. Arquitectura e cenografia de João Mendes Ribeiro”, em “JMR 92.02 – Arquitectura e cenografia”.

<sup>133</sup> João Mendes Ribeiro, “O perene e o efémero.”



i .25

Lat. 40°22'55.33"N. Lon. 8°15'17.19"O

Cortegaça, Mortágua.



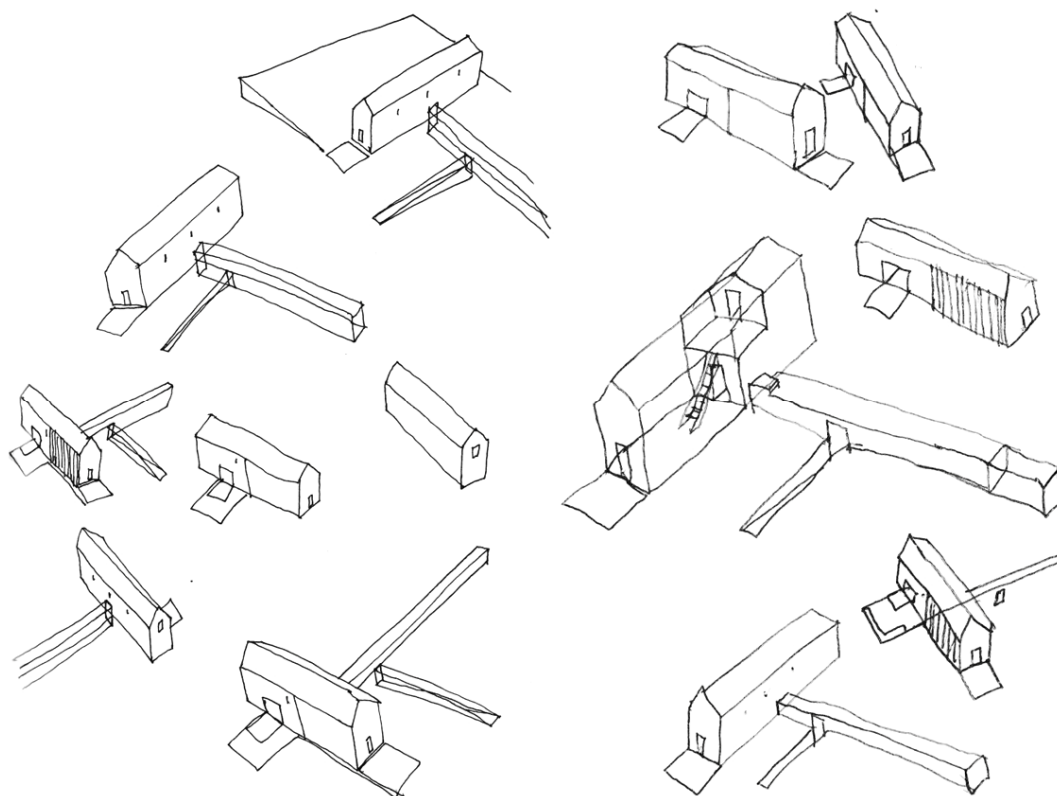
i .26

*Reconversão de palheiro*

*Arquitecto .João Mendes Ribeiro*

*Colaboradores . Ana Moreira, Jorge Teixeira Dias,  
Manuela Nogueira, Sónia Gaspar, Catarina Fortuna.*

*data .2000 2004*



i.27

*preexistência.*<sup>134</sup> Esta transformação é um processo estimulante que permite, para além de existirem regras muito claras, trabalhar uma estrutura existente na qual é possível acrescentar novas matérias e qualidades. Esta justaposição de tempos diferentes é o resultado de uma conciliação do passado com o presente, onde se passa a habitar um espaço com novos significados, numa reinterpretação do que já foi. *“Habitar sem nostalgia um espaço esquecido no tempo. Habitar um espaço por aquilo que ele é neste tempo: um espaço constituído por paredes inexpressivas em significado, mas expressivas em matéria.”*<sup>135</sup> Não só a memória permanece, como também a matéria e a sua genuína relação com o lugar e o saber rural. Interessa manter o carácter único da preexistência e estas suas relações com o território para que haja uma continuidade no tempo, inovando e transformando-a para que passe a fazer parte de um presente tão mais exigente. *“(…) reabilitação para mim é sinónimo de transformação. (...) Essa possibilidade de transformação desde que não ponha em causa a escala e o carácter da preexistência, é o que acho interessante. Mas é obrigatório haver inovação, haver alterações, novos usos, novas possibilidades.”*<sup>136</sup> A preexistência é um estímulo à transformação; como matéria de projecto não é tomada como uma limitação mas como uma espécie de arquivador de memórias que pode ser moldado, constituindo uma parte significativa de todo o projecto, na procura de uma nova identidade. *“(…) a preexistência serve sempre como matéria de projecto, e portanto, mais do que pensar em não tocar, não ferir a preexistência, é interessante torná-la como matéria de projecto, para ser moldada para construir uma parte significativa e importante do projecto.”*<sup>137</sup>

Um palheiro, uma pequena construção desqualificada, de paredes de xisto e madeira, cobertura de duas águas e uma janela. A sua ligação com a terra perdeu-se no tempo mas a sua existência sobreviveu guardando apenas as suas memórias. É esta a arquitectura vernacular que subsiste ao tempo e que faz parte de um mundo onde o homem vivia da terra e da sua relação com uma arquitectura tão genuína. O carácter rural e a simples estrutura do antigo palheiro despertou o interesse em transformá-lo numa casa, procurando uma forma de trabalho muito elementar. O seu volume austero, puro e simples demonstra uma sensibilidade própria em relação à sua escala e proporção, numa composição de superfícies planas, ricas na sua materialidade. É esta uma pequena construção agrícola, que persistiu ao longo do tempo nos campos de Cortegaça, articulado com outras construções de épocas e lógicas diferentes, como elementos definidores daquela paisagem. Entre uma adega, uma casa e uma eira encontra-se o palheiro, um edifício modesto de pequena escala e referências do mundo rural, a partir das quais se pretende acrescentar *“outros modelos decorrentes de uma arquitectura urbana contemporânea”*<sup>138</sup>. Esta preexistência e o objectivo de a recuperar e transformar tornaram-se no *“guião”* desta nova peça na qual se juntam tempos diferentes num *corpo unificado*. *“Apostámos num corpo unificado, que tem materiais tradicionais, mas quer na organização dos espaços, quer na vivência dos espaços é muito contemporâneo.”*<sup>139</sup>

<sup>134</sup> João Mendes Ribeiro, “Entrevista ao arquitecto João Mendes Ribeiro”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.93.

<sup>135</sup> João Mendes Ribeiro, “Conversa com Ricardo Pais”, Setembro 1998, em “JMR 92.02 – Arquitectura e cenografia”.

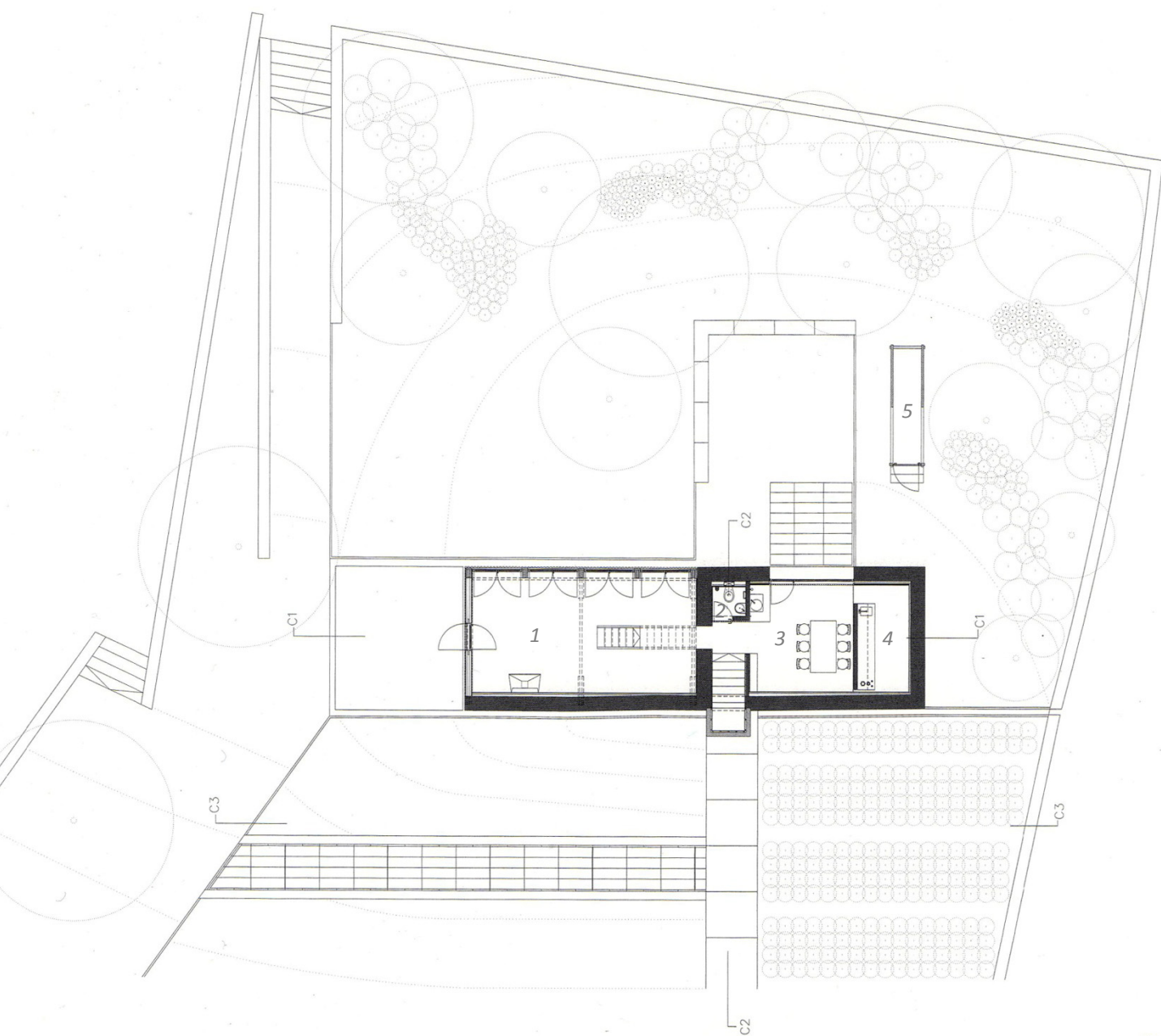
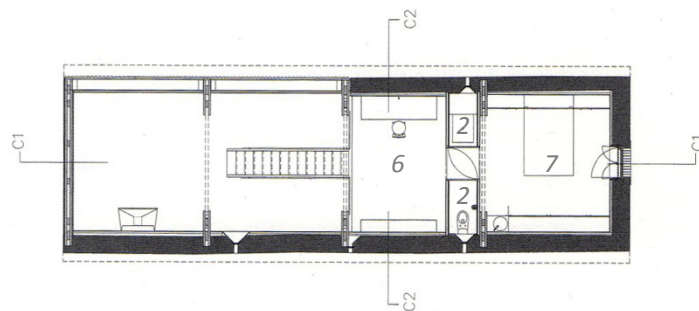
<sup>136</sup> João Mendes Ribeiro, “Entrevista ao arquitecto João Mendes Ribeiro”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.87.

<sup>137</sup> Ibidem, p.87.

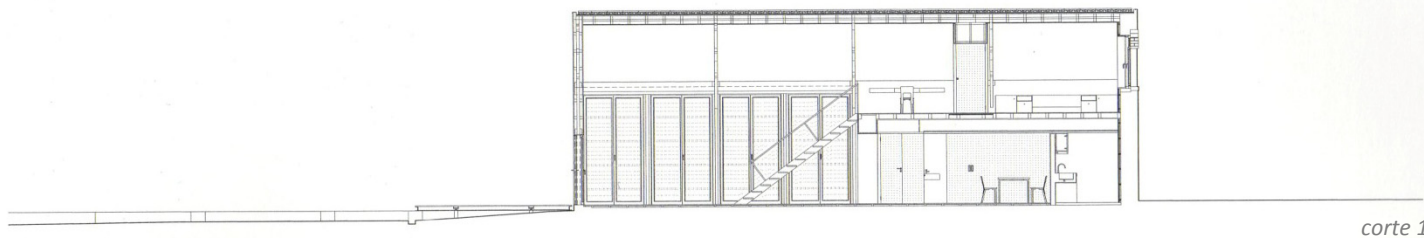
<sup>138</sup> João Mendes Ribeiro, “O perene e o efémero.”

<sup>139</sup> João Mendes Ribeiro, “Entrevista ao arquitecto João Mendes Ribeiro, Junho 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.87.





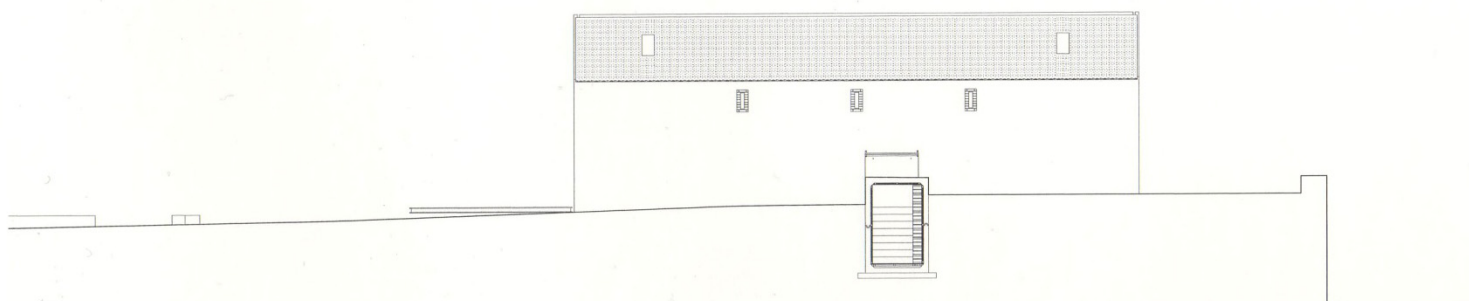
0 1 5 10 m



*corte 1*



*corte 2*



*corte 3*

0 1 5 10 m

*i.29*

É importante haver uma relação de cumplicidade com quem vai viver aquele espaço, sendo que a casa acaba por ser a projecção do que somos. “(...)no caso da reabilitação, se há uma empatia entre quem vai habitar e o arquitecto, em relação à preexistência, está estabelecido esse percurso.” Um pequeno espaço, uma pequena casa para uma pessoa só. O programa estabelecido foi adequado à preexistência e aos usos pretendidos, numa relação clara e de sólida empatia. O espaço já estava construído e tinha uma identidade própria, sendo necessário adaptá-lo ao programa pretendido através de pequenas e significativas transformações, dando um novo uso e um novo sentido. “A nossa opção não vai por um tempo, vai por tornar visível entre tempos ao longo da duração daquele exercício. E depois introduzir as novas necessidades, como necessárias, absolutamente necessárias à resposta às novas direcções porque se não, não é recuperável, não funciona.”<sup>140</sup> Espaço de estar, comer, dormir e banhos eram os elementares para a casa. Transforma-se o espaço, mantém-se os materiais, as formas, as proporções, e aquela identidade tão genuína e rural passa a fundir-se com uma nova contemporânea. Sendo uma preexistência com um forte carácter, decidiu-se utilizar apenas tecnologias tradicionais e elementares. Recuperou-se a estrutura em madeira e substituíram-se as madeiras que se encontravam em mau estado, as paredes de xisto permaneceram iguais devido ao óptimo estado em que se encontravam. No chão e na parede das zonas ligadas à água, cozinha e sanitários, utilizou-se uma técnica de construção tradicional de betonilhas de óxido de ferro, caracterizando aqueles espaços com o tom vermelho. O volume existente era aberto a sul e fechado a norte com dois espaços distintos no seu interior. No espaço a sul criou-se a sala e a norte uma pequena sala de jantar e cozinha. O segundo piso de pé direito reduzido foi mantido de forma a não alterar a cércea original do palheiro, condicionando a circulação entre os três espaços pelo centro, mantendo-se assim o rigor do espaço preexistente. Da zona de trabalho ao quarto, passa-se pelo centro do quarto de banho, as suas ligações com o exterior já existiam, nenhuma abertura foi criada. A sala, com pé direito duplo, é o espaço nuclear da casa, como o espaço de articulação entre o piso superior e o inferior, sendo marcada pela alteração da luz natural ao longo do dia. “(...) nesta sala consegue-se ter a noção clara da passagem do tempo, que é uma coisa que eu acho muito bonita.”<sup>141</sup> É uma estrutura fixa de réguas de madeira que filtra a luz e a relação com o exterior como se fosse um véu, “ampliando as cenografias domésticas de dia e de noite”<sup>142</sup>. Procurava-se a possibilidade de a casa funcionar como uma casa de fresco, permitindo assim a abertura do vão posterior ao ripado fixo, como ventilação de todo o espaço interior da casa. A relação física com exterior é condicionada por uma porta dupla na sala de jantar, uma em madeira a outra em vidro, dando a possibilidade de as abrir ou fechar, ampliando a área da cozinha para o exterior, para uma antiga eira em lajedo de pedra. “Essa eira era protegida da rua por um espigueiro que queremos repor, para funcionar como peça de fecho daquele espaço.”<sup>143</sup> Esta relação com a luz e a estrutura a partir de elementos muito leves teve como referência a arquitectura japonesa, na qual trabalham a partir de *peles* e espessuras mínimas, como filtros de luz visuais entre o espaço interior e exterior.

<sup>140</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>142</sup> João Belo Rodeia, “Ritos antigos e caminhos novos - Obras recentes de uma Arquitectura portuguesa contemporânea”, Fevereiro 2007.

<sup>143</sup> João Mendes Ribeiro, “O perene e o efémero.”





*i.30*

*“É evidente que há ali um conjunto de referências que não são inteiramente da preexistência.”*<sup>144</sup> No entanto, é o rigor na construção e geometria do antigo palheiro, de uma elementar organização do espaço, que permitiu esta simplicidade e leveza na sua abordagem e referências.

Surgiu a necessidade de criar um percurso de ligação entre a casa principal do complexo e o palheiro, como um elemento que permitisse a autonomia das construções de uma forma dissimilada. Este percurso seria como um *corredor-garrafeira* que a certo ponto se abre para o exterior, como um túnel que nos deixa espreitar a paisagem. Entre este túnel e a rua construiu-se um muro em xisto limitando assim um lado do complexo e definindo, ambos, uma área de jardim de plantas aromáticas. *“Não é um sítio propriamente para habitar, é exactamente um espaço entre dois muros, que depois se ocupa com plantas de cheiros mas que de alguma forma, fecha a propriedade à rua.”*<sup>145</sup> O limite da propriedade é reconstruído por muros de xisto e árvores de grande porte, consolidando e mantendo o carácter da propriedade preexistente e de um espaço rural. *“Há uma possibilidade de saída para o exterior, há um ponto de paragem que tem um banco e um corredor que permite sair para o exterior. Depois há uma passagem, que no fundo serve também a casa mãe. Há uma espécie de tentativa de fecho à rua, com muros fortes. A possibilidade de circulação, a limitação a partir do túnel e a construção de um espaço de estar a sul.”*<sup>146</sup> Há uma reinterpretação não só do que é o palheiro, como também de todo o espaço envolvente e da forma como se podem desenvolver as suas vivências numa relação com aquela paisagem, como um jogo de possibilidades. *“(…) tentámos recuperar. Apesar de se traduzir uma linguagem diferente, porque é muito mais abstracto do que era anteriormente.”*<sup>147</sup>

O palheiro é agora um novo *cenário*, que se transformou e que só adquire sentido com a vivência do homem, com os seus movimentos, com a relação tão directa com o seu corpo, contendo sempre a memória daquilo que um dia foi. *“A austeridade da caixa procura expressar a essencialidade do todo.”*<sup>148</sup>

<sup>144</sup> João Mendes Ribeiro, “Entrevista ao arquitecto João Mendes Ribeiro”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.94.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p.93.

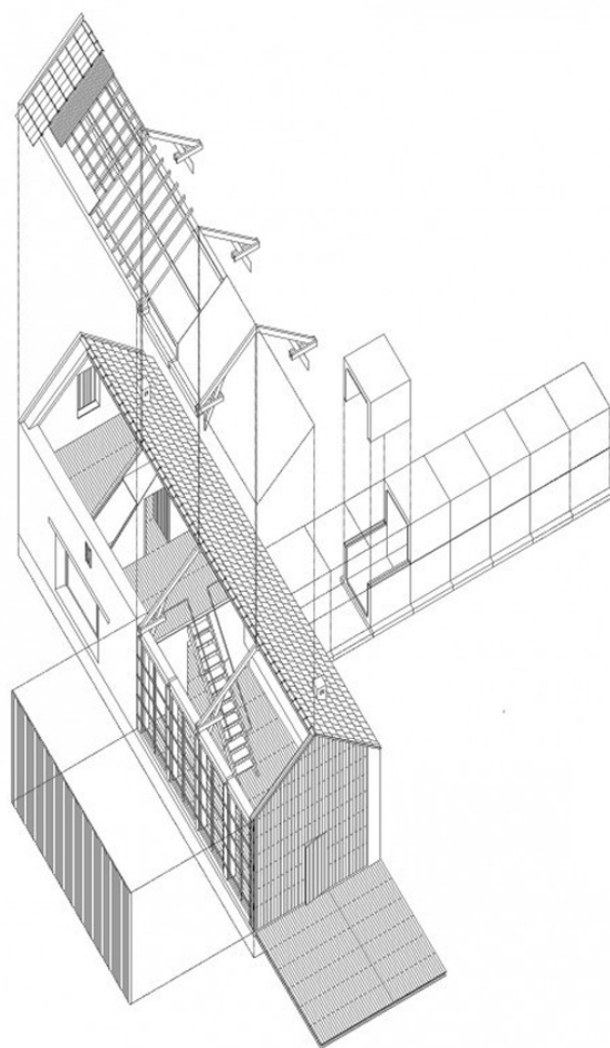
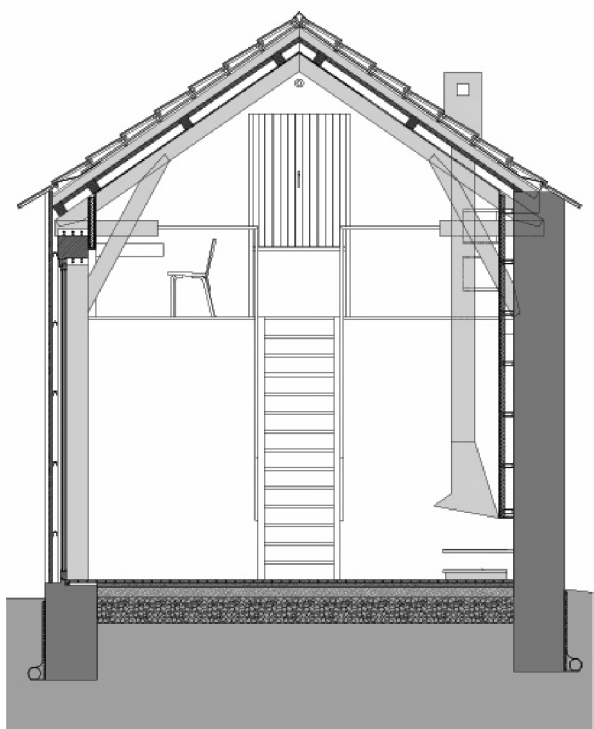
<sup>146</sup> *Ibidem*, p.93.

<sup>147</sup> *Ibidem*, p.91.

<sup>148</sup> João Belo Rodeia, “Ritos antigos e caminhos novos - Obras recentes de uma Arquitetura portuguesa contemporânea”, Fevereiro 2007.



*i.31*



*i.32*



*i.33*





*i.34*



*i.35*



*i.36*



*“As casas, os muros, toda a obra construída parece integrar-se naquela ambiência, fundindo-se como as vozes de um coral em que o desenho fosse melodia, as cores o timbre, e onde a luz da paisagem soa numa imensa harmonia que se desprende daquele quadro, enchendo-nos a alma.”*

António Pedro, *“Apenas uma narrativa, Lisboa, Estampa, 1978, p.28. Citado por Álavro Domingues em “Vida no campo”, Dafne Editora, 2011, p.304 .*



i.37

*"Em dia de São Martinho, vai à adega e prova o vinho."*

*“A nossa arquitectura assenta sobretudo, na procura de uma coerência, sendo esta, talvez, a nossa maior forma de sedução.”*<sup>149</sup> Entre a procura de um percurso coerente e uma forte abstracção, não se pretende atingir a ideia primária de beleza mas sim a construção e a materialização de um conceito, levado ao limite numa simplificação e pureza espacial. O desenho como processo de desenvolvimento do projecto é explorado nas suas possibilidades de expressão, procurando traduzir *o sentido da arquitectura em matéria*. É na construção que esta ideia de matéria é concretizada, sendo este o factor elementar na arquitectura dos arquitectos Aires Mateus. *“O nosso raciocínio é muito simples: a arquitectura constrói-se de matéria, a matéria concentra-se dentro de um determinado campo, esse campo é uma identidade, essa identidade tem uma lógica intrínseca, tem um interior, e tem uma forma de reacção com o exterior, portanto o que interessa é a concentração sobre esse campo.”*<sup>150</sup> Embora a principal finalidade da arquitectura seja a construção, a materialização, é o espaço que resulta que permite as vivências do homem e todas as suas relações com o mundo. *“Desenhar espaços é projectar as possibilidades de vida, com limites feitos de matéria. Espaço é definido pela forma, textura, cor, temperatura, cheiro.”*<sup>151</sup>

Interessa que tudo o que seja criado tenha uma lógica e uma identidade única definida pela abstracção de tudo aquilo que são elementos exteriores à construção, marcando assim o lugar. Esta é uma arquitectura que parte de um volume simples de origem, ao qual é retirado matéria, criando espaços de profunda abstracção, nos quais o branco e a luz são a sua essência. É o cheio-vazio, o positivo-negativo, a forma-função, o espaço-matéria que caracterizam esta arquitectura tão própria, na qual a liberdade é ser capaz de relatar com clareza as memórias de uma vida. A importância não reside nos volumes desenhados, construídos, mas sim nos seus vazios dotados de qualidades espaciais. Aqui não há inovação mas sim um acertado questionar e reinventar do que já vivenciaram, recusando uma arquitectura padrão. Interessa a possibilidade de experimentação de *“sistemas espaciais, sistemas de uso, sistemas de vivência e com relações a coisas muito claras, até domésticas da vida”*<sup>152</sup>. A arquitectura é um suporte para a vida, uma estrutura que a limita e a torna possível e desejável, com a capacidade de tomar diferentes usos, respondendo a necessidades e mostrando a medida da sua intemporalidade. É importante a arquitectura deixar a vida fluir naturalmente, sendo isto possível com a clareza de uma ideia ou conceito, onde tudo faz sentido. *“É difícil definir a arquitectura que tem qualidades, mas é fácil reconhecer. Esta arquitectura deve trabalhar nos limites da nossa disciplina, deve ter sentido e expressá-lo com clareza e eficiência, tanto no contexto em que se insere como nos recursos que emprega. Não há um caminho único, todos os caminhos válidos podem levar a resultados com qualidades óbvias.”*<sup>153</sup> Qualquer caminho que seja tomado, deverá responder da forma mais clara às necessidades quotidianas, como uma abordagem à realidade na qual o espaço entre o conceber, o construir e o viver se define como um processo lógico e actual à sua época. Hoje, o habitar não é apenas

<sup>149</sup> Manuel Aires Mateus, “A sedução não interessa nada...”, revista NU 09, p.11 .

<sup>150</sup> Manuel Aires Mateus, “Conceptualizar os campos de tensões.”, revista Arq. E Vida 54, p.40 .

<sup>151</sup> Aires Mateus, El Croquis 154, “building the mould of space”, 2002-2010.

<sup>152</sup> Manuel Aires Mateus, “Conceptualizar os campos de tensões.”, revista Arq. E Vida 54, p.45.

<sup>153</sup> Aires Mateus, El Croquis 154, “building the mould of space”, 2002-2010.



i.38

Lat. 38°31'26.84"N . Lon. 8°59'43.79"O

Brejos de Azeitão, Setúbal.





i.39

*Casa em Brejos de Azeitão*

*Arquitecto .Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus.*

*Coordenador de Projecto .Mafalda Neto Rebelo.*

*Colaboradores .Maria Rebelo Pinto, Ana Rita Rosa.*

*data .2000 2003.*

a criação de um abrigo, mas também a procura da simplificação do que é a casa e da sua importância na vida de quem a habita. *“Habitar significa (...) uma procura serena pela elementaridade, pela redução ao mínimo dos elementos que compõem a casa.”*<sup>154</sup>

A arquitectura parte de uma necessidade de transformação, não só de uma preexistência como também de um lugar, de uma paisagem, de um território, de um modo de habitar. *“É o equilíbrio entre a introdução de um novo elemento que potencia a preexistência e nas suas potencialidades que reside o valor do lugar. Em geral a arquitectura lida com a vida e tudo o que ela proporciona: o pensar a matéria, o trabalhar com a luz, com o som, com o tacto, com o olfacto.”*<sup>155</sup>

Era um lagar de vinhos entre campos vinícolas, onde o tempo não se limitou a passar, permitiu que permanecesse como um edifício *eterno*, mas abandonado. Fazia parte de um conjunto de construções agrícolas que dependiam da sua relação com a vinha, ainda hoje como marca daquela paisagem. O que existia era uma estrutura, um volume exterior, uma série de tanques e uma pequena mezzanine com umas escadas de acesso estrito, não mostrando à partida as suas qualidades. *“Foi feito para outra coisa, e estava bem para essa outra coisa, porque também não existia exigência nenhuma a não ser esse funcionalismo que o próprio tempo lhe foi dando.”*<sup>156</sup> O objectivo era transformar esta adega numa casa de férias, o que permitia uma abordagem mais livre ao seu programa e à questão do habitar. É importante perceber o que interessa como ponto de partida do projecto, o que nunca será entendido como uma limitação.

A preexistência, uma construção muito semelhante ao que hoje se lê enquanto limite exterior da casa, apresentava qualidades espaciais e estruturais, com pequenas aberturas para o exterior e dois grandes vãos em cada lado nos seus topos. Decidiu-se manter aquela construção como limite de um invólucro, demolindo assim todo o seu interior, que acabava por baralhar todo o discurso pretendido. A preexistência é vista como um limite entre dois mundos completamente diferentes, o exterior esconde memórias de outros tempos enquanto que o interior define-se como um novo habitar contemporâneo. *“A configuração não tem que ser a mesma; se o exterior tem autonomia em relação ao interior, quer dizer que há um campo, e posso ter um interior e o exterior diferentes.”*<sup>157</sup> Esta ideia de limite parte das vivências passadas dos arquitectos com a arquitectura vernacular alentejana a qual se deteve sempre nos limites, com paredes grossas e aberturas de luz regulares e rígidas, permitindo a grande diferença entre o interior e o exterior. *“...do lado de fora de uma casa do Alentejo a intensidade de luz é extrema, no interior ela é ténue, é muito subtil, é muito delicada.”*<sup>158</sup> Essas paredes grossas definem uma tensão entre estes dois ambientes e fazem *“com que o próprio limite das casas ganhasse um peso de entidade própria. A espessura faz com que aquilo seja não só uma parede mas uma fronteira entre dois universos muito diferentes.”*<sup>159</sup> A intenção era conseguir implementar o programa naquele edifício sem destruir os

<sup>154</sup> Ricardo Carvalho, “A casa elementar. A casa na costa alentejana de Aires Mateus”, Setembro 2004.

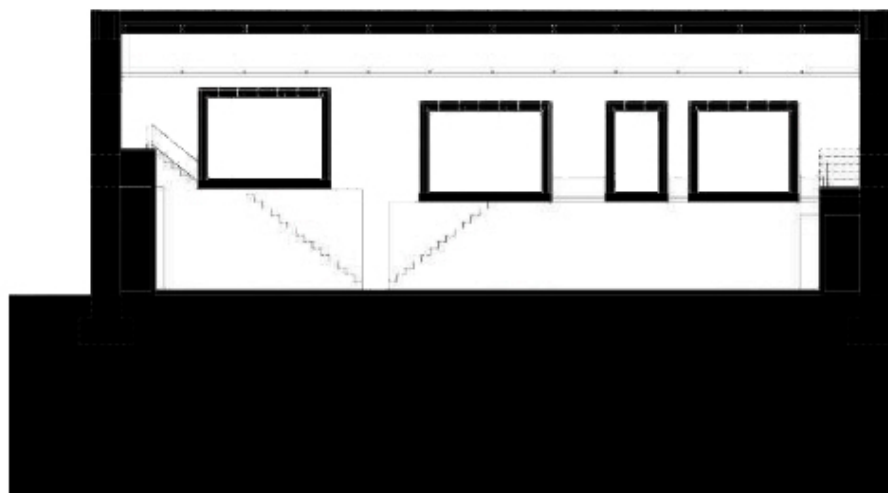
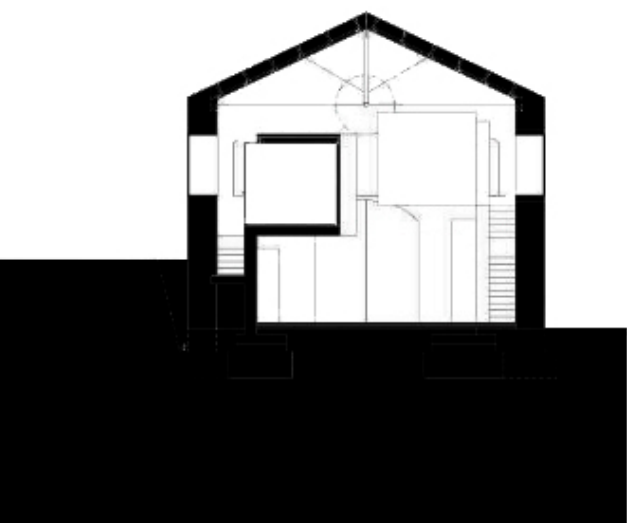
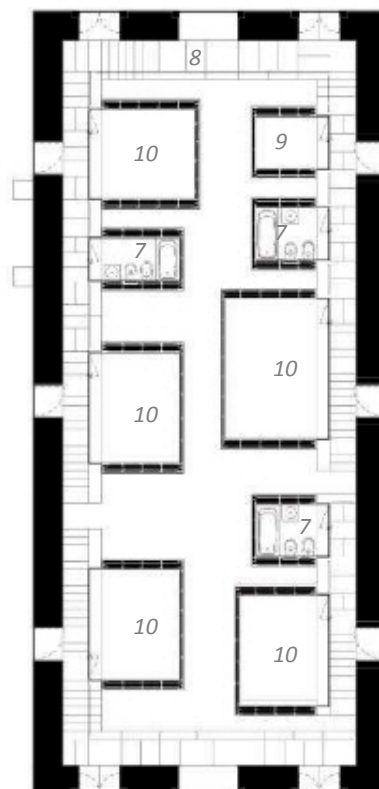
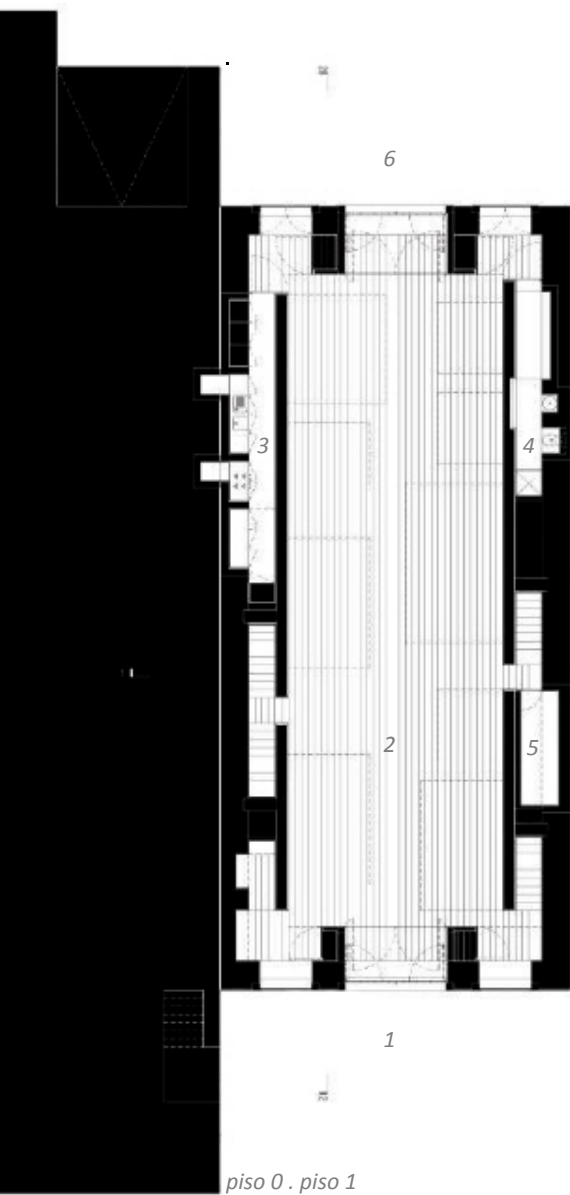
<sup>155</sup> Manuel Aires Mateus, “A sedução não interessa nada...”, revista NU 09, p.12.

<sup>156</sup> Manuel Aires Mateus, “Entrevista ao arquitecto Manuel Aires Mateus e ao arquitecto Jorge Silva, 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.96.

<sup>157</sup> Manuel Aires Mateus, “Conceptualizar os campos de tensões.”, revista Arq. E Vida 54, p.41.

<sup>158</sup> Manuel Aires Mateus, “Entrevista ao arquitecto Manuel Aires Mateus e ao arquitecto Jorge Silva, 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.99.

<sup>159</sup> Ibidem.



1.entrada / 2.sala / 3.cozinha / 4.sanitário de serviço / 5.arrumos / 6.quintal / 7.installação sanitária/ 8.corredor de acesso / 9.estúdio / 10.dormitórios

0 2 4 6

i .40



*i.41*



seus limites, mantendo a natureza unitária do espaço. A organização do programa deveria estar intimamente ligada ao conceito arquitectónico que partia do desenhar o espaço entre duas coisas, entre dois tempos, sendo que a perfeita compreensão de um programa afastou do paradigma “a forma segue a função”, permitindo assim encontrar soluções mais abstractas. As áreas sociais ficam no piso de baixo, enquanto que as áreas privadas se situam no piso de cima, distribuídas em volumes “flutuantes” sobre a grande área comum, como se fossem independentes. *“Distribuir o programa foi fácil. Saber como é que ele era activo no desenho do conceito da casa foi aquilo que demorou mais tempo.”*<sup>160</sup> Parte da essência deste projecto está presente no desenho e na expressão dos volumes que marcam aquele espaço, sendo estes, a nível estrutural a maior dificuldade ao longo de todo o processo. Como consequência do interesse pela massa e solidez da matéria, não revelam o processo construtivo nem têm como objectivo utilizar materiais ou acabamentos diferentes como marcas de dois tempos. *“O que é rico no processo, é desenhar o espaço que existe entre duas coisas, é desenhar o ar entre o limite exterior e os novos compartimentos que precisam de existir. Fazê-lo com acabamentos diferentes seria um discurso demasiado directo de confronto entre duas entidades, e aquilo que se está a fazer não é isso. É desenhar o espaço que existe entre duas coisas, não é propriamente desenhar um diálogo ou sequer um confronto.”*<sup>161</sup> Para se aceder às zonas privadas, dormitórios, quartos de banho e um estúdio, são criadas escadas de acesso entre duas paredes, a parede preexistente e uma outra criada, com o objectivo de acentuar a ideia de massa e de “escavação”. Estes muros levam à introdução de espaços auxiliares e de serviço no piso térreo, que se podem mostrar ou esconder quando necessário, permitindo assim a leitura de um espaço unitário e livre. Os volumes habitáveis que aparentemente levitam, num impossível equilíbrio estruturam e modelam o espaço interior principal da casa, a sala, adquirindo um sentido de espaço escavado, o que acentua a sua amplitude e as características próprias da antiga adega. *“...escavámos e simultaneamente adicionámos dentro da parede preexistente essa intensão de liberdade de operar sobre o limite.”*<sup>162</sup> Foram abertas algumas novas janelas por necessidade programática, em correspondência com outras já existentes, procurando assim refazer a simetria onde ainda não existia. A relação com o exterior continua a ser a mesma que existia enquanto construção agrícola, os dois grandes portões e as janelas existentes permitem a relação com o jardim e as várias áreas exteriores, assim como anteriormente permitiam as relações necessárias com as zonas de trabalho. O limite preexistente é como uma *pele* que protege aquele interior contemporâneo, onde é privilegiado o espaço unitário e as transições da luz por entre volumes brancos. A função da casa é aqui desempenhada da forma mais simplificada e flexível, onde a distribuição do mobiliário não foi gerida ao longo do projecto, cabe ao utente tomar essa decisão, dando uso àquele espaço da forma mais apropriada à sua identidade.

*“Uma recuperação, não é diferente de um projecto novo, porque aquilo que nos chega do tempo, quando nós percebemos que foi accidental ou casual, não representa limitação nenhuma.”* Esta foi a

<sup>160</sup> Manuel Aires Mateus, “Entrevista ao arquitecto Manuel Aires Mateus e ao arquitecto Jorge Silva, 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.99.

<sup>161</sup> Ibidem.

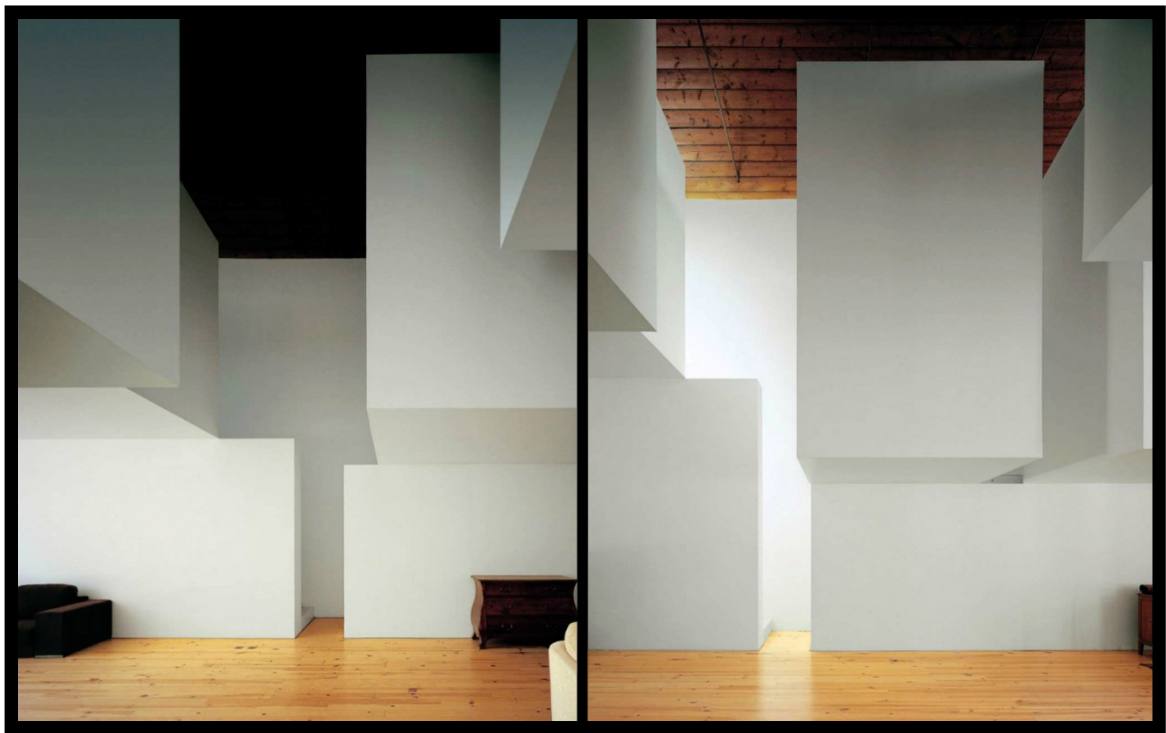
<sup>162</sup> Manuel Aires Mateus, “Conceptualizar os campos de tensões.”, revista Arq. E Vida 54, Novembro 2004, p.41 .

recuperação e transformação de uma adega que aparentava algumas qualidades espaciais, onde se pretendeu valorizar o que o tempo deixou permanecer, mas muito mais que isso, transformar a ideia de habitar em algo elementar, deixando de parte princípios e valores tipológicos ou espaciais. O que já existia não se tornou uma limitação, interpretou-se como um estímulo e uma oportunidade de representar o pensamento sobre a arquitectura daquele momento. *“Ter uma demonstração e declaração de tempo muito peculiar não é matéria interessante para nós. Pensamos sempre que as coisas não têm tempo, ou desenha-se para não terem tempo.”*<sup>163</sup>

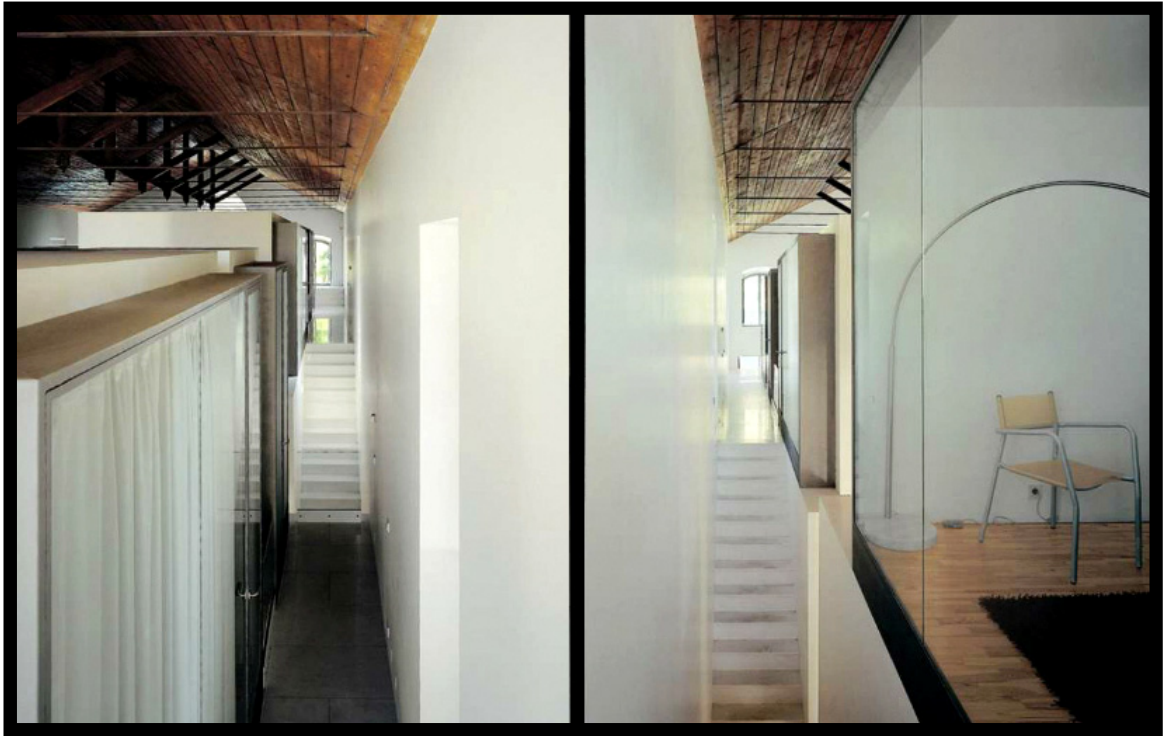
<sup>163</sup> Manuel Aires Mateus, “Entrevista ao arquitecto Manuel Aires Mateus e ao arquitecto Jorge Silva, 2009”, em “Reabilitar para habitar” de Mafalda Trindade, p.102.



*i.42*



*i.43*



*i.44*



i.45

*"Quando o melro canta em Janeiro, é tempo de sequeiro o ano inteiro."*

*“Acredito que na obra de José Gigante transpiram elementos visíveis que são ilustração de características pessoais – a força do eu. A alegria de viver, a visão “descomplicada” da profissão, traduzem-se numa arquitectura inteligente, funcional, despida de redundâncias, clara nas intenções.”*<sup>164</sup>

José Gigante procura uma nova identidade partindo do *“saber ancestral da grande experiência do homem construtor de “casas”*”.<sup>165</sup> Nesta procura não é a imagem o factor mais importante, mas sim o rigor conceptual e a seriedade construtiva, como uma estratégia de abordagem do programa e do lugar.

O lugar é tomado como elemento determinante na definição de volumes e relações, numa realidade onde o espaço, a forma e a sua materialidade marcam o próprio lugar, adquirindo a sua identidade. Há uma intensa procura de uma lógica intrínseca a partir da qual todo o projecto se desenvolve, não partindo de uma qualquer teoria mas sim de algo único e real possuidor de memórias de um tempo passado. São as preexistências, destroçadas com o tempo, transformadas numa nova realidade física procurando adaptá-las de modo a não perderem o seu sentido de harmonia, regra e proporção. Tudo parte do entendimento do que existe, desde a forma à estrutura, procurando a clara relação entre o modo de construir e o espaço definido pela forma. José Gigante sabe como transformar o espaço e a forma, onde o detalhe por si só não importa mas sim o conjunto, no qual é visível a beleza da simplificação dos seus detalhes. As suas intervenções tornam-se no *“reflexo do domínio absoluto dos materiais, das técnicas e das tecnologias utilizadas na construção”*<sup>166</sup>, pois o projecto não é tomado como um processo fechado, permitindo a adaptação a novas necessidades durante o desenvolvimento da obra, numa reflexão de uma forma operante.

Esta é uma arquitectura de síntese que parte da essência das coisas e que através de uma ideia de habitar são transformadas, construindo uma nova realidade onde a enclausura do tempo e da acção não é um objectivo. *“Da construção à ideia, da ideia à construção”*, José Gigante vê a arquitectura como a construção de uma ideia, que só é concretizada através de uma rigorosa abordagem técnico-construtiva, alcançando a abstracção do espaço enquanto pensamento criativo. Esta materialização de uma ideia de projecto é possível quando se consegue perceber em detalhe os materiais daquele território e a forma como são utilizados, partindo de uma arquitectura erudita de tamanha história e sabedoria, tentando retirar-lhe o essencial, *“de modo a que fique a força da sua imaterialidade”*<sup>167</sup> na nova realidade que é a casa.

<sup>164</sup> Luís Ferreira Alves, *“José Gigante – Habitar”*, p. 04.

<sup>165</sup> Victor Mestre, *“Entre Giacometti e Sakamoto” em “José Gigante – Habitar”*, p. 11.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>167</sup> *Ibidem*, p. 06.





i.46

Lat. 41°25'56.92"N. Lon. 8°17'46.24"O

Urgezes, Guimarães.





i .47

*Reconversão de sequeiro (habitação).*  
*Arquitecto . José Gigante e Victor Silva.*  
*Colaboradores .Manuel Fernando Santos.*  
*data .2002 2005.*

*“Entre a absoluta fidelidade ao preexistente, necessariamente obrigando a um qualquer acrescento, e a sua reinterpretação num novo modelo que preservasse a sua essência, escolhemos o segundo caminho. Assim renasceu o sequeiro (...).”<sup>168</sup>*

Um sequeiro em Urgezes, Guimarães, esquecido, parado num passado, aparentava tranquilidade como se estivesse a observar o passar do tempo. O que marcava aquele lugar eram as necessidades do povo traduzidas na arquitectura, numa paisagem caracterizada pela arquitectura vernacular que se foi transformando, sem nunca perder a sua profunda identidade cultural. Era um elemento de apoio à subsistência do homem, um espaço de secagem dos cereais após a sua colheita onde era possível o armazenamento temporário de outro tipo de alimentos. Espaço cerrado por entre paredes, pilares de pedra e portadas de madeira, “fiéis” ao desempenho da sua função, seguiu uma lógica formal consolidando-se com o tempo e a experiência. Essa lógica formal é lida através da existência de uma fachada principal orientada a sul, bem iluminada e ventilada, implantada como um elemento complementar no limite norte de uma eira, a partir da qual o seu pavimento se prolongava até ao interior do sequeiro. Esta estrutura de dois pisos, o térreo de apoio à eira e o primeiro para armazenar outro tipo de colheitas, era geralmente de dimensões volumosas e dividido em quatro módulos marcados pela estrutura de grandes peças graníticas. *“Edificações intimamente vinculadas a gentes que, século após século, foram quem as ergueu, sem mais experiência do que a tradição, nem mais ajuda do que a da própria comunidade. Edificações que parecem nascer como um prolongamento da paisagem e do carácter do homem que as vai habitar, dando lugar a uma arquitectura que pela sua identificação com cada país e com as mais imediatas necessidades do seu povo, constituirá um dos seus mais destacados sinais de identidade.”<sup>169</sup>* Era um sequeiro para passar a ser uma casa, onde a paisagem de cultivo se transforma em lugar de contemplação da natureza, onde a relação do homem para com a terra se transforma num antagónico paraíso.

Situado num pequeno conjunto agrícola foi necessário, a pedido do utente por questões de venda da propriedade, transferi-lo para um novo local mantendo a sua orientação a sul e a sua relação com a eira. Um processo possível sendo que a estrutura envolvente em alvenaria de granito permitia o refazer sem que se perdesse o seu princípio e a sua linguagem, optando-se por regularizar e aumentar a dimensão dos vãos e a profundidade do edifício. O sequeiro encontrava-se numa fase de degradação na qual só era possível aproveitar a sua estrutura exterior o que permitiu tirar o maior partido do seu interior, adaptando um modelo misto de estrutura de aço e madeira no pavimento do primeiro piso e na cobertura. Transforma-se uma preexistência procurando o equilíbrio entre o existente e a sua reutilização de acordo com as novas necessidades programáticas. Uma casa familiar determinada pelas áreas comuns - espaço de estar, refeições, cozinha, instalações sanitárias – e três quartos. A dimensão do antigo sequeiro não suportava o programa necessário, sendo acrescentados dois módulos aos quatro primitivos, reutilizando peças graníticas resultantes de outros edifícios. Estes módulos marcam o alçado sul através da ritmada e proporcional estrutura que permite a abertura total dos vãos, permanecendo a directa relação com a eira e que sempre fez sentido existir. O plano dos caixilhos destes vãos é recuado

<sup>168</sup> José Gigante, *“José Gigante – habitar”*, p.73.

<sup>169</sup> Pedro de Llano, citado em *“Arquitectura popular, ruralidade e património construído”* de José Augusto Maia Marques.

do plano limite da estrutura de granito permitindo o sombreamento no interior, resultando “essencialmente da ideia de composição da nova fachada do sequeiro”, reinterpretando “o sentido formal dos planos de ripado de madeira que preenchiam os vãos da fachada do velho sequeiro”.<sup>170</sup> Esta composição permite a abertura total ou parcial dos planos de madeira como um sistema de ventilação ou apenas de subtis variações de luz. “(...) nunca a estrutura de granito surge, a partir do exterior, dissociada do sistema de preenchimento dos seus vãos. Quando as portadas se abrem, são elas mesmas que desenham a espessura da fachada, revelando o espaço interior.”<sup>171</sup> Em cada outro alçado foi necessário a abertura de uma nova pequena janela, como uma pequena moldura da paisagem envolvente. E como uma casa sem porta não faz sentido criou-se uma a norte, sendo esta a entrada principal para aquele lugar onde o homem parte e regressa. O que permitia a perfeita secagem de cereais, permite agora a ligação entre um mundo de perfeita harmonia com a natureza e um mundo privado e íntimo onde o homem é o principal personagem, num cenário de extrema simplicidade construtiva. “É para nós evidente que um discurso arquitectónico não se deverá esgotar na estrita resolução dos componentes construtivos das soluções. (...) Directamente articulado com a nova eira lajeada a granito é esse espaço, afinal, o protagonista central da experiência arquitectónica, sem o qual nada do resto teria sentido.”<sup>172</sup>

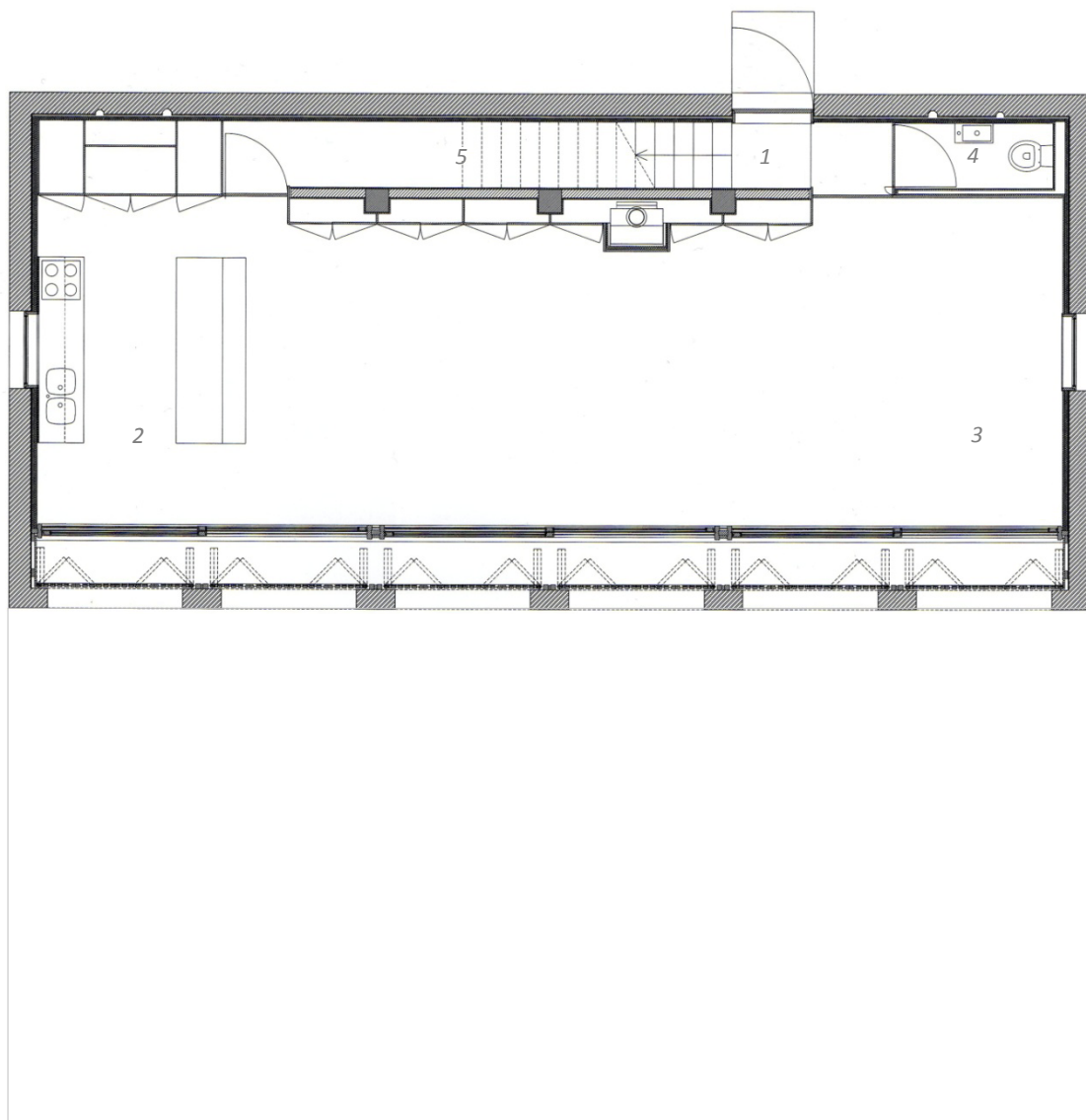
Por vezes a nossa relação com alguns edifícios e com o seu passado, leva-nos a imaginar que provavelmente sempre estiveram ali, percebemos que apenas faz sentido retocar ou acrescentar pequenos detalhes para que se transforme numa nova realidade concreta. O facto de o sequeiro ter sido mudado de lugar, não alterou esse sentimento de pertença. Continuou a fazer parte de um mesmo território, de paisagem erudita, na qual aquele novo lugar passou a ser diferente. As suas memórias, do lugar, não se encontravam com as memórias do sequeiro, cruzam-se agora num novo mundo de vivências e que a partir daqui se desenrolam como uma linha marcada na terra. O sequeiro é, agora, aquele lugar, é a casa com memórias, que renasce num novo sentido de uso e que se mostra como algo muito próprio de uma família. Aqui o conceito de habitar a casa não foi levado ao limite, simplesmente se procurou definir o programa, separando os espaços comuns (piso térreo) dos espaços privados (primeiro piso), organizando-os através de um fluído percurso que nos conduz a espaços de absoluta simplicidade e funcionais naquilo a que foram destinados. Os módulos que se abrem para o exterior foram redesenhados com a mesma proporção que os do sequeiro, não deixando de existir a relação proporcional entre a espessura da pedra e a dimensão dos vãos. É perceptível a diferença de escala e de peso entre o material vernacular, que se impõe e marca a casa, pela sua dimensão, textura, cor e o material contemporâneo que demonstra alguma leveza na sua própria brancura.

O sequeiro que de tão natural, único e complexo que é, transforma-se na casa tão simples na forma como se desenvolve e é vivida, como a casa perfeita neste novo paraíso ilusório. Reconstruiu-se o que foi um sequeiro pensando-se numa casa, agora só restam memórias.

<sup>170</sup> José Gigante, “José Gigante – habitar”, p.73.

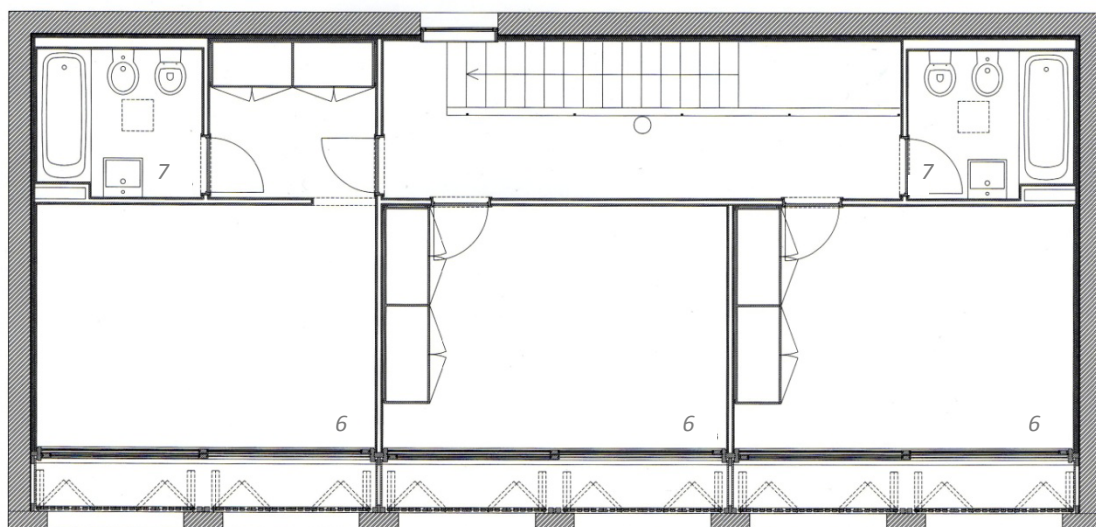
<sup>171</sup> Ibidem, p.73.

<sup>172</sup> Ibidem, p.73.

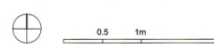


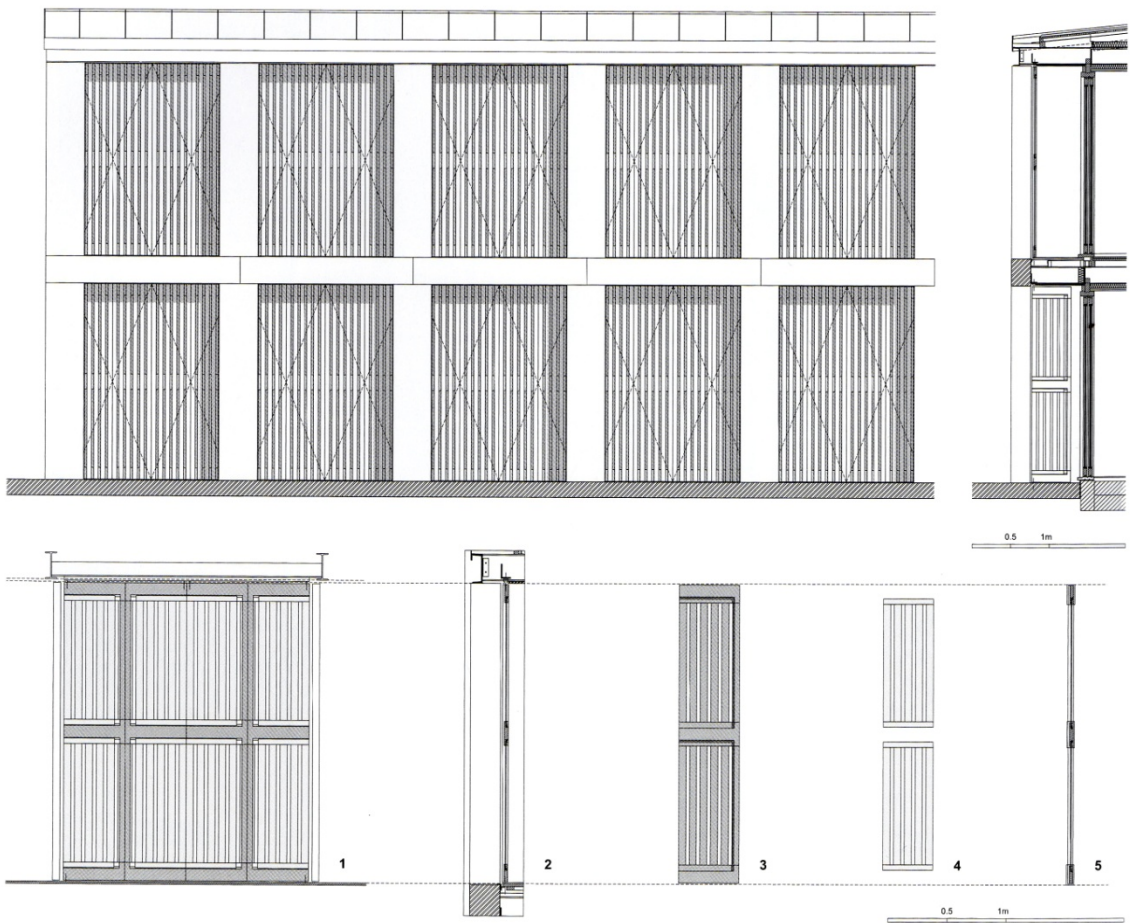
Piso 0

Piso 1



1.entrada / 2.cozinha / 3.sala / 4.sanitário / 5.despensa / 6.quarto / 7.quarto de banho





*i.49*





*i.50*



*i.51*

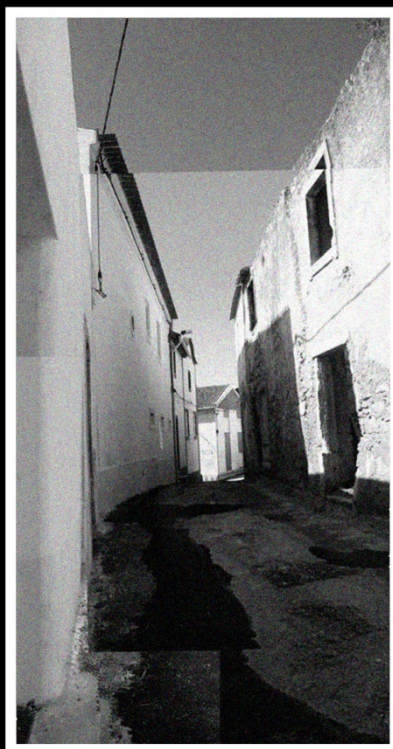


i.52





*i.53*



*i.54*

*"A chuva de Janeiro enche o celeiro."*

*“(...) a derradeira obra de arquitectura é a cidade, em cada projecto isolado estamos a construí-la (...).”*<sup>173</sup> Para se construir cidade, muito mais que pensar num projecto único, é necessário pensar à escala do território e perceber de que forma faz sentido construí-la. A função da arquitectura consiste em desenhar o próprio processo que permita a adequada transformação do território, onde a relação com o homem e a sua comunidade não pode ser esquecida. *“A maior liberdade decorre do conhecimento do território.”*<sup>174</sup> O arquitecto Miguel Figueira defende então que o verdadeiro trabalho do arquitecto é servir a comunidade e o seu território, sendo a necessidade o principal factor a responder, alcançando assim a solução mais adequada. Dedica-se à análise e desenvolvimento do território procurando uma oportunidade para redesenhar a cidade, entre reflexões, estudos e soluções, ideias, convicções e memórias. Aqui o que mais interessa é a capacidade crítica e o poder de síntese, tentando não *“fechar o debate na “autoria”, no “estilo”, no “ego”.*<sup>175</sup> Procura manter uma leitura de conjunto de forma a não perder a consciência do todo; a cidade cheia de discontinuidades é construída por cada necessidade, por cada ideia, por cada solução, em tempos diferentes. *“Se formos virtuosos, habilidosos, conscientes, se pensarmos bem, conseguimos dar uma boa resposta arquitectónica.”*<sup>176</sup> Todas as propostas são de integração como parte do território, das pessoas, das ideias, na procura de permitir o seu verdadeiro uso, conferindo expressão e diálogo às necessidades do presente. O que interessa, no território, na cidade e naquilo que a constrói, não é apenas o tempo que passa mas também as qualidades próprias que lhe são intrínsecas, valorizando e compreendendo as condições em que surgiram. Miguel Figueira é um arquitecto que por escolha procura *“uma maturada expressão para as suas perguntas, uma consciente coerência para as suas respostas,(...) de acordo com a extensão da cidade envolvida, de acordo e apropriadas a quem, depois, ali venha viver, habitando com gosto e alegria e inteligência montada do espaço.”*<sup>177</sup>

É naquele território marcado pela agricultura e transformado pelo sistema urbano, em Montemor-o-Velho, onde um antigo celeiro, que num tempo passado fazia parte da subsistência de alguém, perdeu a capacidade de responder à sua função. Com o seu abandono, alguém aproveitou a oportunidade e o transformou numa casa banal, na qual nada foi questionado, apenas se abriram vãos para a rua principal e se dividiu o espaço interior da forma mais conveniente. Aquela rua passou a ser diferente e aquele antigo celeiro voltou a ser abandonado. Mesmo assim não perdeu a sua identidade rural e a sua ligação com os materiais e sistemas artesanais, sendo o principal objectivo deste projecto manter esta simplificada e genuína linguagem. Este foi um projecto no qual o seu habitante foi arquitecto e construtor, numa relação tão intrínseca e apaixonante. Um projecto e uma obra que permitiu uma liberdade e uma capacidade de experimentação por parte do arquitecto, como se de um laboratório se tratasse, onde todas as possibilidades poderiam levar à acertada solução. *“(...) uma obra em que valores artesanais da construção a transformaram num laboratório experimental ao longo de vários anos*

<sup>173</sup> Miguel Figueira, *“Se queres dançar paga a banda!”*, *Jornal Arquitectos* 240, p.98.

<sup>174</sup> *Ibidem*, p.98.

<sup>175</sup> *Ibidem*, p.98.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p.98.

<sup>177</sup> *Ibidem*, p.02.



i.55

Lat. 40°10'21.15"N . Lon. 8°41'8.47"O

Montemor-o-velho.





i.56

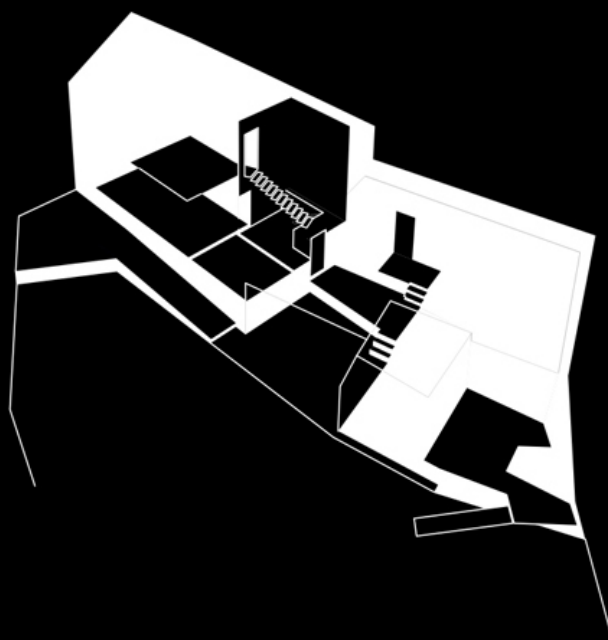
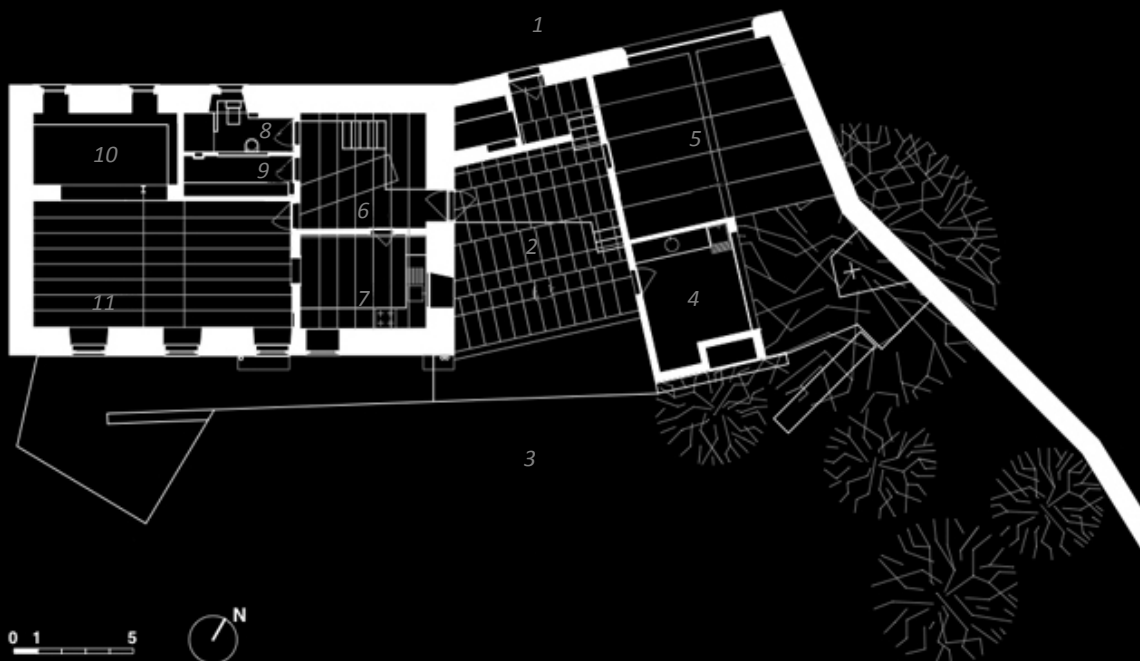
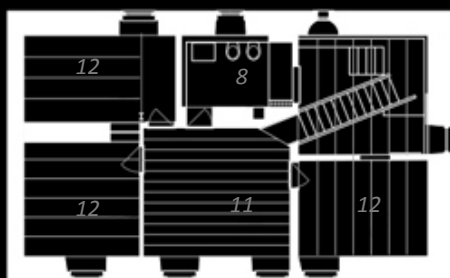
*Casa de Montemor*  
Arquitecto .Miguel Figueira.  
data .2006.

(...).<sup>178</sup> E foram estes valores artesanais, entre a pedra e a madeira, que estabeleceram a sua disciplina à forma existente. Interessava manter as paredes de pedra e cal, as madeiras, a sua utilização e a relação existente com o exterior, onde se encontravam três laranjeiras e uma nogueira. Todos os vão existentes foram mantidos e uma porta existente no primeiro piso passou a ser uma janela voltada para o castelo. As áreas sociais e privada, de certa forma, acabam por estar separadas entre dois pisos, sendo estas ligadas pelo meio da casa, *“o lugar de todas as relações da habitação”, o centro. “A articulação deste espaço com o exterior é sempre indirecta. O seu significado depende do percurso, do movimento, do uso.”*<sup>179</sup> Aqui privilegia-se a fácil ligação entre todas as áreas da casa e, o seu relacionamento com a rua e o quintal, é estruturado pelo telheiro criado. É o telheiro que liga a casa à rua, como uma pré entrada a este mundo com uma identidade tão própria de quem habita aquela casa. Esta é redireccionada para o seu interior onde é dada importância à natureza dos materiais e sua relação com quem vai habitar aquele espaço. *“É um projecto do avesso, ou sobre esta condição que hoje se impõe à nova ocupação.”*<sup>180</sup> O tempo passou, mas o celeiro não perdeu a sua identidade, transformou-se e adaptou-se ao seu novo tempo, procurando a pureza do habitar e a simplicidade da casa, onde o que importa é o uso e a apropriação, numa relação íntima com as vivências quotidianas. Reestruturou-se o seu interior e a ligação com a rua, mas aquele edifício que fazia parte daquela cidade como celeiro, passou agora a fazer parte como uma casa, a relação com a rua é outra, a relação com aquele território também.

<sup>178</sup> Miguel Figueira, *“A minha casa em Montemor”, Opúsculo 10, p.02 .*

<sup>179</sup> Miguel Figueira, *Habitar Portugal 2006-2008, Selecção Mapei/Ordem dos Arquitectos.*

<sup>180</sup> *Ibidem.*



1.rua / 2.telheiro / 3.quintal / 4.lavandaria / 5.garagem / 6.meio / 7.cozinha  
/ 8.instalação sanitária / 9.arrumo / 10.trabalho / 11.estar / 12.quarto



i.58

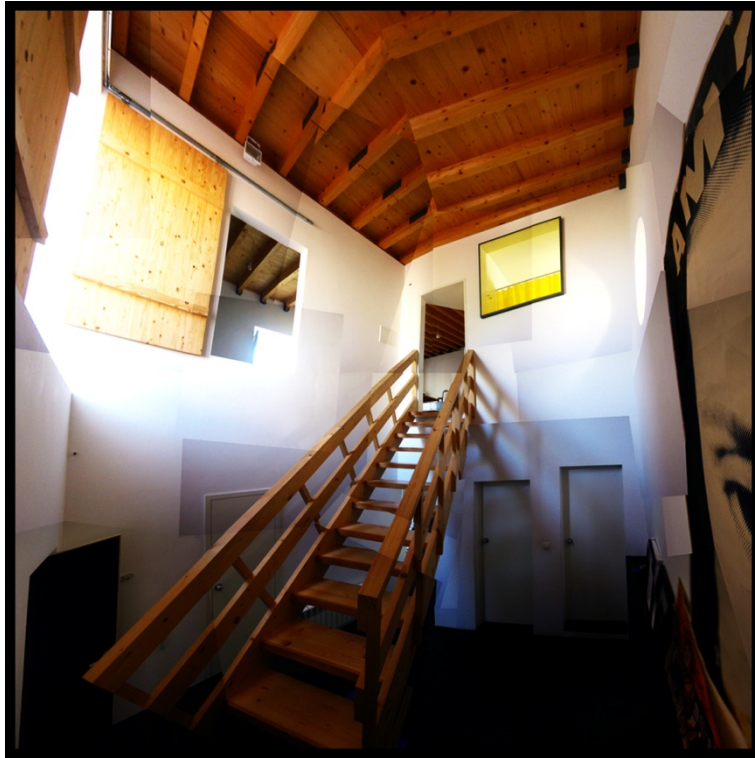




i.59



i.60



*i.61*

*“O antigo e o novo encontram-se em equilíbrio. As partes novas da casa não parecem querer dizer: sou nova, mas antes: sou parte do novo todo.”*

*Peter Zumthor, “Pensar a arquitectura”, p.46.*

## ANÁLISE CONCLUSIVA .

*“Esta é uma outra via da arquitectura contemporânea, que procura estabelecer a ligação entre o passado e o presente, entre o património e contemporaneidade, entre o erudito e o vernáculo, entre a arte e o ofício, entre construção e paisagem.”*<sup>181</sup> Esta é uma arquitectura que resulta do momento no tempo e no espaço em que se insere, não podendo deixar de parte todos os factores que contribuem para a própria essência e identidade. É necessário a existência de um diálogo entre o passado e o presente a partir do qual se valorizam as semelhanças e a continuidade, na procura de um equilíbrio na preservação de uma identidade cultural e arquitectónica, redefinindo-a para que se adapte a um novo tempo. Isto leva a uma constante transformação do lugar, no qual as marcas do tempo devem permanecer, como contadoras da história de um povo e de uma arquitectura com *alma*. *“Na arquitectura contemporânea não é difícil entrever já uma prometedora solidez; surge um carácter novo das condições novas e porque essas condições nos afectam também a nós, é nela que devem entroncar-se a arquitectura portuguesa sem receio de que perca o seu carácter.”*<sup>182</sup>

Com o passar do tempo e a procura do progresso e do conforto, muitas partes antigas e existentes nas cidades e aldeias acabam por ser esquecidas, sujeitas a uma consequente deterioração. Actualmente ainda se pensa que progresso é sinónimo de construir do zero, não contribuindo para uma contínua reabilitação dos conjuntos urbanos e rurais. Assim, edifícios de pequena escala acabam em ruínas ou são demolidos para no seu lugar se construir algo novo e erudito, distante de um mundo passado com história e memória. A resolução deste tipo de problema passa pela reutilização contemporânea das estruturas, através de intervenções adaptadas às necessidades do homem, transformando de uma forma consciente e sensível o que já existe, permitindo o seu uso verdadeiro. *“(...) a reabilitação de cidades consiste na renovação contínua das estruturas existentes, na construção “passo a passo” e no desenvolvimento das suas próprias potencialidades encontrando para cada caso a solução mais adequada e não a solução genérica preconcebida.”*<sup>183</sup> Estes edifícios vernaculares, perdidos no esquecimento, têm imensas qualidades não só históricas ou culturais como também construtivas e espaciais, sendo parte do nosso património, fazendo sentido a sua continuidade no tempo. *“(...) património deve conter obrigatoriamente o presente, no sentido de o ajustar constantemente às novas necessidades.”*<sup>184</sup> Note-se que, património não se refere simplesmente a edifícios qualificados apenas pelo tempo e validados pela questão da idade, mas sim tudo o que apresenta qualidades intrínsecas, marcas e memórias que ao longo do tempo foram definindo um território, época ou povo. *“Aquilo que é antigo, como aquilo que é novo, é bom e é mau pelas qualidades próprias que lhe são intrínsecas e não apenas pela espessura que os anos lhe conferem. A visão do “é bom porque é antigo” é a visão preguiçosa que desvia o olhar da qualidade e o depõe na quantidade, pois não é apenas o número de anos que um edifício tem que o torna bom, mau, ou historicamente pertinente, é sobretudo a sua qualidade urbana, arquitectónica, construtiva (etc.) ou a natureza dos acontecimentos que em torno dele gravitam.”*<sup>185</sup>

<sup>181</sup> Luís Teles, “Doze pontos para uma leitura e compreensão da obra de Francisco Portugal”, Arqtextos Janeiro 2007.

<sup>182</sup> Fernando Távora, “Fernando Távora”, p.13.

<sup>183</sup> Nuno Portas; escritos 1963.2004 – “Os tempos das formas, volume I : A cidade feita e refeita.”, p.158.

<sup>184</sup> João Mendes Ribeiro, “entrevista – Acções patrimoniais, perspectivas críticas” por Luís Baptista e Paula Melâneo, p.28.

<sup>185</sup> Miguel Figueira, “GAT Montemor-o-Velho – recuperação do espaço público anexo ao Convento dos Anjos ( 1999-2002)”, 2009.

A forma de adaptar as preexistências às necessidades deste tempo presente é transformá-las inserindo um novo uso, reabilitando e adaptando aquela realidade numa outra contemporânea como uma forma de não suspender o tempo. Sendo que já não se depende do trabalho da terra, mas sim de uma nova forma de vida na qual se dá mais valor ao conforto, ao espaço doméstico e às suas vivências quotidianas, interessa reconverter estes antigos espaços transformando-os na casa. *“O tema da casa talvez seja dos mais favoráveis a estas realidades físicas que constituem a base maior dos projectos de reabilitação e adaptação (...)e, neste sentido a própria exiguidade da configuração das preexistências implicará uma aturada pesquisa no campo da optimização desse(s) espaço(s) sem que estes percam a sua identidade.”*<sup>186</sup> O aspecto mais relevante numa intervenção de reconversão de usos é a importância e a procura da manutenção da memória e da identidade de um lugar e de uma preexistência, que por sua vez se torna num estímulo à inovação e à procura de um equilíbrio entre o velho e o novo. É notável as boas possibilidades de reutilização que os velhos edifícios oferecem para os novos usos contemporâneos, sendo que *“o que importa saber em qualquer circunstância é o que existia antes. É sempre a história que orienta o que vem a seguir. É a partir dela que nós encontramos as alterações ocorridas ou por acontecer ou ainda o que apresenta conforto suficiente para fazer parte dos valores urbanos existentes. É isso, que eu identifico de comum entre todas essas situações.”*<sup>187</sup> Não só a história de um edifício como também a história de uma paisagem e de um território, de um lugar e de um povo, complementam um processo de investigação e análise, alcançando cada solução única. Um possível cruzamento de tempos como *“uma rede de intencionalidades”*<sup>188</sup>.

A reutilização é um desafio, o qual consiste em reintegrar um edifício inactivo, conferindo-lhe um novo uso, de forma a responder às necessidades da vida contemporânea e reintegrá-lo num novo conjunto, no qual as condicionantes são outras. Esta reintegração só é possível se o seu novo destino for compatível com a sua morfologia, as suas dimensões, e as suas especificidades sejam respeitadas, como marcas da sua história e identidade. Reutilizar é transformar, estabelecer uma nova linguagem, contemporânea, não com o objectivo de dar a *impressão de novo* mas sim atribuir a estes velhos edifícios um *“implante regenerador”*<sup>189</sup>. Esta é uma operação complexa que não deve basear-se apenas na repetição do que já existe, interessa o questionar de uma nova linguagem e a procura do equilíbrio entre a forma preexistente e a nova função. Deve ser baseada numa análise aprofundada do edifício e posteriormente de uma avaliação crítica por parte do arquitecto, definindo o que interessa manter para, posteriormente, se transformar de acordo com as necessidades. É importante esta persistente pesquisa na reestruturação dos espaços e sua relação com quem os vivência, salvaguardando a memória e o valor cultural da preexistência, ao mesmo tempo que lhe confere um carácter contemporâneo. No processo de reutilização é indispensável a recuperação e reabilitação do existente, não só para que se torne numa base sólida e concreta como também para permitir uma sensível percepção do que importa manter e que ao longo do projecto não é perceptível. Tudo isto faz parte do processo de reconversão, como transformação do que existe, para permitir a integração de um novo programa, adaptando aquele velho

<sup>186</sup> Victor Mestre, *“Entre Giacometti e Sakamoto – Da recolha da memória à sua (re)invenção”, em “José Gigante – Habitar”, p.08.*

<sup>187</sup> Álvaro Siza, *“Uma questão de medida”, p.186.*

<sup>188</sup> Merleau-Ponty, *“A boa vida”, p.95.*

<sup>189</sup> Françoise Choay, *“A alegoria do património”, p.219.*

edifício a uma nova situação. Todos estes processos são desenvolvidos em paralelo, devendo existir um sentido e uma concordância entre eles para se conseguir atingir uma solução adequada e única. É incontornável a reflexão sobre a paisagem e o território, sobre a memória e o lugar, sobre as técnicas de projecto, as formas de viver e de apropriar o espaço privado, doméstico. É esta possibilidade de transformação, um acto que torna a arquitectura fascinante e desafiante, na procura de uma nova identidade e um novo sentido de uso, permanecendo parte integrante de um *todo*, agora de memória ressuscitada. A memória permanece mas o lugar altera-se, como consequência da consciente transformação de uma preexistência que fazia parte dele. A apropriação daquele lugar transforma-se; as suas condicionantes, as relações, as vivências são agora outras, o espírito daquele lugar também. “(...) o lugar é a pegada, a marca, o registo, a forma como uma sociedade se situa, se apropria e transforma um território, e tira partido do que lá possa existir. Por isso não há lugares para sempre, com identidades imutáveis.”<sup>190</sup>

Tira-se o máximo partido das preexistências, como condicionantes, para, a partir destas, se questionar o programa e explorar o espaço doméstico, e é quando este espaço passa a ser vivido e os corpos se tocam, que o antigo edifício pode afirmar-se como casa. Esta passa a *contar uma história*, ilustrando memórias, experiências, marcas contínuas que sustentaram um raciocínio lógico, o qual procurou unir dois tempos diferentes. “(...) o espaço organizado não é apenas condicionado mas é também condicionante e até que apenas por comodidade de estudo seria possível separar estes dois aspectos. Uma casa é condicionada na medida em que terá de satisfazer determinado programa (...) mas uma vez realizada, uma vez traduzida em forma organizadora do espaço, a mesma casa, que para existir teve de obedecer a um tão grande número de factores, passa a ser elemento condicionante, passa a constituir também circunstância e de modo como ela foi resolvida, como foram atendidos os problemas que levantou a sua concepção, de atitude tomada por quem a projectou, depende muita coisa desde a valorização ou desvalorização de um espaço até à felicidade dos seus moradores.”<sup>191</sup>

Reutilizar estas preexistências, transformando-as na casa, é uma forma de evitar a descaracterização e a consequente perda do valor cultural e identidade rural do território. Neste tipo de intervenções é pertinente abordarem-se os vários temas referidos ao longo desta análise, criando uma linha de pensamento, acabando por materializar certas ideias arquetípicas, repensar a casa e os modos de vida, transformar o espaço preexistente no espaço doméstico. Esta forma de pensamento lógico configurou-se e consolidou-se com base nas próprias experiências de cada arquitecto, permitindo uma abordagem crítica e sensível, maior possibilidade de experimentação e inovação; não com o objectivo de procurar descobrir soluções revolucionárias, mas sim repensar o que já foi pensado, reutilizar o que já foi utilizado, construir a casa. “Uma arquitectura tem qualquer coisa de cada um porque ela representa todos, exactamente será grande, forte, viva na medida em que cada um possa rever-se nela como um espelho denunciador das suas qualidades e defeitos.”<sup>192</sup> É possível perceber uma tendência no modo de projectar ou de encarar o projecto quando se analisam os vários casos. Os seus ideais variam, os quais

<sup>190</sup> Álvaro Domingues, “Vida no campo”, p.246.

<sup>191</sup> Fernando Távora, “Da organização do espaço”, p.35, 36.

<sup>192</sup> Fernando Távora, “Fernando Távora”, p.12.

se definiram ao longo da sua vida profissional e pelas suas vivências diárias. As suas linguagens e interesses acabam por ser diferentes mas é perceptível a importância que ambos dão à memória, à identidade de um povo, às técnicas e materiais tradicionais que caracterizam cada território. Todos procuram de forma simples e humilde manter as preexistências que apresentam qualidades e ligá-las a uma nova linguagem contemporânea, que para além de diferentes condicionantes em cada projecto, no resultado final todo o conjunto acaba por ser definido e lido como um todo, como se só assim fizesse sentido e sempre pertencessem a cada lugar. Há uma *“contínua preocupação em perceber o que já existe, a envolvente, o contexto e projectar a partir daí, sempre mantendo o diálogo entre o velho e o novo ou o que preexiste e o que vai ser construído.”*<sup>193</sup> Procura-se conservar o contacto com a matéria, apresentando sempre que possível a veracidade dos materiais utilizados, o que intensifica a relação entre os corpos, entre a casa e o morador, o toque e o uso que dão razão à sua própria existência. Mantêm-se as tecnologias tradicionais existentes em cada caso, integrando materiais e técnicas contemporâneas, procurando uma linguagem contínua que permita ler o conjunto como um todo. *“Estes materiais estão aí para assinalar a passagem do tempo e a ligação com o lugar, a autenticidade do habitar. Nada mais belo do que aquilo que nos liga à terra, e nada mais encantador do que o trabalho artesanal com este mesmo material.”*<sup>194</sup> Não temos que seguir uma tradição, deveremos sim questioná-la, perceber a sua essência, entendê-la, não como algo do passado, mas também como algo do futuro, desafiando-a à inovação. Estabelece-se assim, um diálogo entre a tradição e a contemporaneidade, distinguindo as semelhanças e a continuidade, abandonando a diferença e a ruptura, na procura da autenticidade de uma tradição. *“(...) estamos condenados a esta fascinação exercida pelo mundo de onde viemos, que nos fez como somos, que nos forneceu as normas com e contra as quais viver, isto a que sempre se denominou tradição.”*<sup>195</sup>

Nestes cinco casos apresentados, segue-se a lógica de demolir o que dificultava a clarificação do espaço ou do que estava degradado e irrecuperável. Este é um processo mais intuitivo do que definido por uma regra, sendo imprescindível eleger o que permanece e o que se deve demolir. Destes equipamentos agrícolas, de espaços condicionados e de pequena escala, mantêm-se *“(...) as suas paredes, a pele, essa fronteira entre o espaço exterior e interior”*<sup>196</sup>, recupera-se ou substitui-se o que se encontra irrecuperável com o objectivo de manter a lógica dos originais, reafirmando as suas características estruturais e formais. A preexistência acaba por se tornar num invólucro, numa pele que rejuvenesce e se mantém como o limite desta nova realidade. *“(...) a manutenção de elementos ou a reconstituição de outros que depois são unificados pela pintura em branco cria uma espécie de tempo neutral: nestas casas, tudo é novo, ou igualmente, tudo é velho.”*<sup>197</sup>

Os cinco projectos de intervenção são aqui apresentados como possíveis soluções no processo de reconversão de usos, assim como não se defende o tema da casa como o único programa possível. Não se pretende considerá-los como soluções únicas de intervenção mas apenas como exemplos,

<sup>193</sup> Raquel Martins, Dissertação de mestrado - “A ideia de lugar – Um olhar atento às obras de Siza”, p.141.

<sup>194</sup> Iñaki Ábalos, “A boa vida”, p.56.

<sup>195</sup> Ibidem, p.84.

<sup>196</sup> Ibidem, p.56.

<sup>197</sup> Jorge Figueira, “O arquitecto azul”, p.28.



complementando a análise do tema, reconversão em habitação. Este é um tema actual, que não surge a partir de uma *moda*, mas sim de uma necessidade de agir perante uma evolutiva perda de identidade. *“(...) a recuperação e reutilização de edifícios e espaços existentes surge como uma necessária atitude.”*<sup>198</sup>

Nestes casos, todos os arquitectos viram a oportunidade de transformar o que foi eleito pelo tempo. No caso da casa em Cortegaça foi o próprio arquitecto João Mendes Ribeiro que propôs ao dono a transformação do pequeno palheiro, assim como o arquitecto Miguel Figueira que decidiu adquirir o antigo celeiro para o transformar na sua própria casa. Nos outros três casos, a transformação foi a pedido dos donos, que tiveram algum cuidado na escolha do arquitecto, criando uma influente relação com o mesmo, reflectindo-se, mais tarde, nas várias abordagens feitas.

Todas as cinco preexistências não mostravam qualquer relevância arquitectónica mas apresentavam uma grande precisão construtiva e dimensional, qualidades estas que permitiam a possibilidade de transformação. O ponto de partida de cada projecto é a preexistência, a qual se torna parte integrante do novo conjunto através da sua maior ou menor transformação; como no caso do palheiro o qual se manteve mais próximo, a nível exterior e interior, da sua imagem passada. Neste caso utilizaram-se os mesmos materiais e técnicas tradicionais numa linguagem mais simplificada, adicionando o mobiliário de forma a realçar o seu lado contemporâneo. No caso da quinta, projecto do arquitecto Álvaro Siza, foram utilizados novos materiais, técnicas e rigor que a arquitectura contemporânea permite alcançar, criando assim um novo volume, de um novo tempo, que se relaciona com os já existentes através de um novo pátio. O seu interior foi definido a partir do mobiliário de colecção dos donos da quinta, assim como dos hábitos e relações que estes têm com o espaço de habitar. Esta seria uma casa para habitação permanente, a partir da qual se viveria numa directa relação com a agricultura, marcada pelas ligações visuais com a paisagem. Tanto no caso da adega, dos arquitectos Aires Mateus, como no caso do sequeiro, do arquitecto José Gigante, a preexistência é definida como um limite, uma capa protectora de um interior contemporâneo no qual é utilizado um sistema construtivo específico, numa rigorosa abordagem técnico-construtiva, e o branco a cor neutra definidora do espaço. O sequeiro foi o único caso no qual foi necessário reconstruir todo o edifício, reutilizando peças de outros edifícios semelhantes, redefinindo as proporções dos vãos e reinterpretando elementos característicos e definidores deste tipo de edifícios, como o caso dos ripados de madeira protectores dos vãos. Nestes dois últimos casos, foi necessário a criação de novas aberturas para o exterior; no caso da adega procurando a simetria, no caso do sequeiro procurando emoldurar a paisagem envolvente. Nos outros três casos não houve essa necessidade, todos os vãos existentes foram mantidos e de certa forma acabaram também por definir a organização do programa. No projecto do arquitecto Álvaro Siza, para além da criação de um novo volume, foram transformados os vários existentes, um dos quais em casa para os visitantes, no qual o seu programa temporário é definido em relação aos vãos existentes que marcam fortemente aquele volume. Este projecto é o único definido não só pelos hábitos e vivências de quem o irá habitar como também pelas peças de design de uma colecção única e que necessita de um

<sup>198</sup> Jorge Figueira, “O arquitecto azul”, p.23.

espaço para coexistir, sendo então transformada a antiga habitação da quinta numa galeria expositiva. Assim, neste projecto, ficam definidas três áreas e programas distintos, sendo a habitação, a galeria e o armazém/telheiro de apoio à actividade agrícola os elementos definidores deste novo conjunto que se relacionam entre si através das áreas resultantes entre eles, os dois pátios. No caso do palheiro há também uma preocupação na relação com a casa já existente no terreno, com os muros e ligações com a paisagem. Estes são redefinidos e assumidos, e o palheiro ligado à casa através de um percurso coberto, como um muro que define e suporta um novo jardim aromático. Embora não o seja, o palheiro agora transformado assume-se como a casa principal da propriedade. O arquitecto Miguel Figueira no projecto do celeiro procura uma nova ligação entre a casa e a rua, entre a casa e o jardim, criando assim um telheiro, um elemento que articula três diferentes espaços; aqui o jardim é apenas cuidado e a casa simplificada procurando uma fácil ligação entre os vários espaços que a definem. Este é o único projecto no qual há uma directa relação com a rua, por se situar numa área urbana e histórica na qual as ruas foram definindo-se através das construções.

Todos os casos têm definido um programa comum da habitação composto pelos espaços essenciais às necessidades que hoje definimos como indispensáveis – o espaço de comer, o espaço de estar, o espaço de dormir, o espaço de higiene. A forma como estes são definidos e a relação existente entre os vários espaços pode ser explorada, questionada ou subvertida procurando uma nova linguagem ou um novo conceito de habitar. Os arquitectos Aires Mateus procuraram um diferente modo de ocupação do espaço através da simplificação e subtracção, dominando a forma e o espaço existente entre ela. Um espaço contemporâneo criado a partir de um conceito onde o mobiliário e os hábitos do utente não influenciaram na definição do projecto, destinado à habitação sazonal. Independentemente do tipo de habitação a que se destinava, em todos os casos existe um elemento principal e definidor de todo o projecto e que marca as vivências de quem o habita. No projecto da quinta, é o novo pátio que define e relaciona as várias actividades existentes na quinta e permite a leitura do velho e do novo como um único conjunto. Também no projecto do sequeiro, o espaço central situa-se no exterior; a eira que se assume como o elemento principal de ligação entre o interior da casa e a paisagem envolvente. Nos outros três casos são espaços interiores que se assumem como centrais mas que de certa forma mantém alguma ligação com o exterior. No projecto do palheiro é a sala de estar de pé direito duplo o elemento central que relaciona as áreas do piso inferior com as do piso superior e que, devido às suas características que permitem filtrar a luz natural, marca o passar do tempo. Na adega é o vazio que se apresenta como espaço central e definidor de todo o projecto, o vazio que já existia e que foi subtraído através da construção de volumes definidos pelo programa. No caso do celeiro existe um espaço definido pelo próprio arquitecto e morador como o centro da casa onde todas as relações entre os vários espaços da casa acontecem.

Nestes cinco casos, há uma procura em manter apenas o essencial, o que define o verdadeiro carácter de cada edifício e que se torna intemporal. Através da transformação do que existia e da redefinição do espaço e programa, a casa foi implementada onde se pensava ser um mero desperdício. Esta é uma forma de construir sobre o construído; construir sobre uma preexistência é definir uma forma num lugar que já tem forma mas que supõe uma transformação do lugar. É marcar, de forma

diacrónica, o tempo de hoje, uma acção transitória que junta fragmentos do passado com o presente. É construir uma releitura do que existe numa contemporaneidade que se estrutura a partir de novos sentidos e valores. É importante saber equacionar e definir quais os critérios de intervenção mais adequados para cada intervenção procurando manter sempre uma poética que dinamize e qualifique a arquitectura e a vida dos homens.

*“Rupturas históricas não foram discutidas. O antigo foi adaptado ao novo ou o novo ao antigo, uma vez que, pelos vistos, sempre se ambicionou muito naturalmente a presença em si fechada do novo estado. Só quando se analisa a sua substância, se retira o reboco e se examina as juntas nos muros, estas obras antigas dão a conhecer a história complexa da sua origem.”*

*Peter Zumthor, “Pensar a arquitectura”, p.48.*

## NOTAS:

*“Martin Heidegger (1889 - 1976), filósofo alemão, um dos mais influentes do século XX. O seu ponto de partida de pensamento é o problema do sentido do ser.*

*Reagindo contra os processos de alienação decorrentes da sociedade industrial e da sobrevalorização da tecnologia, orientou posteriormente as suas reflexões para a área da linguagem, interpretada como o lugar de acesso ao ser, em que este simultaneamente se revela e se oculta e que, no seu desvelamento originário, traz consigo o fundamento da verdade. Anterior e independente do indivíduo, a linguagem é a «casa do ser na qual o Homem habita», cabendo-lhe procurar entender aquilo que ela lhe diz de forma dissimulada, sobretudo quando assume a forma poética.” (www.infopédia.pt)*

*“O ensaio “Construir, habitar, pensar” é uma tentativa de pensar o que significa habitar e construir. Esse pensar o construir não pretende encontrar teorias relativas à construção e nem prescrever regras à construção. Este ensaio de pensamento não apresenta, de modo algum, o construir a partir da arquitetura e das técnicas de construção. Investiga, bem ao contrário, o construir para reconduzi-lo ao âmbito a que pertence aquilo que é.”*

*“[Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954.”*

*“Christian Norberg-Schulz (1926 - 2000), teórico norueguês, está intimamente ligado à adoção de uma fenomenologia da arquitetura. Desde os primeiros estudos realizados na década de 1960 até ao seu livro “Architecture: meaning and place” (1988), Norberg-Schulz vem desenvolvendo uma interpretação textual e pictórica das ideias de Martin Heidegger (1889-1976), baseando-se sobretudo no ensaio do filósofo alemão Heidegger “Construir, habitar, pensar” (1951). Em “Intensions in architecture” (1963), Norberg-Schulz usou a linguística, a psicologia da percepção (Gestalt) e a fenomenologia para construir uma teoria abrangente da arquitetura.”*

*Kate Nesbitt, “Uma nova agenda para a arquitetura – Antologia teórica (1965-1995)”, Cosac & Naify, Maio 2006.”*

*“Peter Blake (1920 - 2006), arquiteto e escritor nascido em Berlim e naturalizado americano, editor da Revista “Architectural Forum” entre 1965 e 1972. Entusiasta do Movimento Moderno, escreveu “The Master Builders” e “God’s Own Junkyard” (Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1964), uma crítica contundente à deterioração da paisagem americana dos anos 1960. Uma década depois, alinhou-se aos críticos do Movimento Moderno no livro “Form Follows Fiasco” (Boston: Little Brown, 1977)”, no qual fala de uma arquitetura pós-moderna, propondo um reencontro com a arquitetura presente na memória colectiva dos povos, dando importância às formas retiradas da linguagem histórica da arquitetura, reinterpretado-as. (https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2012/02/24).*

*Frank Lloyd Wright (1867 - 1959), arquitecto norte-americano criador da “arquitectura orgânica”, conceito que teorizou por diversas vezes e que preside a construções onde se pretende criar uma harmonia entre os seus habitantes e o ambiente que as rodeia. (www.infopedia.pt)*

*Louis Sullivan (1856 - 1924), arquitecto modernista colaborou com Frank Lloyd Wright. As suas concepções arquitetónicas, de sentido funcionalista e organicista, foram bastante influenciadas pelos arquitetos vanguardistas Viollet-le-Duc e Gottfried Semper. Sullivan foi o principal teorizador de entre os arquitectos que integraram o movimento da Escola de Chicago, destacando-se, na sua vasta obra escrita, o ensaio, publicado em 1896, “The Tall Office Building Artistically Considered”. (www.infopedia.pt)*

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS .

**ÁBALOS**, Iñaki; *“A boa vida – visita guiada às casas da modernidade”*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona 2003.

**BACHELARD**, Gaston, *“A poética do espaço.”*; Martins Fontes, São Paulo 2008.

**BAEZA**, Alberto Campo, *“Pensar com as Mãos”*; Caleidoscópio, Fevereiro de 2011.

**BEAUDOUIN**, Laurent; **MACHABERT**, Dominique; **SIZA**, Álvaro; *“Uma questão de medida”*, Caleidoscópio, Março de 2009.

**BELO**, Ruy; *“Todos os poemas”*, Assírio & Alvim, Lisboa 2000.

**CABRAL**, Francisco Caldeira; *“Fundamentos da arquitectura paisagista”*, ICN 2003.

**D’ABREU**, Alexandre d’Orey Cancela; *“Paisagem e ordenamento do território”*; Inforgeo, Julho 2007, p.73-77 . <http://ebookbrowse.com/inforgeo-20-21-paginas-073-077-pdf-d70202214>

**DIAS**, Manuel Graça; *“Manual das cidades”*; Relógio D’Água Editores, Lisboa, Novembro de 2006.

**DOMINGUES**, Álvaro; *“Vida no campo”*, Equações de arquitectura, Dafne editora, Porto 2011.

**FIGUEIRA**, Jorge; *“O arquitecto azul”*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Dezembro 2010.

**GASTAL**, Susana, *“Alegorias Urbanas: o Passado Como Subterfúgio”*, coleção turismo, papirus editora, 2006.  
[http://books.google.pt/books/about/Alegorias\\_urbanas\\_o\\_passado\\_como\\_subterf.html?id=hq86JDnnVbAC&redir\\_esc=y](http://books.google.pt/books/about/Alegorias_urbanas_o_passado_como_subterf.html?id=hq86JDnnVbAC&redir_esc=y)

**GIGANTE**, José; *“José Gigante – Habitar”*; Caleidoscópio, Março 2008. Textos de Victor Mestre intitulado de *“Entre Giacometti e Sakamoto – Da recolha da memória à sua (re)invenção”*, página 06 à 11 e de Luís Ferreira Alves, sem título, p.04 e 05.

**GUERRERO**, Julián Santos; **TAVARES**, Gonçalo M.; **ROCHA**, Paulo Mendes da; *“Pensar a casa – conferências da casa 1”*; Associação Casa da Arquitectura, Janeiro de 2001.

**JORGE**, Gorjão; *“Lugares em Teoria”*; Caleidoscópio, Março 2007.

**EAMES**, Charles; *“¿Qué es una casa? ¿Qué es el diseño?”*; Editorial Gustavo Gili, Barcelona 2007.

**HIGINO**, Nuno; *“Álvaro Siza - Desenhar a hospitalidade”*; Associação Casa da Arquitectura.

**LE CORBUSIER**, *“Por uma arquitectura”*, Estudos, Perspectiva, 2000.

**NOGUEIRA**, Carlos; *“Desenhos de construção com casa . e céu”*, Câmara Municipal de Almada, 2006.

**NORBERG-SCHULZ**, Christian; **“Genius loci - Paesaggio ambiente architettura 1979”**, Documenti di architettura, Electa, Milano 2009.

**PORTAS**, Nuno; **escritos 1963.2004 – “Os tempos das formas, volume I : A cidade feita e refeita.”**; DAAUM/Guimarães, Outubro 2005.

**PORTUGHESI**, Paolo; **“Depois da arquitectura moderna”**, Arte e Comunicação, edições 70, Lisboa 1985.

**RODRIGUES**, António Jacinto; **Teoria da arquitectura – “O projecto como processo integral na arquitectura de Álvaro Siza” -**; Faup publicações, Porto 1996.

**SIZA VIEIRA**, Álvaro; **GREGOTTI**, Vittorio; **“Imaginar a Evidência”**, Lisboa, 1998.

**SIZA**, Álvaro; **“01 Textos”**; Civilização Editora, Porto, Abril de 2009.

**FERNANDES**, José Manuel; **LAND**, Casten; **SAT**, Claudio; **TOUSSAINT**, Michel; **“Telhados Contemporâneos na Arquitectura Portuguesa”**, Edição Cláudio Sat, Lisboa 2005.

**TAINHA**, Manuel; **“Textos de arquitectura”**, Caleidoscópio.

**TAVARES**, Domingos; **“Da rua formosa à firmesa.”**; Edições do curso de arquitectura da ESBAP.

**TÁVORA**, Fernando – **“Da organização do espaço”**, FAUP publicações, 1999.

**TÁVORA**, Fernando – **“O problema da casa portuguesa”**, cadernos de arquitectura, 1947.

**VÁRIOS**, **“Arquitectura Popular em Portugal”**, Ordem dos Arquitectos vol.2 , Lisboa, 2004.

**VÁRIOS**, **“Escrita na paisagem – festival de performance e artes da terra”**; mimesis – colecção B. Texto de Aurora Carapinha intitulado de **“Escrita na Paisagem”**, página 09 e 10; transcrição de excertos da autoria de Aurora Carapinha, Carrilho da Graça e João Gomes da Silva, do debate sobre paisagem, sob o título **“Encontros de Monsaraz”**, página 21 e 22.

**VÁRIOS**, **“Falemos de casas: entre o norte e o sul”** - Trienal de arquitectura de Lisboa 2010, Athena.

**VÁRIOS**, **“JMR 92.02 – Arquitectura e cenografia – architecture and set design”**, XM escadas de quebra-costas7, Coimbra 2003. Texto de Manuel Graça Dias intitulado de **“Poética inquietação. Arquitectura e cenografia de João Mendes Ribeiro”**, página 11 a 17; conversa com Ricardo Pais, Setembro de 1998, página 18.

**VÁRIOS**; **“Só nós e santa tecla”**, Equações de arquitectura, Dafne editora, 2008.

**VENTURA**, Ruy; **“Arquitectura do silêncio”**, Difel, 2000.

<http://pt.scribd.com/doc/67753594/arquitectura-do-silencio>

**ZEVI, Bruno; “Saber ver a arquitectura”, Arcádia Lisboa, 1977.**

**ZUMTHOR, Peter; “Pensar a arquitectura”; Editorial Gustavo Gili, Barcelona 2005.**

**ZUMTHOR, Peter; “Atmosferas”; Editorial Gustavo Gili, Barcelona 2006.**

## REVISTAS . ARTIGOS .

### **AV Monografias 120 (2006) – Casa Nuestra.**

**Arq./a – arquitectura e arte nº46 – “Memórias difusas”; Junho 2007.** – Entrevista a João Mendes Ribeiro intitulada de “Não sei se há limites precisos”, página 24 a 31.

**Arq./a – arquitectura e arte nº82/83 – “Acções patrimoniais”; Julho/agosto 2010.** – Entrevista a Alexandre Alves Costa, João Luís Carrilho da Graça, João Mendes Ribeiro, Léon Krier, Bert de Muynck/Mónica Carriço, Manuel Mozos e Ana Reis/Marta Galvão Lucas, intitulada de “Acções patrimoniais – perspectivas críticas” por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo, p.24 a 39.

**Arq./a – arquitectura e arte nº101 – “Resistências rurais”; Março/Abril 2012.** – Entrevista a Dewey Thorbeck, Joshua Bolshover + John Lin, Alexander Pfanzelt, Teresa Marat-Mendes, Aldo Cibic, Vicente Guallart e Carlos Quintáns, intitulada de “Resistências rurais – perspectivas críticas” por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo, p.22 a 39.

**Arquitectura ibérica nº10, “habitar”, 2005, caleidoscópio.** Texto de João Álvaro Rocha intitulado de “Uma casa é uma casa e cada casa é uma casa”, página 40 à 43; texto de Alberto Campo Baeza intitulado de “A tua casa, o teu mausoléu. A minha casa, nem museu, nem mausoléu. Il cielo in una stanza.”, página 44 à 52.

**Arquitectura ibérica nº12, reabilitação, Ed. Caleidoscópio 2006.** Texto de Victor Mestre intitulado de “Intervenções contemporâneas em património paisagístico, urbano e arquitectónico”, página 46 à 53.

**Arquitectura ibérica nº32, habitar, Ed. Caleidoscópio, Junho 2009.** Texto de Magda Mária e Pere Fuertes, intitulado de “As formas de habitar”.

**Arquitectura e Vida nº11– “Amâncio Guedes – anarquista, conservador”; Lisboa, Dezembro 2000.** Texto intitulado de “Encontro – Em defesa do Património Cultural e Natural: reabilitar em vez de construir”, página 22.

**Arquitectura e vida nº25 – “João Paciência – uma reflexão pelo desenho”; Lisboa, Março 2002.** Texto crítico de João Álvaro Rocha intitulado de “Uma nova existência” (em relação ao projecto de recuperação da pousada do Alamal, Gavião dos arquitectos Vitor Mestre e Sofia Aleixo), página 46.

**Arquitectura e Vida nº47–“Manuel Graça Dias – Leituras do real”; Lisboa, Março 2004.** Introdução intitulada de “Os lugares das memórias e das partidas”, p.41; texto crítico de Rui Barreiros Duarte



*intitulado de “Depuração contextualizada” e fotos de Duccio Malagamba, em relação ao projecto casa em Oudenburg, Bélgica, do arquitecto Álvaro Siza Vieira, página 42 à 49.*

**Arquitectura e Vida nº53– “Manuel Salgado – Projectos urbanos”; Ano IV, Lisboa, Outubro 2004.** *Texto de José Duarte Gorjão Jorge – “O outro lado da rua.”; página 38 a 41.*

**Arquitectura e Vida nº54 – “Manuel Aires Mateus – Espaços tensionados”; Lisboa, Novembro 2004.** *Entrevista a Manuel Aires Mateus intitulada de “Conceptualizar os campos de tensões”, página 38 à 45.*

**Arquitectura e Vida nº92/93 – “Reabilitações urbanas”, Maio/ Junho 2011.** *Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo a Álvaro Domingues intitulada de “Reabilitações Urbanas | Perspectivas Críticas”.*

**Arquitectura 21 nº3 – “Cidades creativas”; Abril 2009.** *Entrevista a Manuel Aires Mateus por José Romano e Filipe Gil, página 58 à 71.*

**El croquis 140 , Alvaro Siza 2001/2008 - “el sentido de las cosas/the meaning of things”, El Croquis Editorial, Madrid, 2008.**

**El croquis 154 , Aires Mateus 2002/2010 – “building the mould of space”, El Croquis Editorial, Madrid, 2011.**

**Jornal Arquitectos 203 - “From Bauhaus to our house”; Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos; Portugal, Novembro – Dezembro 2001.** *Texto de João Amaro correia intitulado de “Transformar, habitar – A construção do Lugar”, página 9 à 15.*

**Jornal Arquitectos 222 – “Programa”; Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos; Portugal, Janeiro – Março 2006.** *Texto de Paulo Martins Barata intitulado de “O programa como forma, a forma para lá do programa.”, páginas 24 e 25. Texto de Pedro Jordão intitulado de “O corpo errado.”, página 41.*

**Jornal Arquitectos 224 – “Morada”; Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos; Portugal, Julho – Setembro 2006.** *Texto de Ricardo Carvalho intitulado de “Morada: rua,casa.”, página 34 à 41; texto de Álvaro Domingues intitulado de “De que é que se fala quando se fala de casas?”, página 48 à 51; texto de Diogo Ferrer intitulado de “Arquitectura e Filosofia: do Projecto à Morada”, página 52 à 55; texto de Victor Beiramar Diniz intitulado de “E o jardim, como tudo o resto, estava deserto”, página 56 à 58; entrevista intitulada de “Álvaro Siza conversa com José Adrião e Ricardo Carvalho, Porto 20 de Junho 2006”, página 60 à 75.*

**Jornal Arquitectos 226– “Illegal”; Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos; Portugal, Janeiro – Março 2007.** *Entrevista intitulada de “Aires Mateus – Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus conversam com José Adrião e Ricardo Carvalho – Lisboa, 06 de Fevereiro de 2007.”, página 66 à 79.*

**Jornal Arquitectos 240– “Ser independente”; Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos; Portugal, Agosto – Setembro 2010.** *Texto de Paulo Pisco intitulado de “Independência e contexto”, entrevista a Miguel Figueira intitulada de “Se queres dançar paga a banda!”, por Ana Vaz Milheiro; texto de Manuela Graça Dias intitulado de “Entre o liberal e o funcional”.*

**Mais arquitectura nº2, “À conversa com João Mendes Ribeiro”, ano 1, Maio 2006.** *Entrevista a João Mendes Ribeiro intitulada de “O seu silêncio...e o seu tempo.”, página 13 à 20.*

**Revista Architectos – Habitação – 121, ano XII, Março de 1993.**

**Revista Finisterra nº72, vol.XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2001.** *Texto de Teresa Alves intitulado de “Paisagem – Em busca do lugar perdido”, p.67 a 74.*

[http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72\\_06.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_06.pdf)

**Revista Finisterra nº72, vol.XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2001.** *Texto de Álvaro Domingues intitulado de “Paisagens revisitadas”; p. 55 à 66.*

<http://www.apha.pt/boletim/boletim3/pdf/AlvaroDomingues.pdf>

**Revista Finisterra nº72, vol.XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2001.** *Texto de Teresa Barata Salgueiro intitulado de “Paisagem e geografia”, p.37 a 53.*

[http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72\\_04.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_04.pdf)

**Revista Ler, Julho/Agosto, 2012.** *Entrevista a Nuno Portas por Carlos Vaz Marques.*

**Revista NU nº02 – “Lugares”; Coimbra, Maio de 2002.** *Texto de Pedro Jordão intitulado de “Lugares”, página 02; texto de Marta Pedro intitulado de “Land arch construir paisagem”, páginas 04 e 06; texto de Ana Vaz Milheiro intitulado de “A invenção do Lugar”, páginas 08; texto de Paulo Varela Gomes intitulado de “Teoria do Sítio”, página 09.*

**Revista NU nº03 – “Cidades”; Coimbra, Junho de 2002.** *Texto de Pedro Jordão intitulado de “Cidades estes corpos que habitamos.”, página 02.*

**Revista NU nº05 – “Áreas de contaminação”; Coimbra, Novembro 2002.** *Texto e entrevista de Bruno Gil, Carina Silva e Vera Pinto intitulado de “João Mendes Ribeiro arquitectura e cenografia”, página 08 à 15.*

**Revista NU nº09 – “Sexo”; Março de 2003.** *Entrevista a Manuel Aires Mateus intitulada de “A sedução não interessa nada” por Carlos Guimarães, Carolina Ferreira e Pedro Canotilho, página 10 à 15.*

**Revista NU nº27 – “Habitar”; Coimbra, Outubro de 2006.** *Texto de Luís Loureiro intitulado de “Homeless People - Habitar o inabitável”, página 04 à 07.*

**2G nº28 – Aires Mateus – Revista internacional de arquitectura; editorial Gustavo Gili, S.A. 2002.** *Texto de João Pissarra intitulada de “CASA: quem a pensa e quem a vive”, página 44.*

*Habitar Portugal 2006-2008, Selecção Mapei/Ordem dos Arquitectos.*

**“A casa elementar. Casa na costa alentejana de Manuel e Francisco Aires Mateus Arquitetos (1)”**, Ricardo Carvalho, Setembro de 2004. *Arquitextos – Vitruvius*.

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.052/546>

**“Aires Mateus: A Arquitectura como o Eterno Retorno”**, texto de Ricardo Carvalho, *jornal Público*, 15 de Outubro de 2005.

[http://rcjv.rapidoefacil.com/F/artigo\\_view.cgi?artigo\\_id=8](http://rcjv.rapidoefacil.com/F/artigo_view.cgi?artigo_id=8)

**“A minha casa em Montemor”**, Miguel Figueira, *Opúsculo 10 - Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura*, Dafne Editora, Porto, Janeiro 2008.

[http://www.dafne.com.pt/catalogo\\_baixo3.php?id=10](http://www.dafne.com.pt/catalogo_baixo3.php?id=10)

**“Arquitectura Popular, Ruralidade e Património Construído”**, texto de José Augusto Maia Marques.

[http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Jose\\_Augusto\\_Maia\\_Marques.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Jose_Augusto_Maia_Marques.htm)

**“Carácter da Arquitectura e do lugar”**, texto de Amílcar de Gil e Pires, *ArtiTextos06*, Julho 2008.

[http://ciaud.fu.utl.pt/res/paper/ART\\_Amilcar-Pires.pdf](http://ciaud.fu.utl.pt/res/paper/ART_Amilcar-Pires.pdf)

**“Construir, habitar, pensar”**, de Martin Heidegger (*Bauen, Wohnen, Denken*, 1951, trad. Port. Marcia Sá Cavalcante Schuback), conferência proferida por ocasião da Segunda Reunião de Darmstad, in *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfulling, 1954.

[http://www.imagomundi.com.br/filo/heidegger\\_construir.pdf](http://www.imagomundi.com.br/filo/heidegger_construir.pdf)

**“Da inclusão da cidade anónima”**, texto de Manuel Graça Dias.

<http://www.arx.pt/pt/sobre-a-arx/338-manuel-graca-dias-da-inclusao-da-cidade-anonima>

**“Depois da cidade viária”**, de Manuel Graça Dias, 18 Maio 2011.

**“Entrevista a Carlos Machado”**, entrevista por Catarina Bianchi Prata em *“A Eternização da Arquitectura: Arquitectura e Imagem Fotográfica”*, Licenciatura em Arquitectura 2003/2004, FAUP, Porto 2004, p. 181.

**“Entrevista a João Mendes Ribeiro”**, por José Mateus, Outubro de 2004. *Arquitextos – Vitruvius*.  
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.020/3320?page=1>

**“GAT Montemor-o-Velho – recuperação do espaço público anexo ao Convento dos Anjos ( 1999-2002)”**, texto de Miguel Figueira, *Açoriano Oriental*, 10 de Maio de 2009.

<http://acores2010.blogspot.pt/2009/05/uma-ideia-de-patrimonio.html>

**“Habitar e habitus – um ensaio sobre a dimensão ontológica do acto de habitar (1)”**, Adson Cristiano Bossi Ramatis Lima; Dezembro de 2007; *Arquitextos – Vitruvius*.

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/183>

***“Na arquitectura começo pelo meu corpo e na cenografia começo pelo corpo dos bailarinos”***, conversa com João Mendes Ribeiro; 21 de Outubro de 2005; *Ordem dos Arquitectos – Núcleo do Médio Tejo*.

***“O conceito de lugar (1)”***, Luís Augusto dos Reis-Alves; Agosto de 2007, *Arquitextos – Vitruvius*. <http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/08.087/225>

***“O que é a paisagem?”***, entrevista a Gonçalo Ribeiro Telles conduzida por Luís Chaves e Maria do Rosário Aranha. *Jornal Pessoas e Lugares, Projecto Leader, Janeiro/Fevereiro 2004*

<http://raizes.blogs.sapo.pt/4939.html>

***“O perene e o efémero”***, entrevista a João Mendes Ribeiro por José Mateus para a revista *Linha 3*.

<http://www.arx.pt/en/texts/402-o-perene-e-o-efemero-2>

***“Projecto e obra de restauro da Real Fábrica do Gelo de Montejunto”***, Victor Mestre, 13 de Junho, 2001.

[http://www.vmsa-arquitectos.com/Fabrica\\_Gelo.pdf](http://www.vmsa-arquitectos.com/Fabrica_Gelo.pdf)

***“Ritos antigos e caminhos novos – Obras recentes de uma arquitectura portuguesa contemporânea (1)”***, João Belo Rodeia; Fevereiro de 2007.

<http://70.32.107.157/revistas/read/arquitextos/07.081/267>

#### DOCUMENTÁRIOS . PROGRAMAS .

***“Casas adormecidas – um passado com futuro.”***; um filme da Fundação Lapa do Lobo com produção GO-TO Audiovisuais, realizado por Ana Pissarra e José Cunha.

***“Territórios para a vida, requalificar para habitar”***, no programa *Encontros com o Património* - Edição de 25 de Junho 2011 – Rádio TSF. <http://feeds.tsf.pt/Tsf-EncontrosPatrimonio>

#### DISSERTAÇÕES .

**MARTINS, Luís Pimentel**; ***“O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade”***; Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Agosto 2009.

**MARTINS, Raquel M.**; ***“A ideia de lugar – um olhar atento às obras de Siza”***; Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009.

**SERRANO, Ana Catarina**; ***“Reconversão de espaços industriais – três projectos de intervenção em Portugal”***; Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, Outubro 2010.

**VENDA, Cátia**; ***“Reabilitação e reconversão de usos: o caso das pousadas como património”***; Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, Setembro 2008.

**ALMEIDA**, Fernando P. M. De Almeida; **“O património cultural no planeamento e no desenvolvimento do território”**; MPPAU, Porto 2005.

**RODRIGUES**, Ana Luísa Jardim Martins; **“A habitabilidade do espaço doméstico - O cliente, o arquitecto, o habitante e a casa”**, Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Dezembro de 2008.

**TRINDADE**, Mafalda Cardeiro Ubach; **“Reabilitar para habitar”**, Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, Fevereiro 2010.

PÁGINAS DE APOIO .

Enciclopédia e dicionários Porto Editora . [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

Googlebooks . <http://books.google.pt/bkshp?hl=pt-PT&tab=wp>

Google Earth Pro 4.2

ÍNDICE DE IMAGENS .

**i 01.** Fotos originais de: Miguel Figueira (casa em montemor), Fernando Guerra (casa em Cortegaça), Luís Ferreira Alves (casa em Guimarães), Duccio Malagamba e Roland Halbe - El Croquis 140 (Casa Van Middeltem-Dupont), Hisao Suzuki - El croquis 154 (casa em Azeitão).

**i 02.** Foto de Mariana Fartaria (Jardins em Serralves, 2011).

**i 03.** Samaiões, Chaves. Foto de Fernando Ribeiro. <http://chaves.blogs.sapo.pt/814803.html>

**i 04.** “Santa Vitória” 1949. <http://santa-vitoria.blogspot.pt/2011/09/as-ruas-da-nossa-aldeia.html>

**i 05.** Foto de Mariana Fartaria (cidade do Porto, 2011).

**i 06.** Foto de Mariana Fartaria (2011).

**i 07.** Rio de Onor. <https://secure.flickr.com/groups/ruralidades/>

**i 08.** “Arquitectura Popular em Portugal”, Ordem dos Arquitectos vol.2 , Lisboa, 2004, p.55. “Oriz. Vila Verde. Sequeiro quadrado”.

**i 09.** Developpement cuisine, Le Corbisier.

<http://morrishia.com/david/portfolio/boozy/research/modulor.html>

**i 10.** Fotos de Duccio Malagamba e Roland Halbe, El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.100.

**i 11.** Imagem original – Google Earth.

**i 12.** Imagem original – Google Earth.

**i 13.** Esquiço, El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.98.

**i 14.** Planta geral, El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.100.

**i 15.** Planta antigo armazém e novo edifício, alçado. Escala 1:200. El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.104.

**i 16.** Alçado. Escala 1:200. El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.104.

- i 17. Fotos de Duccio Malagamba e Roland Halbe, El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.105.
- i 18. Cortes – secção pelos quartos de dormir, antigo armazém e novo edifício. El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.104.
- i 19. Fotos de Duccio Malagamba e Roland Halbe, El Croquis 14. – Álvaro Siza Vieira, p.106, 107.
- i 20. Alçados e cortes da galeria de arte, corte da janela de esquina do novo edifício. El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.108.
- i 21. Fotos de Duccio Malagamba e Roland Halbe, El Croquis 140 – Álvaro Siza Vieira, p.108, 109.
- i 22. Fotos de Duccio Malagamba e Roland Halbe, El Croquis 14. – Álvaro Siza Vieira, p.101.
- i 23. Fotos de Duccio Malagamba e Roland Halbe, El Croquis 14. – Álvaro Siza Vieira, p.99.
- i 24. Foto de João Mendes Ribeiro. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.020/3320>
- i 25. Imagem original – Google Earth.
- i 26. Imagem original – Google Earth.
- i 27. Esquízo. <http://www.plataformaarquitectura.cl/2012/05/05/reconversion-de-un-granero-joao-mendes-ribeiro/>
- i 28. Planta. “Telhados Contemporâneos na Arquitectura Portuguesa”, Edição Cláudio Sat, Lisboa 2005. Escala 1:200
- i 29. Cortes. “Telhados Contemporâneos na Arquitectura Portuguesa”, Edição Cláudio Sat, Lisboa 2005. Escala 1:200
- i 30. Foto de Pedro Martins.
- i 31. Foto de Fernando Guerra. <http://www.ultimasreportagens.com/ultimas.php>
- i 32. Corte construtivo, axonometria. <http://www.plataformaarquitectura.cl/2012/05/05/reconversion-de-un-granero-joao-mendes-ribeiro/>
- i 33. Foto de Pedro Martins.
- i 34. Foto de Pedro Martins.
- i 35. Foto de Pedro Martins.
- i 36. Foto de Pedro Martins.
- i 37. Foto original de Hisao Suzuki, El Croquis 154 – Aires Mateus, p.68.
- i 38. Imagem original – Google Earth.
- i 39. Imagem original – Google Earth.
- i 40. Plantas, cortes. El Croquis 154 – Aires Mateus, p.70.
- i 41. Fotos originais de Hisao Suzuki, El Croquis 154 – Aires Mateus, p.71.
- i 42. Fotos originais de Hisao Suzuki, El Croquis 154 – Aires Mateus, p.72.
- i 43. Fotos originais de Hisao Suzuki, El Croquis 154 – Aires Mateus, p.68, 69, 74.
- i 44. Fotos originais de Hisao Suzuki, El Croquis 154 – Aires Mateus, p.76, 77.
- i 45. Foto original de Luís Ferreira Alves. <http://tectonicablog.com/?p=9504>
- i 46. Imagem original – Google Earth.
- i 47. Imagem original – Google Earth.
- i 48. Plantas. Escala 1:200. “José Gigante – Habitar”, p.78.
- i 49. Alçado, cortes, detalhe. “José Gigante – Habitar”, p.86.

- i 50. Foto original de Luís Ferreira Alves. <http://tectonicablog.com/?p=9504>
- i 51. Foto original de Luís Ferreira Alves. <http://tectonicablog.com/?p=9504>
- i 52. Foto original de Luís Ferreira Alves, “José Gigante – Habitar”, p. 72, 81.
- i 53. Foto original de Luís Ferreira Alves. <http://tectonicablog.com/?p=9504>
- i 54. Foto original de Miguel Figueira. <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=13>
- i 55. Imagem original – Google Earth.
- i 56. Imagem original – Google Earth.
- i 57. Planta, axonometria. <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=13>
- i 58. Foto original de Miguel Figueira. <http://www.miguelfigueira.info/filter/PHOTOS>
- i 59. Foto original de Miguel Figueira. <http://www.miguelfigueira.info/filter/PHOTOS>
- i 60. Foto original de Miguel Figueira. <http://www.miguelfigueira.info/filter/PHOTOS>
- i 61. Foto original de Miguel Figueira. <http://www.miguelfigueira.info/filter/PHOTOS>





*“Há boas e más construções, mas nenhuma é eterna. Por isso, quando se diz que o antigo é mais bonito, todos esquecem que o antigo feio já desapareceu...O tempo vai naturalmente elegendo o que tem de ficar. E isso não depende dos arquitectos. Depende dos homens.”*

*Inês Lobo, entrevista revista ArchiNews n.20, p.49.*